

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

MÁRCIA SARDINHA DA COSTA

Gênero e identidade(s) na contemporaneidade: os desafios do não-  
binário

GOIÂNIA – GO

2020

# Termo de Ciência e Autorização (TECA)

21/01/2021

SEI/UFG - 1712823 - Termo de Ciência e de Autorização (TECA)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### 1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação     Tese

### 2. Nome completo do autor

Márcia Sardinha da Costa

### 3. Título do trabalho

Gênero e identidade(s) na contemporaneidade: os desafios do não-binário

### 4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);
  - b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
- O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por Eliane Gonçalves, Professor do Magistério Superior, em 01/12/2020, às 16:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por MÁRCIA SARDINHA DA COSTA, Discente, em 04/12/2020, às 16:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 1712823 e o código CRC EF58A08B.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### 1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação     Tese     Outro\*: \_\_\_\_\_

\*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

### 2. Nome completo do autor

Márcia Sardinha da Costa

### 3. Título do trabalho

Gênero e identidade(s) na contemporaneidade: os desafios do não-binário

### 4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Gonçalves, Professor do Magistério Superior**, em 06/03/2023, às 11:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **MÁRCIA SARDINHA DA COSTA, Usuário Externo**, em 06/03/2023, às 14:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3571870** e o código CRC **A8CDA905**.

MÁRCIA SARDINHA DA COSTA

Gênero e identidade(s) na contemporaneidade: os desafios do não-binário

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás, na linha de pesquisa Direitos Diferenças, Desigualdades e Violências, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Gonçalves.

Goiânia, GO

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do  
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Costa, Márcia Sardinha da

Gênero e identidade(s) na contemporaneidade: os desafios do  
não-binário [manuscrito] / Márcia Sardinha da Costa. - 2020.  
132 f.

Orientador: Profa. Dra. Eliane Gonçalves.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,  
Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em  
Sociologia, Goiânia, 2020.

Bibliografia.

Inclui lista de tabelas.

1. Identidade. 2. Gênero. 3. Teoria queer. 4. Modernidade. 5. Não  
binário. I. Gonçalves, Eliane, orient. II. Título.

CDU 316

# Ata de Defesa

21/01/2021

SEI/UFG - 1712752 - Ata de Defesa de Dissertação



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 07 da sessão de Defesa de Dissertação de **Márcia Sardinha da Costa**, que confere o título de Mestra em **Sociologia**, na área de concentração em Sociedade, Política e Cultura.

Aos trinta de novembro de dois mil e vinte, a partir das quatorze horas na sala virtual <https://meet.google.com/jzp-myua-ewg>, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada “Gênero e identidade(s) na contemporaneidade: os desafios do não-binário”. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora Eliane Gonçalves (UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor Camilo Albuquerque de Braz (UFG) membro titular interno; Professor Doutor Luís Antonio Bitante Fernandes (UFMT), membro titular externo. Durante a arguição os membros da banca não/fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão reservada a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata aprovada pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Eliane Gonçalves, Presidenta da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Gonçalves, Professor do Magistério Superior**, em 30/11/2020, às 17:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camilo Albuquerque De Braz, Professor do Magistério Superior**, em 30/11/2020, às 17:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luís Antonio Bitante Fernandes, Usuário Externo**, em 30/11/2020, às 17:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 1712752 e o código CRC 39E3D998.

Referência: Processo nº 23070.049626/2020-48

SEI nº 1712752

## Agradecimentos

Os meus sinceros agradecimentos ao término deste trabalho vão para as pessoas que estiveram, de alguma forma, presentes nessa caminhada e que possibilitaram a realização desta escrita.

À Eliane Gonçalves, professora e orientadora querida, presente, atenta, generosa, respeitosa e cativante que fez dos momentos mais difíceis um motivo a mais para prosseguir. Sem seu carinho, atenção, paciência, humildade e conhecimento a realização deste trabalho seria improvável.

Aos meus familiares: Amélia, Ana Claudia, Ozana, Julio, João Batista e Fernando Henrique.

A professora Telma Ferreira do Nascimento Durães por embarcar comigo na escrita inicial acerca de meus interesses nas questões não-binárias.

Ao professor Camilo Braz e a professora Joana Plaza pelos compartilhamentos de referenciais bibliográficos e de conhecimentos.

Aos amigos Régis, Henricsom e Josias, pelo acolhimento, pelas escutas e incentivos. O que se estende à Jaira Puppim, minha “co-orientadora” e incentivadora, nos momentos finais da escrita.

A Carolina Campos pelas escutas e encorajamentos.

Aos colegas do grupo de estudos e orientação Elismênia Oliveira, Adriano Passos, Deyvid Morais, Gabriela Peixoto, Lídia Freitas, Renata Pessoa pelo carinho, compartilhamento de aprendizado, angústias e colaborações outras.

A turma de 2018 do Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Aos professores: Flávio Sofiati (Teoria Sociológica I); Andréia Vetorassi (Teoria Sociológica II); Nildo Viana (Métodos e Técnica de Pesquisa Social); Eliane Gonçalves (Diferença, Desigualdade, Cidadania). E aos colegas: Adam Henrique, Fernanda Miranda, Felipe Andrade, Flávia Alchuffi, Hugo de Oliveira, Joab Silva, Saulo Neto, Luiz Antônio Ferro, Vitor Gomes e Ana Karina Calmon, pelos compartilhamentos.

Aos professores Camilo Albuquerque de Braz e Glauco Batista Ferreira pelos comentários fundamentais no exame de qualificação. Ao Camilo, ao professor Luís Antonio Bitantes

Fernandes e à professora Telma Ferreira do Nascimento Durães pelo aceite em compor a banca examinadora de defesa da dissertação.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo incentivo à pesquisa por meio de concessão de bolsa. Esta, com a qual fui contemplada, e que me possibilitou dedicação exclusiva na construção desta dissertação.

A secretaria do Programa de Pós-Graduação em Sociologia na pessoa da Letícia Ferreira, secretária do programa, por sua atenção e auxílios burocráticos.

A todas as pessoas que em algum momento estiveram próximas e acompanharam esta caminhada.

Por fim, sou grata às existências não-binárias e transgênero que fizeram possível este trabalho e o entendimento de que viver é resistência.

## Resumo

Nesta dissertação apresento conceitos e analiso identidades de gênero não-binárias na contemporaneidade. A formação da identidade neste cenário se dá através da organização política e social das minorias representativas que se apropriam dos meios de produção do conhecimento/poder para tornarem válidas suas existências e para pautarem suas demandas. Assim, movimentos como os feministas e LGBTQIA+, com a problematização a partir de suas categorias de análise social – gênero, sexualidade, e *queer* – são fundamentais para compreender o processo de formação da subjetividade e agenciamento dos/es sujeitos/es, tornando possível a existência de identidades e as vivências “dissidentes”. Ao realizar uma investigação qualitativa nos meios digitais, usando a análise de conteúdo, foi possível pensar as identidades de gênero não-binárias na sociologia como tema relevante porque traz para o debate mudanças que já se encontram em curso no que diz respeito à noção de identidade e em estruturas como a da linguagem. A fragmentação das identidades e as mudanças estruturais propostas por pessoas não-binárias, para além de um “ato de rebeldia”, mostram que não há, necessariamente, que se abandonar o núcleo de inteligibilidade da “identidade tradicional”, mas sim compreender que as existências extrapolam e muito a pretensa verdade binária de gênero.

**Palavras-chave: Identidade; Gênero; Teoria *queer*; Modernidade; Não-binário**

## **Abstract**

Throughout this dissertation, I introduce concepts and analyze non-binary gender identities in current times. The formation of the identity in this scenario happens through political and social organization of representative minorities who take ownership of the means of production of knowledge/power to validate their existences and address their demands. Therefore, movements like feminism and the LGBTQIA+ movement, with the questionings from their social analysis categories – gender, sexuality and queer – are fundamental in order to understand the process of subjectivity formation and subject agency, making possible the existence of “dissident” identities and life experiences. By developing a qualitative investigation on digital media using content analysis, I was able to reflect on non-binary gender identities in Sociology as a relevant theme, as it brings to the debate changes that are already in course regarding the notion of identity and the structures of language. The fragmentation of identities and the structural changes proposed by non-binary people, much more than an “act of rebellion”, show that we do not need to necessarily abandon the core of the “traditional identity” intelligibility, but to understand that existences go very much beyond the alleged binary gender truth.

**Key-words: Identity; Gender; Queer theory; Modernity; Non-binary**

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	13
Percurso Metodológico .....	18
1. IDENTIDADE DE GÊNERO, OS DESAFIOS DE UM CONCEITO .....	28
1.1. Gênero: trajetórias e perspectivas de um conceito .....	29
1.2. Teoria Queer: uma produção a partir do “estranho” .....	36
1.3. Fórum: um breve olhar .....	40
1.3.1. As dificuldades de reconhecimento das questões dos/es não-binários/es .....	40
1.3.2. Algumas especificidades do universo não-binário/e .....	44
1.3.3. Algumas demandas de não-binários/es apontadas por participantes do Fórum .....	47
2. IDENTIDADE(S): A MODERNIDADE E O PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO .....	50
2.1. Do indivíduo/sujeito à pessoa: uma política da singularidade no social? .....	52
2.2. Subjetivação: a constituição do eu no social .....	61
2.3. Identidades não-binárias: uma sociedade andrógina, “sem gênero”, ou mais uma autonomeação? .....	64
2.3.1. Identidades de gênero guarda-chuvas .....	66
2.3.2. Identidades ligadas à feminilidade .....	69
2.3.3. Identidades de gênero ligadas à masculinidade .....	71
2.3.4. Identidades de gênero neutro .....	73
2.3.5. Identidades de gênero relacionadas à feminilidade e à masculinidade .....	75
2.3.6. Identidades de gênero múltiplas e fluidas dentro e fora do binário .....	77
2.3.7. Identidades de gênero diversas que fluem dentro e/ou fora do binário .....	79
2.3.8. Identidades de gênero que denotam mudanças frequentes .....	82
2.3.9. Identidades de gênero parciais .....	84
2.3.10. Identidades de gênero exclusivas .....	86
2.3.11. Identidades de gênero imprecisas ou difíceis de apreender .....	88
2.3.12. Identidades independentes de feminilidade, masculinidade e neutralidade .....	90
2.3.13. Identidades ligadas à figuração .....	92
3. A BUSCA POR RECONHECIMENTO, UM PROCESSO HISTÓRICO E CONTÍNUO .....	95
3.1. “Neolinguagem” ou linguagem neutra, a “escrita de si”, um processo subjetivo no social .....	96
3.2. Estratégia de visibilização, a revista Elx #1 .....	101
3.3. Da sub-representatividade à notoriedade, quando a “minoría” se torna evidente .....	104
3.3.1. Matérias que remetem à tendência mercadológica .....	107
3.3.2. Matérias de contexto político-social sobre identidades não-binárias .....	110

3.3.3 Matérias de jornalismo científico .....	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	119
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO .....	122

## Índice de quadros

Quadro 1 – Trabalhos acadêmicos, dissertações e teses, sobre não-binários/es .....	21
Quadro 2 – Identidades de gênero “guarda-chuvas” e bandeiras.....	67
Quadro 3 – Identidades ligadas à feminilidade e bandeiras.....	69
Quadro 4 – identidades de gênero ligadas à masculinidade e bandeiras.....	71
Quadro 5 – Identidades de gênero neutro e bandeiras.....	74
Quadro 6 – identidades de gênero relacionadas à feminilidade e à masculinidade e bandeiras .....	76
Quadro 7 - Identidades de gênero múltiplas e fluidas dentro e fora do binário e bandeiras .....	77
Quadro 8 – Identidades de gênero diversas que fluem dentro e/ou fora do binário e bandeiras.....	79
Quadro 9 – Identidades de gênero que denotam mudanças frequentes e bandeiras .....	82
Quadro 10 – Identidades de gênero parciais e bandeiras .....	84
Quadro 11 – Identidades de gênero exclusivas e bandeiras.....	86
Quadro 12 – Identidades de gênero imprecisas ou difíceis de apreender e bandeiras .....	89
Quadro 13 – Identidades independentes de feminilidade, masculinidade e neutralidade e bandeiras .....	91
Quadro 14 – Identidades ligadas à figuração e bandeiras .....	92
Quadro 15 – Artigos .....	98
Quadro 16 – Pronomes .....	98
Quadro 17 – Finais de Palavras .....	99
Quadro 18 – Matérias de tendência mercadológica.....	109
Quadro 19 – Matérias de contexto político-social sobre identidades não-binárias.....	114
Quadro 20 – Matérias de jornalismo científico.....	118

## INTRODUÇÃO

Refletir sobre a identidade e suas problemáticas é, sem dúvidas, se embrenhar num extenso curso acerca do que significa ser e estar no mundo. Ser na relação que se estabelece com o outro e consigo mesmo no momento em que se cria e dá sentido aquilo que te constitui; estar ou experienciar a vivência daquilo que nos cerca, nos diferencia e iguala ao mesmo tempo.

Ao fazer essa reflexão e situar onde estamos socialmente, no que nos tornamos e quais significados assumimos para nossa constituição presente, precisamos retomar a alguns aspectos daquilo que fomos e abandonamos para compreender para onde estamos caminhando. De modo que ao assumir que sou mulher, feminista, cisgênero, heterossexual, branca, cristã, periférica, sul americana e tantas outras pertenças ou filiações aqui não declaradas; deixo de explorar uma quantidade extraordinária de vivências, assim como vivencio tantas outras que me são possíveis, conforme me são dadas, conquistadas ou postas as condições sociais de existência (MARX e ENGELS, 1998).

Nessa caminhada há fatores relevantes e necessários que me fizeram chegar á temática da identidade de gênero e, depois, aos gêneros não-binários/es<sup>1</sup>. Estar numa universidade pública, fazer parte de grupos de estudos e pesquisa é, sem dúvida, parte fundamental para minha inserção no campo dos estudos sobre identidade. Assim que com minha participação no projeto de pesquisa “Estratégias de transmissão intergeracional no feminismo brasileiro (1980-2010)”, iniciado em 2011 e finalizado em 2014, tomei conhecimento do debate sobre “o sujeito” dos feminismos suscitado pelas jovens feministas<sup>2</sup> que demandavam visibilidade e voz dentro do movimento, além de trazerem de volta e de forma mais pontual questões relacionadas ao direito ao corpo: aborto, a não violência, a liberdade de expressões de gênero que vão além do binário masculino/feminino, homo/hetero, etc.

---

<sup>1</sup> Nesta escrita buscarei utilizar, ao máximo ou até que minha mente treinada no binário me traia, palavras que denotem neutralidade como um modo de utilizar a linguagem neutra de gênero, como por exemplo, o uso das vogais **e, i, u** ao final de algumas palavras, como um modo diferenciado do uso da grafia em língua portuguesa, em virtude dos binarismos que qualificam as terminações em **a** como feminino e **o** como masculino. O uso dessas vogais conferem um caráter “neutro” a tudo que usualmente aparece como já dotado de sexo/gênero no binário.

<sup>2</sup> A partir dos movimentos “Marcha das vadias” amplamente difundidos em nível nacional e internacional e de eventos como o Riot Grrrls (Melo, 2013) e Femen, as jovens feministas se fizeram notar por suas novas formas de protestos nas ruas das cidades, nas plataformas virtuais e mídias em geral.

Dado este cenário inicial de minha aproximação com a temática da identidade, esta dissertação teve como objetivo explorar a produção escrita disponível acerca das “novas identidades” de gênero, sob a sigla do não-binário/e e problematizar as contribuições dos movimentos feministas e LGBT na (des)construção dessas identidades e, ao mesmo tempo, investigar quais processos de visibilidade estão envolvidos, buscando identificar sujeitos/es empíricos nos quais essas identidades se estabilizam. Assim que, da proposta de pesquisa a esta escrita algumas proposições e entendimentos mudaram, seja por questões relacionadas a dificuldades encontradas no campo ou mesmo pelo aprofundamento na compreensão acerca das identidades e seu significado subjetivo (quando compreendido na relação pessoa/eu) e social (quando visto em âmbito mais amplo).

Para pensar o contexto mais amplo objetivado acima foram privilegiados alguns recortes que visaram analisar se o contexto de formação das identidades hegemônicas influi na construção das “novas identidades”, ou seja, o que há dessas identidades nas fronteiras de formação das “novas classificações”; refletir sobre a importância ou o impacto gerado pela criação dessas novas identidades nas políticas sociais; e problematizar as construções dessas “novas classificações” nos espaços intermediários das masculinidades e feminilidades, pensando em como essas “classificações” mantêm ou rompem com as noções de identidades estabelecidas.

Portanto, para cumprir com as propostas lançadas e responder as questões: “O que sobra de identidade quando uma nova classificação é enunciada? Essa nova classificação/identidade apaga as já estabelecidas, é uma adição a partir das já existentes, diminuiria a importância de uma identidade estabelecida ou apenas borra as fronteiras onde se cria a interseção das identidades?”, trago alguns conceitos, termos e percursos que auxiliam na análise e compreensão dos objetivos e discussões privilegiadas neste trabalho.

Assim, tanto o contexto da pesquisa quanto minhas incursões pelos feminismos, teórica e empiricamente, juntamente com as discussões feitas em grupos de pesquisa e estudos, me aproximaram das discussões de gênero. Este que há muito se consolidou como ferramenta de análise na teoria social demonstrando sua importância e atualidade em nosso cenário em contextos que vão desde o âmbito mais amplo do social, político e cultural à subjetividade – aqui entendida como: “[...] uma produção incessante que acontece a partir dos encontros que vivemos com o outro” (MANSANO, p.111, 2009). O percurso de discussão do gênero perpassa e intersecta com múltiplas categorias de interesse sociológico, contudo, o que

aqui se privilegia é a da identidade de gênero forjada na contemporaneidade, pelo menos desde os anos 1960, e apoiada em conceitos e teorias que dão respaldo e inteligibilidade às mesmas (RUBIN, 1975; SCOTT, 1989; BUTLER, 2003; PRECIADO, 2014).

Os movimentos identitários como os feminismos e o LGBTQIA+<sup>3</sup> trazem muitas e significativas contribuições para a discussão do gênero e da identidade. Isto é, são lugares onde os embates e a colaboração são forjadas como um modo de compreender/tornar inteligível as relações de poder que marginalizam e hierarquizam identidades, corporeidades, orientações sexuais e românticas etc. Além de proporcionarem produções robustas acerca das lutas, conquistas e demandas advindas de grupos diversos/plurais que dão significado e que impulsionam os movimentos.

Nesse processo de inteligibilidade e visibilidade ds identidades de gênero, e a uma infinidade de práticas/expressões corporais e desejos, outras ferramentas de análise foram sendo construídas fornecendo mecanismos de (re)escrita das existências dissidentes, como tem sido feito pela teoria *queer*. Esta que se volta para as minorias representativas buscando a validação da diversidade fora/apartada das relações de patologização advindas das normas hierarquizantes e padronizadas da heteronormatividade e do binarismo de gênero. Articulada a partir das teorias de gênero, do poder e da desconstrução, a teoria *queer* tem impulsionado as discussões e políticas identitárias demonstrando que as vivências nas margens são plurais, válidas e possíveis (SEDGWICK, 2007; MISKOLCI, 2007: 2009; PRECIADO, 2011; PELÚCIO, 2014; LOURO, 2018).

Tido como um dos grupos que expressam/figuram a proposição de visibilização identitária de que trata a teoria *queer*, o movimento LGBT, brasileiro, traz e debate essa “representação” nos modos de dar notoriedade às comunidades marginalizadas, como consta na trajetória histórica da sigla que o compõe. Assim, apresentarei, de forma resumida, esse percurso e justificarei a adoção, na dissertação, do uso estendido da sigla atualmente reconhecida pelo movimento nas reuniões e nos eventos oficiais.

A sigla do movimento LGBT passou e ainda passa por um processo de inclusão de categorias/classificações de identidades de gênero e orientações sexuais e românticas. Essas mudanças acompanham um histórico de lutas por visibilizações das diferenças do e no

---

<sup>3</sup> Sigla para Lésbica, Gay, Travesti, Transexual, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual, + existe para os segmentos que não se veem representados pelas letras existentes e que quiserem inserir a sua letra à sigla.

movimento, ou seja, representam desafios e conquistas de comunidades plurais que buscam quebrar barreiras e preconceitos em relação a orientações sexuais e românticas, a identidades de gênero, a expressões de masculinidades e feminilidades, a corporalidades dissidentes etc.

Referenciada nos textos de Facchini e França (2009), Duque (2009), Simões e Facchini (2009), Molina (2011) e Aguião (2016), Gomes e Zenaide (2019), trarei abaixo as designações, datas (anos) e siglas que o movimento LGBT já assumiu até o presente momento e que me auxilia na justificativa da adoção do conjunto LGBTQIA+, feita nesta dissertação. Nesse sentido, a exposição cronológica serve apenas como forma de mostrar os períodos e as designações, isso porque, há um extenso contexto histórico que abarca a discussão acerca das motivações para a assunção desses conjuntos, algo que extrapola as proposições desta escrita.

- Do final dos anos 1970, momento de ascensão do movimento gay no Brasil, até o início dos anos 1990, o movimento era denominado Movimento Homossexual Brasileiro, MHB;
- Em 1993 o movimento incluiu o L de lésbicas em sua sigla e passou a ser denominado Movimento de Gays e Lésbias, MGL;
- No período que corresponde à década de 1990, existiu a denominação Gays, Lésbicas e Simpatizantes, GLS, de cunho mercadológico que deu muita notoriedade ao movimento. Neste mesmo período e na contramão do nascente “orgulho gay”, celebrado pelo mercado, o movimento foi designado a partir das políticas de saúde de HSH (Homens que fazem sexo com homens) e MSM (Mulheres que fazem sexo com mulheres);
- Em 1995 o movimento incluiu o T de travestis em sua sigla passando a ser conhecida como Gays, Lésbicas e Travestis, GLT;
- Em 1999 surge a denominação Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros, GLBT e outras variações;
- Em 2005, no XII Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros, aprovaram o uso da sigla GLBT, com a inclusão oficial do B de bissexuais e do T como referência à travestis, transexuais e transgêneros;
- Em 2008 ocorreu outra mudança na sigla do movimento que a partir da Conferência Nacional GLBT que aprovou o uso oficial da sigla LGBT como forma de visibilizar as lésbicas. Dessa forma, até o presente momento, o movimento é oficialmente denominado LGBT.

Vale dizer que todas essas mudanças aconteceram mediante muitos embates no movimento, contudo, como mostra a história do mesmo, há espaços para contestações e abertura para novas inserções, variações e mudanças (SIMÕES e FACCINI, 2009). Dessa forma a adoção que faço da denominação Lésbica, Gay, Travesti, Transexual, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual<sup>4</sup>, + (para os segmentos que quiserem inserir sua letra), LGBTQIA+, e suas variações vão nessa direção de uma demanda de segmentos que querem ver suas identidades e orientações representadas/es pelo movimento. O que demonstra que essa construção encontra-se em pleno debate e disputa.

A modernidade tardia ou pós-modernidade<sup>5</sup> é o cenário onde se dão essas disputas, negociações e jogos de visibilidade e validação das identidades e expressões de gênero e sexualidades. Um campo hierarquizado, demarcado, repleto de tensões e entrecruzado por questões sociais, políticas/econômicas e culturais que vão desde as representações mais fechadas/tradicionais as mais abertas ao diálogo e ao intercâmbio cultural. Num jogo de poder incessante onde as minorias para se fazerem notadas têm se reinventado se apropriando dos mecanismos que possibilitam certo agenciamento e horizontalidade no acesso à informação, e conseqüentemente, ao conhecimento/poder (VELHO, 1981; BOAVENTURA, 1993; BAUMAN, 2001; HALL, 2005).

“Fazer-se” neste espaço de grandes e rápidas transformações requer muitos enfrentamentos e negociações, o que implica num processo de busca contínua de inteligibilidade da subjetividade num mundo cada vez mais fragmentado e tecnológico. A tecnologia assume, neste espaço, papel fundamental no intercâmbio de informações e na tradução das mesmas, isto é, são mecanismos que facilitam a conectividade e interpretação de eventos mundiais, que em alguns instantes podem se tornar questões locais, dando materialidade e visibilidade a questões antes impensadas.

---

<sup>4</sup> Há muitos trabalhos que falam de muitas das comunidades representadas na sigla LGBT, para o grupo de Assexuais ver a tese de Giorgia Neiva (2019).

<sup>5</sup> O uso dos termos “modernidade”, “modernidade tardia” e “pós-modernidade” remetem aos autores citados – cada qual em seu contexto –, alguns considerando que não houve mudanças significativas para se falar em pós-modernidade, enquanto outros discordam. Para este trabalho a discussão sobre haver ou não uma mudança no sentido e no uso dos termos não se mostrou urgente, uma vez que há uma coexistência de identidades “tradicionais” com a ideia de identidades fluidas/cambiantes.

É, ainda, nesse cenário que apresento e analiso as identidades de gênero não-binárias, retiradas do site *orientando.org*<sup>6</sup>, na sua relação com as noções de sujeito/indivíduo, pessoa/eu perpassando um extenso contexto histórico cultural desde o iluminismo à contemporaneidade. Num processo de compreensão e (re)conhecimento de si no social, como forma de agenciamento político, que torna possível não só a adoção como a articulação para a “desidentificação” – esta que aqui não significa negação, mas sim a problematização das normas que validam e estabelecem o que é a identidade (MAUSS, 1974; DUMONT, 1985; ELIAS, 1994; BERGER E LUCKMANN, 2014).

As identidades não-binárias, resultado de tradução e interpretação de termos ou denominações anglófonas, são (re)significadas e difundidas pela internet por pessoas e comunidades que se identificam com a causa. E ao serem assumidas e politizadas essas identidades tomam proporções que extrapolam as redes e chegam ao cotidiano social em forma de reivindicações de uma existência plural e diversificada em corpos, desejos, orientações sexuais e românticas, e expressões não normativas. Além de demandarem por políticas mais “radicais” de desconstrução de estruturas tradicionais jurídicas, como a linguagem.

Pensar as categorias, termos, conceitos e contextos citados, e que estruturam este trabalho, só foi possível a partir do delineamento metodológico que apresento/descrevo a seguir.

### **Percurso Metodológico**

Na construção desta dissertação o método privilegiado foi o qualitativo por possibilitar a análise de microprocessos tanto no estudo das ações sociais individuais quanto grupais (MARTINS, 2004) e a técnica versa sobre o uso de análise de conteúdo (SILVA e MADUREIRA, 1986; SILVA e FOSSÁ, 2015) de documentações em livros, revistas e jornais físicos e eletrônicos, assim como a utilização dos meios digitais na exploração de páginas da internet como blogs, sites, plataformas e “buscadores” (FACIOLI e PADILHA, 2019).

Trabalhar com os meios digitais, para esta escrita, se mostrou essencial por se tratar de uma temática atual, com pouca produção acadêmica acerca do mesmo e de ser uma temática

---

<sup>6</sup> Como explico na metodologia, de forma mais pontual e detalhada, o *Orientando* passou a ser o material de análise privilegiado, por mim, para trabalhar com as identidades de gênero não-binárias, assim como com outras ferramentas que apresentam o universo não-binário por meio de discussões no Fórum do site, da produção de materiais como a revista *Elx* e a discussão do uso da linguagem neutra ou “neolinguagem” pela comunidade.

de difícil apreensão. Além de a internet ter se mostrado mais eficiente no acesso às pessoas não-binárias e as notícias relacionadas a elas.

Na apresentação do pré-projeto para a seleção do mestrado, 2017/18, a proposta era a de entrevistar pessoas não-binárias em Goiânia e, mediante ao que fosse apresentado na empiria, trabalhar as identidades de gênero não-binários/es listadas no site orientando.org – este que será apresentado em tópico específico. Após um período de pesquisa de campo, notei que não seria possível atender à primeira proposição, pois não consegui identificar pessoas não-binárias nos grupos visitados.

Vale dizer que os/es primeiros/es contatos que tive com as identidades ou com o universo não-binário foi através do site de notícias nacional, “terra”, que veiculou a reportagem “Fotógrafa retrata jovens que não se identificam com nenhum gênero”<sup>7</sup> em 2014. Essa reportagem fala sobre crianças e adolescentes que não se identificam com seus gêneros e traz o relato de outra reportagem de um site de notícias internacional o “*Modern Luxury*” que hospeda a San Francisco Magazine que veiculou a notícia de Sasha Fleischman, que se identifica como agênero, e foi vítima de um ataque enquanto ia para a escola de ônibus. Sasha, que há época tinha 18 anos, teve seu corpo incendiado por um garoto, Thomas, de 16 anos que disse ter ateado fogo em Sasha porque viu “um garoto vestindo saias”.

Ler essa matéria e ver as pessoas nas fotografias me remeteu àquilo que, até então, me parecia muito distante. Isto é, saber das existências, através de reportagens, muitas vezes, sensacionalistas de andróginos/es ou mesmos das mulheres e homens transgênero/transsexuais e das violências sofridas por suas “especificidades”. Isso, também, me remete às leituras de Judith Butler (2003), Eve Sedgwick (2007), Beatriz Preciado (2011; 2014), entre outros/es, que ainda que visibilize as causas e vivências das dissidências de gênero e orientações sexuais, parecem, contudo, ainda mais distantes por se tratar da história do “outro”.

---

<sup>7</sup> As reportagens podem ser acessadas nos links que seguem: “Fotógrafa retrata jovens que não se identificam com nenhum gênero”: < <http://www.hypeness.com.br/2014/05/auto-retratos-de-jovens-que-se-identificam-como-sem-generos/#>>. Último acesso em: 27 de fevereiro de 2019.

“*The Shadow Sex. Spurred by a violent attack, a new, gender-fluid generation comes into the light*”: <<http://www.modernluxury.com/san-francisco/story/the-shadow-sex>>. Último acesso em: 27 de fevereiro de 2019.

Outra matéria importante para este trabalho é a “Gênero neutro é reconhecido pela Suprema Corte da Austrália”<sup>8</sup>. Essa matéria é importante no sentido de narrar a história de uma pessoa não-binária com uma trajetória de vida e militância mais longa que as dos/das jovens citada acima. Norrie, pessoa que entrou com a ação para o reconhecimento do gênero neutro na Austrália, por aparentar ser mais uma pessoa mais “velha”, nos lembra de que a questão de uma não identificação com o que está posto acerca da identidade é bem anterior ao que vem sendo discutido pela teoria *queer* na atualidade. Assim como pontua Sedgwick (2007) sobre “as bandeiras da androginia” e na nota onde fala do significado de “*genderfuck*”:

‘*Genderfuck*’ (literalmente: foder com o gênero) refere-se a performances que propositalmente embaralham e jogam com identidades, papéis e personificações tradicionais de gênero, ressaltando as ambivalências e instabilidades. São frequentemente (mas não exclusivamente) associadas a artistas do mundo da música popular, como David Bowie, Peaches, Marilyn Manson, Annie Lennox e outros. Vistos retroativamente, grupos populares no Brasil nos anos 1970, como os Dzi Croquettes e Secos & Molhados (cujo vocalista, Ney Matogrosso, segue até hoje em carreira solo) poderiam ser incluídos como exemplos de performance *genderfuck* (p. 49).

De 2010 pra cá muitos nomes têm surgido na cena artística brasileira sob a sigla do gênero não-binário/e a exemplo do/i cantor/i de rap Triz, Linn da Quebrada, do/i contor/i pop Jaloo, dentre outros/es. Artistas que se apropriam de expressões de gênero que não se fixam nos estereótipos de gênero do par binário masculino/feminino como expresso acima no significado do “*genderfuck*”. Ou seja, esse tipo de demanda por uma identidade mais fluida ou mesmo uma “não identidade” é algo bem anterior ao que estamos vendo na atualidade, contudo, os cenários e contextos históricos são distintos haja vista os meios pelos quais essas identidades têm sido apresentadas/visibilizadas.

Outro lugar onde me informei mais acerca da não-binaridade foi através do material disponível no site orientando.org que chegou a mim por meio de amigos via Whatsapp. Alguns amigos que sabiam de meu interesse pela temática das identidades não-binárias me enviaram, em nosso grupo no aplicativo, algumas bandeiras com identidades de gênero não-binárias e suas definições. Ao buscar pela fonte da mensagem cheguei ao site do orientando.org.

<sup>8</sup> <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/04/genero-neutro-e-reconhecido-pela-suprema-corte-da-australia.html>>. Último acesso em: 27 de fevereiro de 2019.

Houve, ainda, um encontro meu com uma pessoa não-binária, em São Paulo, no ano de 2018. Um encontro inesperado, mas que estimulou, ainda mais, meu desejo em pesquisar mais sobre identidades não-binárias. No breve momento em que conversei com León, ele me disse que era uma das poucas pessoas não-binárias da engenharia na Poli da Universidade Estadual de São Paulo e que acompanhou as primeiras políticas para pessoas trans na instituição, o uso do nome social<sup>9</sup>. Me disse, ainda, que a revista Galileu havia lançado um número, em 2015, falando sobre gênero não-binário/e – matéria que trago no capítulo 3. Por ter se tratado de um encontro inesperado, não trocamos contato, no entanto, não pude esquecer o encontro e as dicas.

Dando continuidade ao percurso metodológico na internet, em pesquisa, inicial, empreendida no banco de Teses e Dissertações da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (DBTD), no período de 2009 a 2019, utilizando as palavras-chave: “identidade de gênero” e “gênero não binário” foram identificadas quatorze produções potenciais, cujos resumos apontam para temáticas aproximadas com o recorte privilegiado neste trabalho. Contudo, apenas cinco dos quatorze textos, previamente selecionados, tratam de forma mais pontual do/e gênero não-binário, assim é possível notar que há um crescente interesse, nos últimos anos, na questão da identidade de gênero não-binárias/es de forma mais pontual, como disponível no quadro abaixo:

**Quadro 1 – Trabalhos acadêmicos, dissertações e teses, sobre não-binários/es<sup>10</sup>**

<b>Título</b>	<b>Autor/a</b>	<b>Palavras-chave</b>	<b>Modalidade/ Área</b>	<b>Ano</b>
Cisnorma: acordos societários sobre o sexo binário e cisgênero	BONASI, Brune Camilo	Cisnorma; Cissexismo; Cisgênero; transgeneridade; não binária	Dissertação Psicologia	2017

<sup>9</sup> O nome social se refere ao nome pelo qual algumas pessoas preferem ser chamadas no dia a dia, a despeito do nome designado no nascimento. A regulamentação do uso/adoção do nome social foi feita pelo “Decreto Presidencial Nº 8.727/2016, que dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal” (Cartilha Nome Social). Para uma crítica mais aprofundada ver MELLO et. al., 2012.

<sup>10</sup> Parte da pesquisa foi realizada em abril de 2019. Na segunda busca, na plataforma BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertação, em março de 2020, com as palavras chave: não-binário, gênero não-binário, identidade transgênero, foram localizados/es os/es três últimos/es trabalhos desta tabela .

<b>Título</b>	<b>Autor/a</b>	<b>Palavras-chave</b>	<b>Modalidade/ Área</b>	<b>Ano</b>
A legitimidade das identidades de gênero não binárias e o reconhecimento de suas demandas como reivindicações de direitos humanos	WISNIEWSKI, Ana Patrícia Racki	Direitos humanos; identidade de gênero; transexuais; legitimidade (direito)	Dissertação Direito	2015
Androginia como identidade contemporânea: a construção do ethos em revistas nacionais	PISA, Lícia Frezza	Androginia; Identidade; Análise do discurso; <i>Ethos</i> ; Periódicos – Brasil	Tese Comunicação Social	2017
“Quero poder existir”: contornos da violência simbólica contra orientações sexuais não binárias entre universitários LGBT na Universidade Federal de Santa Catarina	VIEIRA, Marcelo	Saúde Coletiva; violência Simbólica; Habitus; Capital Social	Dissertação Saúde Coletiva	2015
“Eu sinto que eu sempre me encaixei nessa coisa de não ser homem e não ser mulher”: Tecendo saberes e experiências da não binaridade de gênero	GOULARTH, Neilton dos Reis	Não-binaridade de gênero; (des)subjetivação; experiência; narrativas de si; diferença	Dissertação Educação	2018
Narrativas Sobre Gêneros e Corpos Fora da Cisheteronormatividade : a desconstrução do dispositivo binário centrado na polaridade homem/mulher para ampliar os cânones da proteção	MORAES e SILVA, Sofia Vilela de	Identidade de gênero, Direito do trabalho, Transgêneros, Discriminação	Tese Direito	2015
Corpo, Gênero e Identidade: Experiências transgênero na cidade de Manaus	WITTMANN, Isabel	Transgeneridade, Corpo, Performatividade, Gênero	Dissertação Antropologia Social	2016
Narrativas sobre gêneros e corpos fora da cis-heteronormatividade: uma pesquisa/viagem cartográfica (sobre)vivências trans* não binárias na universidade	FERREIRA, José Augusto Gerônimo	Vidas Trans* não-bináriEs; Universidade, Cis-heteronormatividade, Desterritorialização/Reterritorialização; Resistência.	Dissertação Psicologia	2020

Mediante aos resultados encontrados, com nenhum trabalho na área da sociologia, ampliei o campo de buscas, em fevereiro de 2020, para periódicos/revistas científicas. O recorte foi do período de 2010 a 2019 para todas as revistas pesquisadas que forneciam edições *online*. Nesse sentido, a busca foi feita visando artigos que trouxessem o/e não-binário/e nas discussões, assim, os periódicos buscados foram: Revista Brasileira de Sociologia – SBPC, com edições disponíveis *online* de 2013 a 2019; Antropolítica – UFF; Revista Bagoas – CCHLA/UFRN; Revista Periódicus – UFBA, com edições disponíveis *online* de 2014 a 2019; Cadernos Pagu – Unicamp; Estudos Feministas – UFSC; e Revista Ciência e Cultura – SBPC. De todas as revistas pesquisadas apenas o Cadernos Pagu trouxe, em 2018, o artigo “‘Travesti’, ‘mulher transexual’, ‘homem trans’ e ‘não-binário’: interseccionalidades de classe e geração na produção de identidades políticas” escrito/e por Mario Carvalho.

Como resultado das dificuldades e impossibilidades apresentadas no campo e nas buscas, reordenei a pesquisa pensando no trabalho “documental” que poderia ser feito com o material disponibilizado pelo site orientando.org e, ainda, de outros materiais disponíveis na internet, a exemplo, de reportagens, artigos, blogs etc. Dessa forma, fiz algumas pesquisas para identificar páginas ou plataformas, na internet, que privilegiassem questões não-binárias. Assim, com as pesquisas empreendidas no buscador Google, na rede social Facebook e em periódicos/revistas acadêmico-científicas, constatei que o site orientando.org era a melhor plataforma para atender aos objetivos desta dissertação. O site é organizado/administrado por pessoas não-binárias e conta com um quantitativo significativo de informações, referencial e interações.

Com o redirecionamento da pesquisa fiz um recorte do que seria privilegiado, no site orientando.org, para compor esta escrita. Além da Lista de identidades não-binárias, trabalhei com o Fórum e a revista Elx #1. A discussão sobre a “neolinguagem”, o uso da linguagem neutra, feita no site me auxiliou na construção do tópico sobre este assunto no capítulo 3 desta dissertação. Assim, para melhor compreensão do que é o orientando.org, farei uma breve apresentação do mesmo no tópico seguinte.

### **O site orientando.org**

O site foi criado em maio de 2016 por Aster, “por causa da falta de recursos sobre identidades e da hegemonia implícita na maioria das comunidades ‘LGBT’”<sup>11</sup>, e é administrado juntamente com outras pessoas como Isabela Y, na parte técnica do site, Vitor Rubião, contribuições com páginas e pesquisas. Sendo Aster a pessoa mais ativa em todas as áreas do site, uma vez que, escreveu e escreve a maior parte do material disponível, cria tópicos de discussões no Fórum, participa da maior parte dos assuntos levantados por outras pessoas, divulga o conteúdo do site e de outras plataformas utilizadas pelo site, participa de atividades formativas, faz vídeos para o Youtube sobre questões relacionadas ao site entre outros.

Com *design* simples, objetivo e bem organizado, o site é de fácil navegação trazendo em seu “subtítulo” a frase: “um espaço de aprendizagem”. Pontuando, ainda que tem como missão: “[...]ensinar sobre diferentes termos e identidades, e sobre questões que cercam tais identidades.” Considerando ser: “Aqui é um espaço seguro para pessoas de orientações marginalizadas, pessoas intersexo e pessoas não-cisgênero de qualquer natureza”.

Os assuntos abordados são relacionados a questões de gênero, orientações sexual e romântica, identidades, linguagem, expressões, opressões e discriminações, socialização, divulgação de material artístico e de eventos da comunidade<sup>12</sup> LGBTQIA+, orientações acerca de estilos e comportamentos dentre outros. E, uma das formas de interatividade no site é articulado por *hyperlinks*, que ao serem acessados levam a outros textos e ou páginas relacionados ao assunto em questão. Assim para cada um dos tópicos acessados o/e visitante do site é levado/e para outros possíveis assuntos de interesse relacionado à temática acessada, dentro e fora de sua plataforma.

Desde sua criação o site passou por algumas “mudanças” em menus como:

- “Orientando” que passou a ter “créditos” e “mapa”;
- “Definições básicas” que explica o significado de alguns termos;
- “Listas” que disponibiliza listas de algumas orientações, modalidades de gênero, identidades de gênero, que identificam termos usados para oprimir e discriminar a comunidade LGBTQIA+, lista com conjunto de linguagem e mais recentemente, acrescentou a “Lista de termos juvenílicos” que segundo

---

<sup>11</sup> As informações aqui apresentadas foram retiradas do site.

<sup>12</sup> Termo êmico, usado no site para se referir às pessoas que integram ou são representadas pelo movimento LGBTQIA+.

consta no site significa: “Termos juvêlicos, também conhecidos como sistema GAG (sistema de gênero atraído por gênero), são termos utilizados junto a orientações ou no lugar de orientações, mas que também podem ser usados de forma separada. Por conta disso, dependendo do contexto, termos juvêlicos podem ou não ser considerados orientações”;

- “Neolinguagem” que ganhou outros tópicos e ampliou o texto sobre a temática;
- “Para imprimir” com materiais disponíveis para impressão, incluindo a revista Elx;
- “Fórum”, que ganhou um *design* mais colorido, e que é o espaço reservado para a troca de informações e de interação entre os/es usuáries/os do site, que no momento desta escrita somam 460;
- “Blog” para postagens sobre múltiplas questões.

Mediante ao quantitativo de informações disponíveis no site as escolhas em trabalhar com o Fórum, a Lista de identidades não-binárias e com a revista Elx, para além de um recorte necessário, se deu por motivações diversas.

A escolha do Fórum foi feita por ser este o lugar onde as “interações” são mais plurais, isto é, por se tratar de um espaço aberto para a participação dos/es usuários do site. Esse espaço é subdividido em áreas/tópicos e reservado para perguntas, discussões, dúvidas, sugestões, informações sobre o site, divulgação de materiais artísticos entre outros, compartilhamento de informações, relatos sobre experiências e vivências na comunidade e fora dela<sup>13</sup>.

A lista de identidades não-binárias foi selecionada por ter um número significativo de identidades com informações mais completas em relação a definições, motivações para a criação e adoção das identidades, além das bandeiras. Outra questão importante e que pude verificar por meio de pesquisa individual, para cada uma das identidades, no buscador Google é que há, para a grande maioria das identidades não-binárias apresentadas no orientando, correspondência da existência das identidades em outras plataformas.

E por fim, a escolha da revista Elx, como material de análise, se deu por esta ser uma forma de criar e fazer circular conteúdos informativos, de forma física. Se tornando, assim,

---

<sup>13</sup> Para informações resumidas acerca do que existe no site há o mapa disponível no menu Orientando, <<https://orientando.org/mapa/>>, já para informações mais detalhadas dos tópicos do Fórum acessar <<https://forum.orientando.org/thread-1.html>>. Último acesso em 08 de outubro de 2020.

uma ferramenta que extrapola o espaço da internet e conseqüentemente do próprio site, por estar disponível para impressão e com o incentivo de que o material seja passado adiante.

Com novas inserções textuais e as atualizações nos menus, no blog e no fórum o site permanece ativo e disponibilizando fontes para pesquisa, além de ser aberto a participações e colaborações em sua plataforma. Neste quesito há um trabalho de visibilização da não-binaridade que extrapola os limites do site quando usuáries/os demonstram seus interesses em discutir as questões não-binárias em trabalho de conclusão de curso e em “livro-reportagem”.

Esta dissertação está organizada em três capítulos, teóricos e conceituais, mais a conclusão. No capítulo 1, “Identidade de gênero, os desafios de um conceito”, são discutidos o gênero e a teoria *queer* como ferramentas que auxiliam na compreensão da tensão, negociação e formação das novas identidades de gênero não-binárias. Isto é, trago o contexto onde são forjadas e estabelecidas as discussões acerca do gênero, como categoria analítica da teoria social, e da teoria *queer*, que tem possibilitado a desconstrução de termos patologizante para a validação das existências dissidentes de gênero e sexualidade. E, como modo de figurar o que a teoria e os conceitos pontuam, analiso algumas discussões travadas por pessoas não-binárias usuáries/es do Fórum do site orientando.org.

O capítulo 2, “Identidade(s): a modernidade e o processo de subjetivação”, traz a discussão conceitual e cultural da identidade perpassando um contexto histórico das noções de eu/pessoa, indivíduo/sujeito, desde o século XVIII até o presente momento, modernidade ou pós-modernidade – percurso que auxilia na compreensão da assunção das identidades de gênero não-binárias por meio do processo de subjetivação no social. Neste capítulo são apresentadas e analisadas, ainda, noventa e duas identidades de gênero não-binárias retiradas do site orientando.org e que dão materialidade e inteligibilidade à proposição desta escrita.

No capítulo 3, “A busca por reconhecimento, um processo histórico e contínuo”, discuto o cenário através do qual são travadas as disputas por visibilidade e demandadas as pautas por direitos das minorias dissidentes. Apresento, ainda, alguns recursos utilizados e espaços reivindicados para que a comunidade não-binária mantenha seus interesses em discussão. E faço a análise de matérias jornalísticas e científicas acerca da existência não-binária/e no cotidiano social.

Concluo explicitando as principais questões aventadas nesta dissertação, pontuando possíveis campos para investigações futuras no que diz respeito ao tema aqui tratado, as identidades de gênero não-binárias e suas correlações no campo social, político e cultural.

## 1. IDENTIDADE DE GÊNERO, OS DESAFIOS DE UM CONCEITO

Refletir sobre o contexto de discussão da identidade implica revisitar uma questão que sempre esteve posta, o gênero, ainda que historicamente esteja identificado/e e ligado/e ao sexo. Um marcador que desde sua enunciação, como categoria de análise na teoria social, vem suscitando debates, construções e desconstruções acerca de seu significado e aplicabilidade, além de ter se instalado no imaginário social com os mais variados entendimentos.

Para os propósitos deste trabalho, a categoria gênero é central, uma vez que é por meio desse marcador que os/es sujeitos/es políticos e sociais buscam meios de inteligibilidade de suas existências. A identidade de gênero será igualmente problematizada. Ao se apropriarem do gênero como forma de expressão, para posicionarem-se politicamente e para dar sentido às suas vivências, tais sujeitos/es dão visibilidade ao contexto de (des)construção da noção de gênero, sobretudo aquele/i que sustenta a coerência entre gênero, sexo, sexualidade e desejo como será discutido ao longo do trabalho.

Pautar a (des)construção do gênero é necessário por se tratar de um debate recente acerca de uma questão muito antiga, ou seja, da diferença que torna binárias as relações sociais entre homens e mulheres. Quando pensamos e questionamos como e de onde surge essa diferenciação começamos a compreender a necessidade e emergência das discussões sobre gênero.

Ainda que, inicialmente, ancorado na diferença sexual, cuja base é o sexo biológico (natureza), sobre o qual são definidos papéis de gênero (cultura) e a vivência da sexualidade de forma rígida, o debate acerca do que torna homens e mulheres diferentes tem se mostrado cada vez mais profícuo, instigante e desafiador. Isso porque, para além do que diz respeito à construção social tanto do sexo/sexualidade quanto do gênero e das disputas de sentido no meio acadêmico em torno de tais significados, há, atualmente, uma disputa ideológica no âmbito político-social acerca do que gênero implica na realidade (FREITAS, 2019).

E é nesse lugar do político social que se encontram pessoas<sup>14</sup> que reivindicam o reconhecimento de identidades de gênero dissonantes das já instituídas noções de masculino e

---

<sup>14</sup> O uso do substantivo pessoa será privilegiado neste trabalho, quando o contexto permitir, por se tratar de uma palavra neutra no que se refere à questão de gênero.

feminino. Identidades de gênero que ficam relegadas às margens, ainda que sua demanda esteja cada vez mais presente no meio social tanto individual quanto coletivamente, por meio dos movimentos sociais. Movimento social como os feministas que, para além, da representação político-identitária traz para o campo epistemológico elementos que possibilitam não só a problematização, como a compreensão de questões que nos afligem enquanto sociedade, contribuindo para com a proposição e resolução de muitos dos embates. E o gênero tem sido um desses elementos, como exponho no próximo tópico.

Outra abordagem importante é a da sexualidade, tanto os advindos dos movimentos feministas quanto dos estudos LGBTQIA+, que deram origem à teoria *queer*. Campo de estudos que contestam a ideia de um sexo natural da ordem do biológico e mostra que assim como o gênero, o sexo é uma construção social, lançando assim uma epistemologia radical de demanda por reconhecimento dos direitos à expressão da sexualidade e do desejo. E ao trazer a crítica à visão naturalizadora do sexo dão subsídio para pensar a existência das identidades não-binárias em suas múltiplas expressões.

Parte fundamental deste trabalho, para além das discussões teóricas, é a existência empírica dos entes que o suscita, nesse sentido, apresentarei recortes de produção e troca de informações entre participantes do site orientando.org por meio do Fórum ali hospedado. Os conteúdos e discussões constantes desse Fórum nos possibilita conhecer um pouco mais sobre a comunidade<sup>15</sup> não-binária, suas especificidades e demandas, ainda que não encerre ou limite a discussão e pluralidade de corpos, sexualidades, gêneros, desejos e identidades.

### **1.1. Gênero: trajetórias e perspectivas de um conceito**

Articular uma reflexão sobre gênero e sua trajetória social, política e cultural não é tarefa simples por se tratar de um a discussão que antecede e muito a vivência e os interesses acadêmicos desta pesquisadora. Contudo, é parte de uma história que me constitui enquanto ente social.

Constituir-se é, sem dúvida, um ato para uma grande parcela de pessoas que, antes de ser, necessitam fazer-se. Ao retomar a cena em que se configura a história da humanidade nos deparamos com cenários onde há um ator central, este que está em e por todas as partes, o homem, e por vezes nos é dada a possibilidade de vislumbramos um olhar para as margens,

---

<sup>15</sup> Esse termo é utilizado tanto na descrição de tópicos do site como em conteúdos produzidos por seus participantes e diz de um sentimento de pertencimento e identificação com o grupo.

onde se encontram “os outros”, que só o são em relação àquele, isso porque o ator central não necessita fazer-se, ele simplesmente é.

A lógica dessa existência em si mesmo, dessa universalidade é tamanha que sequer as grandes revoluções foram capazes de quebrar ou mesmo borrar a ideia do masculino superior/universal. Laqueur (2001) nos conta uma pequena parte dessa história no que ele chama de uma “invenção do sexo”, algo que existe há muito, mas que ganhou força com a intervenção das ciências médicas e, mais tarde, as psíquicas.

Privilegiando esse recorte, do século XVIII aos tempos modernos/contemporâneos, onde se dão grandes disputas epistemológicas, políticas e sociais acerca da diferença sexual que, quiçá desde então, tenha se estendido no debate ao que se convencionou denominar homens e mulheres ou homens versus mulheres, há um campo de produção vasto e intenso.

Na feitura de uma história das mulheres, à parte, a uma história dos homens, desde muito contada, alguns conceitos foram criados na tentativa de explicar a condição feminina, assim que entre proposições e críticas termos como opressão e subordinação social das mulheres foram exaustivamente discutidas e confrontadas. E, na efervescência dessa discussão, constituíram-se e consolidaram-se os estudos da(s) mulher(es) com um extenso corpo de dados sobre a situação das mesmas (PISCITELLI, 2004; HEILBORN E SORJ, 1999; SHIENBINGER, 2001; FAUSTO-STERLING, 2001; ALVAREZ, 2014).

A construção da história da(s) mulher(es), além de delinear um lugar de existência apartada das relações e diferenciações biológicas/sexuais, trouxe questões outras que, ao serem confrontadas com as múltiplas realidades de vivência e experiência sociocultural, não davam conta de abarcar um universal feminino, isto é, que não há uma singularidade que as defina, trazendo para o debate uma pluralidade de existências. Assim, na tentativa de compreender e visibilizar esse conjunto (as mulheres), a adoção de novas ferramentas de análise foram se fazendo indispensáveis, ao passo que se tornava, cada vez mais necessário, desvincular o feminino da base naturalizante do sexo que vinha ligando a mulher à biologia, ao seu “destino natural” (SWAIN, 2002).

Em meio às articulações e proposições apresentadas como saída para tal questão, surge na década de 1970, no âmbito dos estudos da mulher, o gênero. Este fora dissertado no ensaio

“O tráfico das mulheres: notas sobre a economia política do sexo”, publicado em 1975, e que traz o sistema sexo/gênero como neutro<sup>16</sup>:

Da mesma forma, toda sociedade tem algumas formas sistemáticas de lidar com sexo, com gênero e com bebês. Esse sistema pode ser sexualmente igualitário, pelo menos em teoria, ou pode ser “estratificado em gêneros”, como parece ser o caso da maioria dos exemplos conhecidos. Mas é importante – mesmo diante de uma história deprimente – estabelecer uma distinção entre a capacidade e a necessidade humana de criar um mundo sexual, e as formas opressivas empíricas nas quais os mundos sexuais foram organizados. A palavra patriarcado encerra ambos os sentidos no mesmo termo. O sistema de sexo/gênero, por sua parte, é um termo neutro que se refere a essa esfera de relações, e indica que a opressão não é inevitável nessa esfera, mas é produto das relações sociais específicas que a configuram (RUBIN, 1975, pp.13-14).

Ou seja, essa neutralidade analítica do sistema sexo/gênero viria como um modo de compreender as relações sociais por meio de estrutura mais complexas, a exemplo da divisão social do trabalho.

Essa nova forma de tratar a natureza da opressão e subordinação da mulher como produto das relações sociais – como são organizados e produzidos o sexo e o gênero, a partir de arranjos forjados no sistema social, ou seja, no trânsito entre natureza e cultura – trouxe outras perspectivas aos estudos da mulher e ao campo feminista de atuação político-social. Porque lançou luz sobre um âmbito em que a mulher passa de produto/objeto das relações de troca e aliança entre os homens ao status de ser, que se constitui no discurso e nas relações que são estabelecidas no social.

Contudo, o modo como Rubin trabalha essa categoria, em crítica a produções de Lévi-Strauss e Freud, mais especificamente, denota uma sobreposição da cultura sobre a natureza de modo que, mesmo apresentando todo um sistema de construção cultural do sexo e do gênero, não rompe com a noção naturalizada do sexo nem com o uso universalizado do termo. O sexo continua ancorado no corpo estabelecendo a diferença, isso porque ao operar por meio da divisão sexual do trabalho no sistema de parentesco, o sexo cria gêneros dicotômicos, a interdependência entre homens e mulheres e a regulação da sexualidade (PISCITELLI, 2002).

Das contribuições de Rubin, a partir da publicação do texto supracitado, houve nova efervescência no campo da teoria social que se propôs não só reexaminar como ampliar o debate que havia sido apresentado até então. Essa proposta instava por uma observação mais

---

<sup>16</sup> O sistema sexo/gênero discutido por Rubin ficou bastante conhecido, mas não é o pioneiro neste sentido porque o mesmo já havia sido apresentado anos antes pela socióloga feminista, britânica, Ann Oakley em “Sex, gender and society”, 1972 .

atenta e acurada do contexto de construção social dos sistemas culturais, com a exigência de que se observassem as realidades empíricas de operacionalidade do poder em sua diversidade e localidade histórico-geográfica (SCOTT, 1989).

Desde então, os trabalhos desenvolvidos na perspectiva de gênero como categoria analítica, mais especificamente, da década de 1980 aos dias atuais, têm seguido esse mecanismo de reatualização de termos e conceitos por meio de críticas e contribuições das mais variadas áreas do conhecimento devido sua importância e abrangência. Algumas das críticas mais eminentes do modelo sexo/gênero, assim como de outros termos que foram adotados e abandonados, vêm de feministas epistemólogas acadêmicas que, ao revisarem a literatura do gênero, têm pontuado suas problemáticas. Joan Scott é uma/e das/es autoras/es mais lembradas/es e citadas/es nesse campo.

A/e historiadora/i Joan Scott em seu artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” (1989, data da publicação original), seguindo na direção de formulação de gênero enquanto categoria analítica, propõe pensá-lo, tanto o método como o objeto, a partir da história, por esta possibilitar compreender quais são os processos que levam a construção e naturalização da diferença sexual por meio da cultura e da socialização, dando ao gênero um caráter fundamentalmente social (LOURO; 1995; SIQUEIRA, 2008; TORRÃO FILHO, 2005).

Outro ponto importante na sua obra é o de apontar o gênero como “forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). Entendendo que o mesmo atuaria como categoria macro, na compreensão dos símbolos culturais reguladores das ações humanas, assim como microssociológica, no modo como as pessoas internalizam e identificam a diferença sexual na relação cotidiana (TILIO, 2014).

Análises como a que propôs a/e historiadora/i, ampliaram e deslocaram o campo de atuação do gênero ao demonstrar que para além da esfera de passagem da natureza para a cultura há outras relações a serem consideradas e inseridas no debate como as condizentes com as políticas da diferença como raça, classe, sexualidade, origem etc. (PISCITELLI, 2004; HARAWAY, 2004). O que demonstra a importância que há em voltar o olhar para as microrrelações e em como elas mantêm ou mudam certos comportamentos ou ideais nas grandes estruturas que organizam e classificam o social.

Ao olhar com as lentes do gênero para as macro e micro estruturas que criam, validam e estabilizam as identidades, a/e filósofa/e Judith Butler, ligada ao viés pós-estruturalista ou desconstrutivista do gênero, trouxe para essa discussão a distinção sexo/gênero em sua gênese epistemológica. A/i autora/e tratou de analisar em uma de suas obras mais conhecidas “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade” (2003), publicado originalmente em 1990, como as construções de sexo e gênero se cristalizam em determinadas categorias, a exemplo das de homem e mulher, fazendo com que as mesmas pareçam ser naturais e permanentes. Tais concepções ocultam o fato de homens e mulheres serem conceitos político-culturais, não fatos naturais (BUTLER, 2003).

Em diálogo crítico com Michel Foucault, Monique Wittig, Simone de Beauvoir, Lucy Irigaray, Freud, Lacan entre outros/es, Butler nos mostra os caminhos de constituição da ideia de sujeito/e e todas as fantasias que o acompanham, ou seja, uma suposta conformidade entre corpo, desejo, sexo, gênero e sexualidade. A/e autora/e não só critica a forma como o gênero tem sido tratado, de forma dicotomizada/binária, como aponta a direção para novas e possíveis interpretações e modos de relacionar essas categorias (SALIH, 2013).

É tecendo uma crítica à identidade política e representacional unificadora do/e sujeito/e dos feminismos, a(s) mulher(es), que Butler delineia um esboço de formação da figura ou identidade mulher, ou seja, é analisando essa categoria que a/e autora/e nos apresenta a ideia de “ficção” dessa identidade, isso porque esta é uma existência que se dá no discurso e na relação com um par positivo. O que quer dizer que para se tornar inteligível enquanto grupo faz-se necessário o uso da linguagem e do discurso, lei primeira, “a linguagem é investida do poder de criar ‘o socialmente real’ por meio dos atos de locução dos sujeitos falantes” (BUTLER, 2003, p. 167). E os/es sujeitos/es falantes e os/es detentores do poder têm mantido uma história unilateral de fraternidade e igualdade relegando aos demais, quando muito, as margens.

Ao mostrar como os sexos e os gêneros são discursivamente feitos e legitimados no interior da matriz heterossexual, Butler abre caminho para a desconstrução ou reformulação das identidades instituídas a fim de se tornar, verdadeiramente, possível à existência do/e sujeito/e destacado da base masculinista sob a qual as mesmas têm sido produzidas e reafirmadas. Isso porque na forma como usualmente utilizamos e entendemos essa estrutura, sexo/gênero, o único sujeito/e passível de inteligibilidade é o masculino, heterossexual, branco, cristão.

O “fazer-se” sujeito/e é um processo contínuo e que se constitui no discurso que engendra, no interior das estruturas, os atos a se executar. Ao ser enunciado como sujeito/e, este já se estabelece dentro de uma lógica estruturada pela lei que o criou legando ao mesmo pouca ou nenhuma condição de mudar sua posição nesse meio. Dito de outra forma:

compreender a identidade como *prática*, e uma prática significativa, é compreender sujeitos culturalmente inteligíveis como efeitos resultantes de um discurso amarrado por regras, e que se insere nos atos disseminados e corriqueiros da vida linguística (Idem, 2003, p. 208).

De modo que a subversão desse processo só será possível por meio de ação no interior das práticas fundantes das estruturas e identidades, assim como os feminismos têm feito ao contestar a fixidez e a singularidade expressas na ideia que se faz da figura da “mulher”. Esta que ao pretender uniformidade ou singularidade do feminino se torna excludente apagando outras categorias empíricas de existência possível como a de mulheres trans, travestis, mulheres parciais<sup>17</sup> etc.

A concepção da construção cultural do/e sujeito/e como expõe Butler é fundamental para esta escrita. Isso porque o entendimento de que não há existência que não seja social, isto é, um corpo que preexista à inscrição cultural, social e linguística coloca sob suspeição o caráter hegemônico assumido por algumas configurações de gênero (BUTLER, 2003; SALIH, 2013). Compreender que a existência do ser é mais que uma relação de completude e falta mostra que nossas realidades são o fruto de escritas e reescritas de nós mesmos. Dito de outra maneira, há uma pluralidade de vivências e modos de experiência-las que ultrapassam em muito a pretensa singularidade padrão de representação do/e sujeito/e.

O caráter fluido que há no modelo de compreensão do gênero no contexto sociocultural se extrapola para a realidade das identidades de gênero não-binárias de várias formas tornando viáveis suas existências e demandas. Porque se como diz Butler que:

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de classe natural do ser. [E, se] a genealogia política das ontologias do gênero, em sendo bem-sucedida, desconstruiria a aparência substantiva do gênero, desmembrando-a em seus atos constitutivos, e explicaria e localizaria esses atos no interior das estruturas compulsórias criadas pelas várias forças que policiam a aparência social do gênero (2003, p.59).

---

<sup>17</sup> Mulheres parciais são aquelas que têm em seu gênero algo de feminilidade sem, no entanto, ser completamente feminina, essa categoria esta presente nos gêneros não-binários.

A comunidade não-binária tem mostrado que essa asserção é verdadeira. Isso porque a existência de pessoas não-binárias e a reivindicação pelo reconhecimento às suas diferenças têm mexido com as estruturas de poder e redefinido o modo como nos relacionamos com a linguagem, com as sexualidades, com os gêneros, os corpos, desejos etc. O que implica dizer que estamos construindo um campo mais plural onde buscamos neutralizar o/e sujeito/e universal e abrir caminho para as múltiplas formas de existir e expressar vivências e experiências.

Nesse sentido, há uma passagem de Gayle Rubin, que recupero e cito, que quando de sua escrita poderia parecer um tanto utópico, mas que hoje, apesar das dificuldades enfrentadas, parece mais próximo de se concretizar, ela diz: “O sonho que acho mais fascinante é o de uma sociedade andrógina e sem gênero (embora não sem sexo), na qual a anatomia sexual de uma pessoa seja irrelevante para o que ela é, para o que ela faz e para a definição de com quem ela faz amor” (1993 [1975], p.55).

A proposição de Rubin diz muito sobre os anseios expressos por pessoas não-binárias que trazem em suas falas a necessidade de terem reconhecidas as suas identidades. Isto é, de poderem não só moverem-se no espectro de feminilidades e masculinidades como de estar em outra condição de existência em que não seja preciso assumir um posicionamento nesses ou entre esses lugares, criando um lugar neutro. Indo além, essas pessoas demonstram que as construções históricas acerca de uma coerência entre sexo, gênero, corpo, sexualidade e desejo não condizem com a realidade ao trazerem em seus corpos e expressões elementos que confundem ou apagam as certezas sobre as inscrições do gênero.

Outro modo de compreender o quão frágeis são os ideais de uma sociedade marcada pela elaboração de identidades de gênero binária é a proposta dos estudos de teoria *queer*. Vinculada aos ideais feministas de uma sociedade mais equânime e das reflexões LGBTQIA+ acerca dos direitos das manifestações das identidades e sexualidades não normativas, os estudos *queer* trazem ao cenário a viabilidade de representações que se encontram fora do quadro regimental social. Em diálogo com a norma o *queer* ressalta que o diferente é, também, parte constituinte e indissociável do padrão, assim que é imprescindível o reconhecimento das diferenças para que haja condições melhores de existência individual e coletiva.

## 1.2. Teoria Queer: uma produção a partir do “estranho”

Se para que fosse possível às mulheres existir fora do par homem/mulher foi necessário criar ferramentas capazes de compreender sua existência e pluralidade, para as pessoas que não querem estar ligadas diretamente a uma ou outra dessas categorias, em relação a tudo o que estas suscitam, o processo tem sido muito similar. Os/es dissidentes de gênero e sexualidade, LGBTQIA+, (*queer em inglês*, e *estranho/esquisito, em português*), para terem suas vidas reconhecidas, têm se organizado em coletividades nos movimentos sociais e buscado ocupar o espaço de construção do conhecimento científico para legitimarem suas demandas e assim poderem se expressar sem sofrer as violências físicas e psicológicas de que veem sendo vítimas há muito (BUTLER, 2017).

Centrada na discussão e produção acerca da sexualidade e questões sobre identidade de gênero, a teoria *queer* inicia uma trajetória de reformulação da ideia de corpos, identidades e identificações, desejos e sexualidades normativos existentes nos discursos modernos de matriz binarista. Possibilitando,

Nos anos 1990, uma nova geração emanada dos próprios movimentos identitários [que] começou a redefinir a luta e os limites do sujeito político ‘feminista’ e ‘homossexual’. No plano teórico, essa ruptura inicialmente assumiu a forma de uma revisão crítica sobre o feminismo, operada pelas lésbicas e pelas pós-feministas americanas, apoiando-se sobre Foucault, Derrida e Deleuze. Reivindicando um movimento pós-feminista ou *queer*, Teresa de Lauretis, Donna Haraway, Judith Butler, Judith Halberstam (nos Estados Unidos), Marie-Hélène Bourcier (na França), mas também as lésbicas chicanas como Gloria Anzaldúa ou as feministas negras como Barbara Smith e Audre Lorde, atacam a naturalização da noção de feminilidade que havia sido, inicialmente, a fonte de coesão do sujeito do feminismo. A crítica radical do sujeito unitário do feminismo, colonial, branco, proveniente da classe média alta e dessexualizado foi posta em marcha. Se as multidões *queer* são pós-feministas não é porque desejam ou podem atuar sem o feminismo. Pelo contrário, elas são o resultado de um confronto reflexivo do feminismo com as diferenças que o feminismo apagou em proveito do sujeito político ‘mulher’ hegemônico e heterocêntrico (PRECIADO, 2011, p. 17).

Como parte do processo de desconstrução do ideal hegemônico de identidades fixas e corpos conformes os/es dissidentes de gênero e sexualidade trazem seus corpos, expressões e experiências para o campo da vida cotidiana deslocando não só os discursos como as certezas acerca das verdades da ciência médica e psi (psicologia, psicanálise e psiquiatria) sobre corpos e comportamentos (PADILHA e FACIOLI, 2015; MISKOLCI, 2014). Esse embate no social vem descortinando o que já não é mais possível manter no limbo - corpos, vidas e vivências de uma multiplicidade de pessoas que estão apartadas dos ideais padronizantes da acesse de matriz judaico cristã, classista, racista etc.

Ainda no campo teórico o *queer*, trás, em sua constituição, muito das contribuições dos estudos de Michel Foucault sobre sexualidade; Jaques Derrida com sua perspectiva metodológica da desconstrução; Teresa de Lauretis, tida como a primeira a utilizar o termo *queer* em uma de suas produções – ainda que o tenha abandonado depois por considerá-lo um termo esvaziado; Judith Butler que tem uma extensa produção sobre identidade, dissidências e o lugar da abjeção; e Eve Kosofsky Sedgwick que articula uma metodologia própria, a partir da união entre teoria feminista, marxista e radical e os antigos estudos LGBTs, juntamente com reflexões a partir das contribuições foucaultianas, para analisar a construção social da regulação da vida a partir da sexualidade e logo depois publica o artigo “Epistemologia do armário” (1990), demonstrando como alguns dispositivos regulam a vida social, no caso desse artigo a ideia de armário (MISKOLCI, 2007: 2009; MIRANDA e GARCIA, 2012).

A partir das contribuições de autores/as como os/as citados/as acima e pensando as relações de poder por meio da normalização da sexualidade como mecanismo que controla a vida social, a teoria *queer* propõe estudar os conhecimentos e práticas que organizam e regulam corpos, desejos, identidades, relações e instituições sociais, dentre outras que operem na construção social das sexualidades dentro do binário hetero/homossexual (MISKOLCI, 2009; HERNÁNDEZ & SOTO, 2009). Isso porque no afã de tornar-se reconhecido/e e aceito como prática fora do escopo estigmatizante, parte da comunidade homossexual enredou-se na lógica da norma, ou seja, criou mecanismos de distinção da sexualidade ideal que se aproxima do padrão heterossexual de prática, vivência e expressão da sexualidade.

Ao debater o processo de normatização da sexualidade através do binário hetero/homossexual, a teoria *queer* aborda as questões relacionadas aos interditos e aos regimes de verdades que legitimam ou discriminam práticas sociais. Isto é, os estudos *queer* trazem para o âmbito científico uma discussão que revela os mecanismos que beneficiam com poder aqueles que pertencem a um determinado grupo – homens, brancos de classe média, cristãos – discriminando, criminalizando e apagando do social aqueles/as/is que adotam outras práticas e expressões de sexualidade e identidade de gênero.

No intuito de dar significado e sentido a práticas outras, a política *queer* vem quebrar com essa noção binarista normalizadora das identidades, homem/mulher, e sexualidades, hetero/homossexual, abrindo espaço para expressões múltiplas, assim como pontuado por Preciado:

[...] a política da multidão *queer* não repousa sobre uma identidade natural (homem/mulher) nem sobre uma definição pelas práticas (heterossexual/homossexual), mas sobre uma multiplicidade de corpos que se levantam contra os regimes que os constroem como ‘normais’ ou ‘anormais’: são as *drag kings*, as *gouines garous*, as mulheres de barba, os transbichas sem paus, os deficientes-ciborgues... (2011, p. 16).

Construindo uma política que possibilita outros modos de agenciamento, de apropriação dos insultos para sua resignificação, uso político e (re)construção teórica das noções de corpo, sexualidade e identidade. Esse modo de refletir sobre sexo, gênero, sexualidade e desejo diferencia essa teoria tanto dos estudos LGBTQIA+ quanto dos estudos feministas, até então apresentados.

O surgimento dos estudos *queer* trouxe à cena os/es sujeitos/es estranhos/es/esquisitos/es, aqueles/as/is que não se sentem conformes ou não querem se integrar aos modelos de identidade e práticas da sexualidade disponibilizados pela heterossexualidade e pelo modelo de gênero padrão. E ao não se encaixarem nesse modelo são chamados *queer*. Este que, como pontuam Miskolci e Pelúcio (2007),

[...] busca apontar e compreender os sujeitos em conflito com a ordem de gênero vigente, mas seu compromisso político é o de evidenciar a produção de diferentes identidades não categorizáveis e a necessidade de mudar o repertório existente para que os indivíduos qualificados como menos humanos, perseguidos, até mesmo assassinados, possam encontrar um mundo habitável e mais acolhedor (p.267).

*Queer*, originalmente um insulto, no inglês norte americano, em tradução aproximada para o português significa bicha ou maricas (BRANDÃO, 2009), assim como raro, esquisito, excêntrico (MIRANDA e GARCIA, 2012) ou ainda como diz Louro (2018):

[...] queer pode ser tudo que é estranho, raro, esquisito. O que desestabiliza e desarranja. Queer pode ser o sujeito da sexualidade desviante, o excêntrico que não deseja ser ‘integrado’ ou ‘tolerado’. Pode ser, também, um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do ‘entre lugares’, do indecível (pp. 4-5).

E, apesar de toda a problemática que o termo apresenta para nossa realidade, brasileira e latino-americana, assim como para as especificidades teóricas e sociais de existência de nossos representantes da dissidência sexual e identitária (COSTA, 1998; PELÚCIO, 2014), *queer*, foi apropriado e, ainda é, utilizado para falar das pessoas e das questões que as afligem em relação à expressão da identidade de gênero e da sexualidade, tanto em âmbito teórico como social. Ou seja, é um termo de referência para o estudo/compreensão dos/es sujeitos/es não conformes com as normas de gênero e sexualidade vigentes na nossa sociedade. Ainda

que seu termo original<sup>18</sup> tome outros significados ou mesmo outras denominações ao ser apropriado por outras culturas, assim como acontece com o termo não-binário e suas identidades.

Em tempos tecnológicos, onde há rápida troca de informações e bens de consumo a adesão ou não ao uso de termos estrangeiros por pessoas politizadas ou não, é muito relativo. Dada a velocidade com que circulam as informações e notícias repercutem de formas diversas no meio social. Uma vez presente no discurso, o termo pode tanto ser aceito e adotado sem reflexão (adesão por modismo), quanto traduzido e resignificado para caber dentro da perspectiva local. Esse tipo de adoção pode ser considerada, ainda, como resultado dos resquícios da colonialidade do poder/saber que seguem operando em nosso contexto social, político e cultural (MISKOLCI, 20014; PADILHA e FACIOLI, 2015).

Contudo, o que aqui se considera são os resultados empíricos que as políticas *queer* têm trazido para as comunidades LBGTQIA+ brasileiras, visto que, apesar de o *queer* haver sido introduzido em território nacional por vias acadêmicas, o termo espalhou-se pelo social chegando aos mais distintos lugares na sociedade, tanto que ganhou *status* de identidade de gênero – desta falarei mais no capítulo 2 desta dissertação.

Das torções e traduções da política *queer* apresento, no próximo tópico, de forma pontual e localizada, aqueles/as/ís que constituem o quadro de pessoas que se encontram postas no rol dos desviantes/inconformes: os/es *queer*'s, estranhos/es, raros/ís etc. e que têm operado suas existências sob a sigla do/e não-binário/e, termo guarda-chuva para outras formas de vivenciar identidades e sexualidades fora ou a partir dos binários homem/mulher, homossexualidade/heterossexualidade.

Como pontuado na “metodologia” desta escrita, o Fórum é um espaço de interação entre os/es usuáries/os do site orientando.org. Nesse espaço são incentivadas as trocas de conhecimento e relatos de vivências/experiências, o compartilhamento de material informativo, artístico e de entretenimento, questionamentos e dúvidas acerca das identidades, orientações etc., colaborações para com o site e com a comunidade dentre outros. De forma

---

<sup>18</sup>Richard Miskolci e Larissa Pelúcio (2007) discutem, ainda, a questão da tradução de conceitos, pontuando que se não há uma maneira correta de usar um conceito há que se discutir “[...] a necessidade de avaliar a adequação de um conceito ao objeto sob exame” (p.261). Evitando assim que haja um tendenciamento de adequação descontextualizada. Portanto, faz-se necessário “[...] a adequação dele [conceito] a um contexto social diferente daquele do qual o originou” (idem, p.262).

que, trazer para este trabalho parte dessas discussões, importa no sentido de dar materialidade ao que está sendo discutido.

### **1.3. Fórum: um breve olhar**

A fim de configurar o que foi apresentado anteriormente em termos teóricos, trarei, em recortes por mim privilegiados, algumas perspectivas ou visões de pessoas não-binárias, usuáries/os do site, acerca de suas vivências e experiências relatadas por meio do Fórum hospedado no orientando.org. Essas discussões foram travadas em tópicos variados e trazem para o debate informações que auxiliam na compreensão do que significa ser, estar ou adotar termos não-binários tanto para identidades de gênero quanto para orientações.

Dentre as muitas e variadas questões levantadas nos tópicos e subtópicos as que foram selecionadas para esta escrita dizem respeito as que podem ser compreendidas como: 1) As dificuldades de reconhecimento das questões dos/es não-binários/es; 2) Algumas especificidades das pessoas não-binárias/es, ou seja, o que faz do universo não-binário/e ser compreendido enquanto tal; 3) Quais são as principais demandas que os/es participantes do Fórum elencam como importantes para a comunidade.

Portanto, apresentarei nos tópicos a seguir alguns recortes de discussões que trazem pontos que possibilitam entender e refletir mais sobre o universo e as especificidades de pessoas não-binárias/es que participam e constroem o conteúdo do Fórum do site orientando.org.

#### **1.3.1. As dificuldades de reconhecimento das questões dos/es não-binários/es**

Em muitas das discussões levantadas nos tópicos é possível perceber algumas das dificuldades enfrentadas por pessoas não-binárias/es em relação ao não reconhecimento da identidade, da expressão de gênero, da orientação sexual dentre outras. Como pontuado por Aster<sup>19</sup> em “Orientando › Discussões Meta › Site: Pesquisa: há a necessidade de incluir hetero na lista de orientações?”<sup>20</sup>, que ao falar sobre as questões relacionadas a rótulos de atração assumidas ou não por pessoas não-binárias/es destaca:

---

<sup>19</sup> Os nomes dos/es participantes do fórum são, em sua maioria, nomes “fictícios” ou sociais para interação nas redes e/ou no site. Estas pessoas, também, fazem uso de avatares, desenhos em formas gráficas que correspondam á uma imagem aproximada da pessoa ou mesmo de animes ou animais, tipo pokemons, para se identificarem nesse espaço.

<sup>20</sup> Disponível em: <<https://forum.orientando.org/thread-156.html>>. Último acesso em: 20/12/2019.

[...] Mas pode notar que não existem muitos rótulos de atração por gêneros não-binários específicos, justamente porque:  
 Muitas pessoas não-binárias preferem se considerar “basicamente de um gênero binário” para esses propósitos;  
 A maioria das pessoas aberta a ter atração por gêneros não-binários sente atração por mais de um gênero;  
 Muitas pessoas não-binárias não revelam seus gêneros específicos, justamente por medo de rejeição social, o que leva-as a se identificar vagamente como femininas/masculinas/andróginas/neutras;  
 Pessoas com gêneros específicos muitas vezes são a única pessoa a se encaixar em certo gênero ou em certa combinação de gêneros, o que torna difícil de saber se são “exceções” na atração de outras pessoas ou não;  
 Supondo que alguém só sinta atração por um gênero de poucas pessoas, por conta do gênero não ser muito bem difundido, é bem provável que a pessoa já tenha alguma conexão com a comunidade assexual e que prefira utilizar um rótulo do espectro assexual.

As problemáticas enfrentadas por não-binários/es mostram os efeitos das normas de gênero estabelecidas e que não abrem espaço para a manifestação de expressões dissidentes, de forma que se a pessoa quer se relacionar com outras pessoas, ela tem que se adequar/adotar um rótulo conhecido ou mais aceito para poder se expressar. Isso porque a relação com o ininteligível torna aquele/i que se relaciona com este, também, incompreendido:

Enfim, a questão principal é: uma pessoa atraída por pessoas de uma identidade não-binária não seria hétero.  
 Pessoas hétero possuem seus relacionamentos representados na mídia. Pessoas não-binárias não são representadas na mídia, e, quando são, geralmente não possuem relacionamentos;  
 Retórica heterossexista foca em “relacionamentos precisam ser entre um homem e uma mulher”, e geralmente desaprovam de gêneros não-binários;  
 É comum dizerem “ou você gosta de homem, ou de mulher, ou dos dois”, e isso não inclui pessoas não-binárias;

E as dificuldades podem se aprofundar ao ponto de segregar e impossibilitar a pessoa de se ver e se reconhecer em seu processo de constituição nas relações afetivas e sociais:

Pessoas hétero não precisam ir a lugares específicos para achar pessoas com quem poderiam ter relacionamentos.  
 Pessoas atraídas apenas por um ou mais gêneros não-binários precisariam ir a lugares específicos com mais concentração de pessoas não-binárias, e que há certa liberdade para pessoas se abrirem sobre serem não-binárias;  
 Pessoas que sentem atração pelo “gênero certo” geralmente entendem isso desde muito cedo; é possível que pessoas de outras orientações também descubram suas (outras) atrações cedo, mas muitas vezes essas atrações são mal-interpretadas ou causam confusão. Alguém que só sente atração por pessoas não-binárias possivelmente não descobrirá isso cedo, e mesmo se houverem instâncias de atração desde sempre é capaz da pessoa também passar pela confusão e mal-interpretação que pessoas não-hétero geralmente sentem, já que relações diamóricas não são normalizadas e já que a sociedade não considera gêneros não-binários como “de verdade”;  
 Pessoas binárias atraídas especificamente por pessoas não-binárias podem ter dificuldade em conseguir confiança dessas pessoas não-binárias, porque chasers existem. E mesmo que seja difícil encontrar chasers de pessoas não-binárias (a maioria é de mulheres trans e já soube de alguns casos relacionados a homens trans), muitas pessoas reforçam a ideia de que “atração de pessoas binárias por pessoas não-

binárias = chasing”, muitas vezes apagando as opiniões de pessoas não-binárias que querem ter seus gêneros considerados no processo;

E todos os obstáculos enfrentados na tentativa de fazer sua existência possível esbarram-se na normalização de gênero e sexualidade, que entende que qualquer desvio deve ser cingido e corrigido, seja como violência simbólica, a discriminação, ou, se necessário, com uso da violência física. Assim, o não reconhecimento de identidades e expressões de gênero que extrapolem a norma estabelecida cerceia a existência dessas pessoas, mantendo-as à margem de qualquer possibilidade de viver e experienciar suas identidades e orientações.

As violências sofridas por pessoas trans têm sido amplamente discutidas em âmbito acadêmico e social, por meio de registros em artigos, dissertações, teses e nas redes<sup>21</sup> de movimentos sociais LGBTs. Esses registros mostram que as violências vão desde a manifestação de preconceitos em xingamentos, depreciações às expressões corporais e à orientação sexual (DUQUE, 2013), passando pelas violências de Estado, mediante a falta de reconhecimento de políticas públicas para atender pessoas LGBTs (AGUIÃO, 2014; MELLO et al., 2012; MELLO; BRITO; MAROJA, 2012), até o total desprezo pelas vidas das pessoas trans, expressa nos assassinatos (PODESTÀ, 2018; FERNANDES, 2013).

Ainda que a designação não-binário/e enquanto identidade de gênero seja nova, os episódios de discriminação e violência física, contra essas pessoas, existem e encontra ressonância em todas as instâncias acima apontadas. De forma que, em termos de disputas por visibilidade, compreensão acerca de suas demandas e organização da comunidade, as pessoas não-binárias têm muito por conquistar.

Outra discussão pertinente é a trazida no tópico “Orientando › Assuntos LGBTQIAP+ › Opressões: Conceito: Reduccionismo de gênero”<sup>22</sup>, que discute como algumas ideias podem manter a discriminação e dificultar o reconhecimento das demandas da comunidade não-binária:

**Aster**

Admin

Estas são atitudes reducionistas de gênero:

<sup>21</sup> As páginas do Grupo Gay da Bahia – GGB e Associação Nacional de Travestis e Transsexuais – Antra, disponibilizam relatórios e boletins, anuais e semestrais, de assassinatos de pessoas LGBTs. Relatórios disponíveis em: <<https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>>; <<https://antrabrasil.org/assassinatos/>>. Último acesso em 10 de outubro de 2020.

<sup>22</sup> Disponível em: <<https://forum.orientando.org/thread-183.html>>. Último acesso em 20/12/2019.

- Ignorar que pessoas podem ser homens e mulheres ao mesmo tempo (ou até mesmo em tempos diferentes), negando que certas pessoas deveriam ter tanto acesso a comunidades de mulheres quanto a de homens;
- Tentar dizer que “na prática, pessoas não-binárias precisam se alinhar a um gênero binário e viver socialmente como ele”, seja para justificar que orientações que cobrem pessoas não-binárias são inúteis, seja para justificar que pessoas precisam aceitar usar o/ele/o ou a/ela/a, seja para outros usos;
- Assumir que todas as pessoas não-binárias são transmasculinas, transfemininas, ou completamente sem disforia ou vontade de se separar da ideia do seu gênero designado;
- Assumir que qualquer pessoa que tenha algum tipo de relação com algum gênero binário seja “basicamente binária”, devendo querer o tratamento de uma pessoa binária, sendo 100% confortável com um corpo e com uma linguagem binária, etc.;
- Assumir que qualquer pessoa não-binária que não se considere de uma identidade próxima ao gênero feminino não tenha qualquer uso para espaços feministas ou de mulheres, e que se tentarem entrar em algum estão sendo “machos predatórios”, ainda que não sejam nem queiram ser reconhecidas como homens;
- Assumir que pessoas que usam o/ele/o são basicamente homens, e que pessoas usando a/ela/a são basicamente mulheres, ainda que digam que sua identidade é igualmente de ambos esses gêneros, ou que não é de nenhum desses gêneros, ou que é mais próxima do gênero “oposto” ao que foi considerado.

As negativas em reconhecer as diferenças só ampliam o campo das desigualdades e reafirmam as esferas de poder segregacionistas. Alargar as concepções ou ideias acerca do gênero é relançar no social aquilo que ali sempre esteve as multiplicidades de significados e significantes do ser. Porque as concepções reais das identidades e expressões de gênero são mais amplas do que parecem, o que é válido tanto pra os gêneros já estabelecidos como para a compreensão das novas identidades.

Portanto, não há porque manter noções fechadas de gênero que, por muitas vezes, dificultam o reconhecimento e o respeito às diferenças. Porque sempre que a discriminação cerceia as possibilidades de existência e expressões de gênero e sexualidade diferentes do binário estabelecido no cotidiano, maior é a violência acometida em forma de fobias, que persiste em querer colocar na norma o que não pertence a esse lugar.

Nas discussões acerca do reconhecimento da não-binaridade dentro dos grupos identitários, especificamente da comunidade LGBTQIA+, é possível ver que não são somente nos espaços heteronormativos que as pessoas não-binárias sofrem com discriminações e que são mal interpretadas. Ao discutirem se pessoas não-binárias podem ou não ser consideradas pessoas trans, estas com representatividade na comunidade, os/es participantes apontam as intempéries existentes<sup>23</sup> em se assumir esse lugar, para além das questões de entendimento pessoal acerca do termo, como se encontra explicitado no tópico “Início › Fóruns › Comunidade › Identidades › NB e não-trans”:

<sup>23</sup> Disponível em: < <https://forum.orientando.org/thread-136.html>>. Último acesso em 05/02/2020.

**Aster**

Admin

Complementando, aqui estão algumas das razões pelas quais vejo pessoas não-binárias não se identificando como trans:

[...] Estarem cansadas do tratamento terrível pelas comunidades trans binárias, como a tolerância de comportamentos transcum (Transmedicalistas, transcum ou transmeds são, na teoria, pessoas trans que acreditam que só é possível ser trans caso a pessoa sinta disforia de gênero. Na prática, são um grupo assimilacionista que odeia qualquer tipo de pessoa trans ou não-binária "ruim": não apenas pessoas sem disforia, ...), a falta de inclusão de pessoas que usam neopronomes, as zoações com “gêneros estranhos”, o questionamento constante das identidades de pessoas não-binárias, a falta de tolerância com rótulos “estranhos” (tanto de gêneros quanto de orientações acessíveis a pessoas não-binárias), o questionamento de identidades influenciadas por fatores como neurodivergência ou raça, as reclamações de que pessoas não-binárias estão ~deixando as coisas complexas demais~ ou a insistência em afirmar que pessoas não-binárias não são oprimidas/não são oprimidas por motivos mais específicos que “transfobia”.

Ainda que seja sabido que os grupos identitários não conseguem ter um pensamento e uma representação que atenda as especificidades de cada pessoa, com os apontamentos feitos no excerto acima nota-se que algumas ações simples e inclusivas são ignoradas. Isso demonstra o quanto nos encontramos fixados em conceitos e estruturas de gênero estabelecidas socialmente ao ponto de, mesmo nos inserindo em contextos de rompimento viável, seguimos reproduzindo discursos e atitudes opressoras.

### 1.3.2. Algumas especificidades do universo não-binário/e

Para tornar inteligíveis as especificidades de identidades de gênero e orientações que são relevantes para a comunidade não-binária/e algumas discussões se fazem necessárias. Assim, uma forma de saber quais questões são importantes para a comunidade, está nos diálogos travados no Fórum, uma vez que seus participantes nos dão referências de quais são e de como tratar essas questões.

No tópico “Orientando › Assuntos LGBTQIAP+ › Identidades: [pergunta potencialmente ofensiva, malz] Por que tantos gêneros espaciais?”<sup>24</sup>, os/es participantes falam da criação de gêneros de cunho espacial e por meio das respostas é possível perceber algumas especificidades relacionadas às pessoas não-binárias/es, segue diálogo:

**Aster**

Admin

Possíveis razões [para a criação de gêneros espaciais]:

– Muitas pessoas não-binárias sentem que seus gêneros são de “além deste mundo”, pela ênfase colocada em como só existem homens e mulheres em nossa sociedade;

<sup>24</sup> Disponível em: <<https://forum.orientando.org/thread-180.html>>. Último acesso em 20/12/2019.

- Vênus e Marte já são planetas associados com gêneros binários, então é possível pensar que existem vários outros corpos celestes que poderiam ser associados com gêneros não-binários;
  - Espaço é uma estética legal e misteriosa;
  - Toda matéria vem de dentro de estrelas, e lá nas estrelas não tinha separação por gênero. Pessoas podem gostar de dizer que vieram diretamente de estrelas;
  - Pessoas podem pensar na ideia de ter algum planeta onde é possível viver plenamente sendo não-binário;
  - Pessoas podem pensar em seu isolamento social como o isolamento de vários objetos espaciais pelo universo.
- (Resposta criada com a ajuda do pessoal da Pride Flag Collective.)

Além das apontadas acima, há outras motivações como a apontada por Dani Camel, usuárie/o do Fórum, que fala da aproximação das pessoas a esse campo através da astrologia e da ufologia, isto é, que as identificações e a adesão às identidades se dão por essas e outras vias cabendo unicamente ao sujeito/e, se assim o desejar, dizer o porquê. De forma que, aos demais cabe procurar compreender que as especificidades de identidades dissonantes não fazem da pessoa alguém mais ou menos importante, pois é apenas mais um elemento que permite que ela/i sinta-se mais confortável consigo mesma/e.

Há, ainda, muitas outras questões que fazem parte das especificidades das pessoas que se identificam com o gênero não-binário/e. As identidades desse grupo não se encerram em uma ou outra, elas podem se interconectar, somar, juntar elementos diferenciadores ou interligados etc. como pode ser apreendido do tópico “Orientando › Assuntos LGBTQIAP+ › Opressões: Categorização de identidades NB em relação a... pautas, de certo modo”<sup>25</sup>:

#### **Aster**

Admin

Não que não existem pautas específicas para cada identidade específica, ou que não existam outros grupos que possuem pautas específicas, mas eu percebo que quase toda categorização geral dentro de identidades não-binárias que tenta abranger tudo acaba sendo mal explicada ou confusa, em certos aspectos.

Essa classificação aqui não é perfeita, mas eu quis fazer algo mais completo do que eu já tinha visto antes:

**Exobinárias:** Identidades completamente fora e/ou independentes do binário de gênero ou de coisas ligadas a ele. Inclui pessoas sem gênero, aporagênero, e várias pessoas xenogênero, entre outras.

**Ideobinárias:** Identidades que precisam de ideias de masculinidade, feminilidade, ou de outras “projeções” relacionadas a gêneros binários, sem necessariamente estarem perto de gêneros binários. Inclui inavires, pessoas mascugênero, noneras, e talvez antimeninas/antimeninos, entre outras pessoas.

**Mesobinárias:** Identidades envolvendo ambos os gêneros binários e/ou estar dentro destes gêneros, como bigênero homem/mulher e andrógine homem/mulher.

**Viabinárias:** Identidades que estão próximas a um gênero binário, ainda que possam ser chamadas de não-binárias. Mulher/homem NB (muitas vezes), juxera/proxvir, etc.

<sup>25</sup> Disponível em: <<https://forum.orientando.org/thread-222.html>>. Último acesso em 20/12/2019.

(Pessoas podem usar essas categorias sem se chamarem de não-binárias, se quiserem.)  
É possível um mesmo gênero estar em mais de uma destas categorias, e é possível ter vários gêneros que cubram diferentes categorias. A questão é que esses grupos muitas vezes possuem pautas específicas que são apagadas/ignoradas dentro de um contexto mais geral.

Essas particularidades de rótulos ou identidades de gênero e seus significados, estão muito presentes na comunidade não-binária/e, o que causa muitas dúvidas em relação ao significado dos mesmos e de sua utilidade. Vale ressaltar que essas singularidades fazem parte das inquietações que os gêneros, tanto o designado ao nascimento quanto o incorporado, suscitam o que não impede de a pessoa manter-se identificando com o gênero de designação, adotar outro(s) ou criar o próprio.

Portanto, a criação de categorizações ou classificações de gênero são uma tentativa de fazer convergir aquilo que sentem com aquilo que querem representar de modo a terem suas subjetividades validadas no social. Porque quando não há esse interesse em dar visibilidade a essas identidades entra-se num processo de exclusão das minorias representativas, como externado por Mimi:

**Mimi**

Participante

mas, como viabinári, eu realmente:

- sinto que tenho que me forçar em uma caixa binária ou me desprender completamente de identidades binárias, ambas coisas que não me sinto bem fazendo
- não me sinto inclusy na noção de androginia/misturar sinais de gêneros binários para me mostrar nb

Essas discussões são mecanismos de visibilização das pautas não-binárias que demonstram e tornam mais tangíveis as especificidades da comunidade de modo geral e particular. Existem muitos pontos específicos no que diz respeito às identidades e expressões de gênero dentro dos grupos e subgrupos de “rótulos”, estes em número cada vez maior. E por haver um número crescente de modos e formas de expressão de identidade e sexualidade existe muita resistência em reconhecer as alteridades.

Ainda que as especificidades sejam numerosas e pareçam “confusas” nada impede que existam e que façam parte das experiências individuais e coletivas das pessoas. Dessa forma, o melhor caminho é buscar compreender o que são e perguntar aqueles/is que as usam como gostariam que fossem denominadas.

### 1.3.3. Algumas demandas de não-binários/es apontadas por participantes do

#### Fórum

No que diz respeito às demandas de pessoas não-binárias/es, essas giram muito em torno das necessidades de reconhecimento das identidades e expressões de gênero e sexualidade, além de pontos relacionados às discriminações que se relacionam ao reconhecimento e respeito às diferenças. Em “Início › Fóruns › Comunidade › Identidades › outro tópico sobre siglas/nomes”<sup>26</sup> se discute a necessidade de inclusão do não-binário/e e outras identidades que não têm, ainda, representatividade na sigla da comunidade LGBTQIA+:

#### Mimi

Participante

o que vocês consideram a comunidade de vocês? o que vocês não consideram a comunidade de vocês?

honestamente, desses tempos pra cá, eu cansei da sigla.

as pessoas esquecem do +, ficam sem paciência de estender além do T.

usam a sigla para seus próprios propósitos, excluindo/incluindo quando é conveniente.

usam a sigla para dizer quais identidades são importantes/relevantes, deixando um monte de buracos no conhecimento geral.

eu estou usando só queer, porque é uma palavra mais conhecida e fácil de justificar do que uma sigla como MOGAI num contexto em português.

Ao lançar o questionamento e dar sua opinião sobre o assunto Mimi inicia um debate que perpassa por demandas variadas, como em ter movimentos de representatividade que abarque mais identidades e proposições de siglas mais inclusivas e alternativas ao LGBTQIA+. Assim os comentários mostram que há um déficit de visibilidade para alguns grupos:

#### kau

Participante

Tem muita gente trans querendo que parem de mesclar tanto a sigla LGB+ com a TTT, pois sabem a invisibilidade dentro da comunidade cis, e que isso só confunde mais quem não é “do meio” entender a identidade de gênero. Na verdade, se for ver, tem “separatismo” em toda letra, da GGGG, da L, da B e as vezes BP, da I embora bem pouco e geralmente de “ipso-ativistas”, da AA (aroace). Não vi ainda de NBs.

#### l00ki

Participante

Concordo ctig Mimi, sempre achei meio excludente estas siglas, por mais boa intenção na hora de colocar gêneros e sexualidades nas siglas, sempre irá faltar alguma, ou deixará alguma na frente que ganhará mais visibilidade que as outras, o sinal de + acaba ocultando as outras, mesmo tendo por objetivo incluir.

<sup>26</sup> Disponível em: < <https://forum.orientando.org/thread-169.html>>. Último acesso em 05/02/2020.

Contudo, essa é uma discussão ampla e antiga no que se refere aos grupos que pedem por inclusão nas siglas de representatividade do movimento LGBTQIA+, tanto na representação de identidade de gênero como de sexualidade. E o diálogo anterior mostra bem como o debate está longe de ser resolvido, mas que não deixa de ser uma demanda das pessoas não-binárias/es e outros/es por reconhecimento e inclusão no grupo.

Outra demanda específica e relevante é do uso da linguagem neutra, que apesar de não ser uma ideia original das pessoas não-binárias, uma vez que foi pensada nos movimentos feministas como uma alternativa ao sujeito universal, é amplamente defendida e incentivada pela comunidade não-binária/e. Aster traz essa questão no tópico “Orientando › Assuntos LGBTQIAP+ › Identidades: Dicas para utilizar linguagem neutra/para se adequar a outras linguagens”<sup>27</sup>:

**Aster**

Admin

1. Desconstruindo a linguagem utilizada por conta de “senso comum”

É necessário pensar que, como uma sociedade, estamos acostumados a designar linguagem a outras pessoas, ao invés de deixar as pessoas se definirem.

Por isso, é difícil absorver a ideia de deixar as pessoas se determinarem. Já ouvi até mesmo pessoas trans binárias dizerem que, se certa pessoa quer ser tratada pela linguagem correta, ela deve alterar seu corpo, comportamento e modo de vestir de acordo. Obviamente, não são essas pessoas que reforçam essas ideias: é a sociedade cissexista que impõe esse padrão para que pessoas não-cis possam ser tratadas pela forma correta.

2. Construindo a noção de que português é uma língua que possui flexões o tempo todo

Em inglês, é mais fácil substituir uma linguagem pela outra; afinal, são poucas palavras que mudam, a maioria são pronomes e títulos. Porém, em português, muitas palavras revelam o nosso final de palavra, ou o final de palavra que estamos usando para outras pessoas. Também temos mais chances de ouvirmos outras pessoas se referirem a nós com certos pronomes e artigos.

Por exemplo, aqui estão algumas frases onde você revela seu final de palavra:

Obrigad’! / Obrigada! / Obrigade! / Obrigado!

3. Utilizando a flexibilidade para trocar a linguagem

Por exemplo, ao pensar em dizer “você é nova aqui, não é? Você é aluna do curso de cinema?”, você vai perceber que está julgando a linguagem pela aparência, e então pode repensar em sua frase:

“Você é nove aqui, não é? Você é alune do curso de cinema?” (Caso prefira substituir tudo por linguagem neutra) ou “Você está há pouco tempo aqui, não é? Você é do curso de cinema?” (Caso prefira omitir qualquer linguagem).

4. Apêndices

x/elx/x, ê/elu/e, -/êlu/e, e/éli/e, i/éli/i... existem várias formas de utilizar linguagem neutra. Só lembre-se de que, assim que você souber que linguagem usar para uma pessoa particular, é melhor usar a linguagem da pessoa, mesmo que você queira usar uma coisa só pra todo mundo.

O foco no uso da linguagem neutra é um ponto bem interessante na comunidade do orientando.org porque há um espaço destinado ao uso desse tipo de identificação no Fórum

<sup>27</sup> Disponível em: <<https://forum.orientando.org/thread-107.html>>. Último acesso em 20/10/2019.

para que as pessoas que optam por qualquer das combinações, seja ela considerada binária ele/ela ou não, sejam respeitadas. Esse incentivo é um modo de ação bem eficaz no reconhecimento tanto das identidades quanto das diferenças. Trarei uma discussão mais pontual sobre o uso da linguagem neutra ou “neolinguagem”, como chamam no site, no terceiro capítulo desta dissertação.

Em consonância com as proposições de mudanças estruturantes do meio social, ou seja, que partam do lugar de onde são significadas, penso que o uso da linguagem neutra cumpre bem esse propósito. Porque ao mudar a forma como usamos a língua falada e escrita, buscando a inclusão dos/es que não se encontram ou não se sentem representados por ela, passamos a reescrever, na lei que cria a exclusão, um novo modo de integrar e valorizar as diferenças.

Trazer os pontos e diálogos, no recorte que privilegiei, para falar um pouco da comunidade não-binária/e, não encerra, de forma alguma, sua diversidade. Nesse sentido não é só evidente que os tópicos elencados não estão de todo separados de seus lugares no debate como não configuram um pensamento único da comunidade que é bem ampla e traz uma gama muito extensa de demandas e pautas singulares, importantes e com muitas possibilidades interpretativas.

Esta apresentação foi feita na intenção de deixar a cargo dos/as/es leitores/is desta escrita uma indicação de que o diálogo com as especificidades dessa parcela de identidades não convencionais é muito rico e tem muito a oferecer no que diz respeito a amplitude dos modos de existência, experiência e vivência desses sujeitos/es. Nessa direção, trarei de forma mais detalhada, no capítulo 2 desta dissertação, outro locus de particularidade do universo não-binário/e, as identidades de gênero.

As identidades não-binárias que serão analisadas encontram-se listadas no site [oreintando.org](http://oreintando.org) no tópico “Lista de identidades não-binárias” e representam uma parte pequena do que se encontra disponível, na internet, em termos de autonegação e expressão da identidade e do desejo. Assim a escolha pelas identidades apresentadas no Orientando se deu por sua completude em termos de definição, organização e referenciação.

## 2. IDENTIDADE(S): A MODERNIDADE E O PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO

Constituída no seio da modernidade a sociologia tem se dedicado desde o princípio, dentre outras coisas, a localizar e situar um de seus elementos de interesse mais caros, o/e indivíduo/sujeito. Este que se encontra abundantemente descrito nas ciências sociais e que tem se estabelecido como marca nos debates desse campo, seja na relação com a coletividade ou mesmo dentro dos processos de individuação na modernidade, século XIII em diante. Num contexto em que segundo Dumont:

De um modo geral, e no plano social propriamente dito, já não há lugar para a ideia de comunidade. Ela é suplantada pela liberdade do indivíduo, que Occam estende no plano da vida mística ao da vida em sociedade. Implicitamente, pelo menos, trocamos a *comunidade* por uma *sociedade*, e as raízes religiosas dessa primeira transição, tão decidida quanto decisiva, são evidentes (1985, p.79, grifos do autor).

Como ente dotado de significado e significante o/e indivíduo ou sujeito/e – termos correlatos para a sociologia – tem se mantido como a ferramenta que constrói a realidade ao mesmo tempo em que se faz neste processo. Assim que, para compreender os mecanismos que nos levaram a declarar os direitos do homem; às mudanças nos modos de ser, perceber e estar no mundo; a reorganização e distribuição geográfica das populações; a implementação de novas técnicas de mobilidade e produção de bens e serviços; o reordenamento das fronteiras políticas e sociais assim como muitos outros atos advindos da modernidade, se faz necessário um olhar mais acurado sobre esse “operário” que tem trabalhado incansavelmente na e para a construção do social.

Pensada e discutida em áreas como a filosofia, a história, a psicanálise, a literatura etc. a constituição do/u indivíduo/sujeito enquanto ser inteligível e passível de análise se faz nas mais diferentes perspectivas e dimensões. De forma que para cada uma das áreas há, por mais tênue que seja, certa diferenciação no uso e sentido dos termos como ser empírico, histórico, moral, psicológico, social, cultural etc. (SPINK, 2011; ROSE, 2001; DUMONT; 1985).

Na sociologia muitas foram as relações estabelecidas no intuito de dar inteligibilidade às ações e motivações para existência da vida em sociedade, desde a perspectiva de pertença grupal onde o indivíduo se faz a partir do meio a que pertence, nos moldes durkheimianos, a uma dissociação entre indivíduo e sociedade. Ou seja, de uma análise que propunha pensar o indivíduo enquanto objeto ou ser individual que se destaca tanto do grupo ao qual pertence quanto das relações sociais estabelecidas, mais aproximados ao indivíduo weberiano.

Norbert Elias é um dos primeiros sociólogos a fazer o exercício de colocar em relação o/u indivíduo e a sociedade pontuando que, nos tempos modernos, a alta individualidade não demonstra um afastamento do/u sujeito/e da sociedade e que o que há é, sim, uma relação entre os mesmos. Isso porque o/u indivíduo só é capaz de se “singularizar” na relação com o/u outro/u, ou seja, “cada pessoa só é capaz de dizer ‘eu’ se e porque pode, ao mesmo tempo, dizer ‘nós’” (ELIAS, 1994, p. 57). Relações essas que são vivenciadas/experenciadas no correr do tempo histórico de onde são determinados os valores e modos de vida que vão além da vontade individual, ainda que se faça, também, nesta forma.

Ao compreender que o/u sujeito/e é forjado no social por meio dos processos de individuação, relação do/u indivíduo empírico com os meios de produção e subsistência, há ainda os meios de subjetivação onde se estabelecem os significados referentes à noção de singularidade, de um eu, de uma identidade. Esta que, até o século XVIII, era vista como núcleo de estabilidade do/u sujeito/e, ou seja, que em razão das poucas possibilidades de mobilidade, das conformidades às regras, códigos e padrões estabelecidos pelas comunidades de ascendência, da fixidez das estruturas de organização dos grupos dentre outros, dava ao sujeito/e orientação e direcionamentos aos quais deixar-se guiar, como bem pontua Bauman (2001):

São esses padrões, códigos e regras a que podíamos nos conformar, que podíamos selecionar como pontos estáveis de orientação e pelos quais podíamos nos deixar depois guiar, que estão cada vez mais em falta. Isso não quer dizer que nossos contemporâneos sejam guiados tão somente por sua própria imaginação e resolução e sejam livres para construir seu modo de vida a partir do zero e segundo sua vontade, ou que não sejam mais dependentes da sociedade para obter as plantas e os materiais de construção. Mas quer dizer que estamos passando de uma era de ‘grupos de referência’ predeterminados a uma outra de ‘comparação universal’, em que o destino dos trabalhos de autoconstrução individual está endêmica e incuravelmente subdeterminado, não está dado de antemão, e tende a sofrer numerosas e profundas mudanças antes que esses trabalhos alcancem seu único fim genuíno: o fim da vida do indivíduo (pp. 14-15).

Para esta escrita essa noção da autoconstrução ou, ainda mais especificamente, da automeação é de fundamental importância por ser este um elemento constitutivo daquilo a que Boaventura (1993) vai identificar como o nome mesmo atribuído à identidade na modernidade, a subjetivação. Assim que nos tópicos que se seguem serão discutidos mecanismos, mais aproximados, da constituição moderna da noção da identidade na singularização/individuação do/e sujeito/e nas noções de eu e pessoa que deem conta de explicar, minimamente, o agenciamento para uma política da pessoa não-binária.

## 2.1. Do indivíduo/sujeito à pessoa: uma política da singularidade no social?

Ainda que tenham estado e, de certa forma, se mantenham em estreita conexão antropologia e sociologia tratam o ente social de forma peculiar a cada disciplina. Assim que, para esta escrita proponho um olhar articulado entre essas áreas, assim como das discussões que foram se estruturando ao longo do tempo em outras áreas, a exemplo da filosofia e da psicanálise, para melhor compreender os mecanismos de constituição da subjetividade, ou seja, do que possibilita a consolidação de existências outras em meio às identidades já estabelecidas.

Refletindo sobre o que concerne à identidade enquanto categoria que localiza o/u sujeito/e dentro, fora e ou a partir das estruturas sociais – e que determinam pertencas étnico raciais, nacionais, de parentesco, classe, geração etc. – as noções de eu/pessoa/sujeito enquanto indivíduo e ser coletivo possibilitam compreender parte do processo de mudança pela qual a modernidade ou a pós-modernidade, para alguns, está passando na atualidade. Como pontua Hall (2005):

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados (p.09).

Uma mudança tão abrangente que abala e põe em cheque os elementos que constituem as identidades, a exemplo, das reivindicações essencialistas de pertença a um determinado grupo identitário; às questões concernentes às marcações simbólicas e sociais na relação com outras identidades; à diferença na unidade; e aos posicionamentos e a adesão às identidades existentes (WOODWARD, 2014). De forma que essas têm sido, até então, noções estáveis e coerentes de um sentido de si historicamente construído e que ainda encontra adesão em culturas outras como a indiana onde o sistema de castas ainda funciona no ideário social mesmo tendo sido formalmente abolido.

As mudanças no entendimento e na realização de si trazem à tona novas e profundas questões aos conhecimentos já estabelecidos acerca da identidade e de como os/es sujeitos/es aderem ou assumem suas posições de identidade. Ou seja, coloca em perspectiva o sentido simbólico das práticas e relações sociais haja vista as perspectivas de entendimento de um eu no social ser ou ter se tornado fragmentado nas sociedades modernas, ao passo que mantêm sua lógica de adequação para/nas as sociedades tradicionais.

Contudo, antes de adentrar as perspectivas das concepções de pessoa, categoria do/e sujeito/e antropológico e sociológico, cabe situar o lugar de onde se traz, para este trabalho, a noção primeira de eu enquanto ser individual e social o que, de certa forma, se amplia para um contexto mais complexo de compreensão do/u sujeito/e moderno e/ou pós-moderno imbuído de agência ou de uma ação ativa individual e político-social (HALL, 2014). Vale ressaltar ainda que com essa segmentação das noções de eu/pessoa/sujeito/e, algo quase cronológico, não há aqui o entendimento de que assim o seja, uma vez que, no contexto empírico não há essa separação. Ou seja, trata-se apenas de um ordenamento para melhor compreensão dessas categorias no contexto sociológico e de sua proficuidade para este trabalho.

Marcel Mauss (1974), no início do século XX, em seu texto “A noção de pessoa” traz contribuições significativas para a discussão do senso/noção de um eu sociológico e antropológico na constituição individual e social do/u sujeito/e. Uma relação que perpassa contextos históricos locais e globais de compreensão do/u indivíduo enquanto unidade/eu e para com seu grupo. O que ao longo dos séculos foi se ampliando para a constituição da vida em sociedade e da relação do/u indivíduo para com tudo o que este termo suscita consigo, a exemplo dos arranjos religiosos, das estruturas sociais, dos valores e costumes etc.

Perpassando um contexto histórico e situado, Marcel Mauss percorre um amplo campo da história da humanidade em que foi possível perceber a constituição do/u indivíduo enquanto eu/pessoa. Nesse sentido ele/i pontua que mesmo estando ligado ao grupo/clã, referindo-se ao povo Zuñi, dentre outros, há aí

a noção da pessoa, do indivíduo confundido com seu clã mas já destacado dele no cerimonial, pela máscara, por seu título, sua posição, seu papel, sua propriedade, sua sobrevivência e seu reaparecimento na terra num de seus descendentes dotados das mesmas posições, pronomes, títulos, direitos e funções (MAUSS, 1974, p. 375).

De forma que mesmo em se tratando de um personagem que este interpreta na relação com seu grupo, sua individualidade demarca esse lugar do eu relacional que desempenha uma função/atividade e que possibilita o destaque e inteligibilidade de si na relação com o outro, próximo ou distante da sua realidade grupal.

A noção anterior de personagem já traz em si, segundo o/e autor/e, o significado de pessoa, ainda que de forma menos elaborada que a noção da *persona* latina, apresentado por Mauss como uma noção subsequente à de personagem. Nessa etapa a noção de pessoa está fundamentada no direito, uma vez que “a ‘pessoa’ é mais do que um elemento de organização,

mais do que um nome ou o direito a um personagem e a uma máscara ritual, ela é um fato fundamental do direito” (Idem, p. 385). Chegar a essa noção de pessoa demandou séculos de lutas e transformações nas relações com e entre os grupos ou povos, que nesse processo abandonaram ou assumiram determinadas ideias acerca do entendimento de si enquanto indivíduo e sujeito/e coletivo moral detentor de direitos, ainda que a assertiva não fosse verdadeira para todos (escravos, mulheres, crianças etc.).

Nessa trajetória da constituição da noção de eu/pessoa outras batalhas foram travadas para que fosse possível forjar uma base mais completa da noção de si, e o cristianismo é quem traz essa base, na qual nos encontramos fixados ainda hoje. Essa categoria de eu encontrou sua forma mais acabada na conciliação do indivíduo tanto com o mundo material quanto com o espiritual na unidade da trindade cristã onde “a pessoa é uma substância racional indivisível, individual” (Idem, p. 393). Pensamento que encontra eco no conhecimento científico filosófico que funda “[...] a categoria do ‘Eu’, condição da consciência e da ciência, da Razão Pura” (Idem, p. 396).

Contudo, e como pontuado por Mauss, esse entendimento de eu/pessoa do cristianismo não é definitivo e se trata de mais uma possibilidade ou etapa do conhecimento para seguir aperfeiçoando a compreensão de nós mesmos e do mundo que nos cerca. E vale ressaltar ainda que, essa noção de eu/pessoa apresentada está fortemente ligada aos estudos e preocupações ocidentais, europeias, brancas e masculinas.

À essa contribuição, importante, de Mauss, para com a discussão da noção de eu/pessoa e conseqüentemente da identidade, seguiram-se outras, como as pontuadas por Marcio Goldman (1996), que trazem fôlego e questões significativas para a reflexão acerca do indivíduo em sua constituição enquanto sujeito. São noções que têm relação com essas categorias explicitadas por Mauss, mas que trazem diferentes dimensões devido ao contexto histórico na qual foram formadas.

Nesse sentido Hall (2005) apresenta três concepções resumidas, diferentes e recentes da noção de identidade nos sujeitos do iluminismo, no/u sujeito/e sociológico e no/u sujeito/e pós-moderno – para Hall há um sujeito/e da modernidade e outro/u da modernidade tardia ou pós-modernidade. Essas concepções de sujeito/e mostram como as mudanças no sentido de si impactam as estruturas sociais e culturais da vida em sociedade. Em outras palavras, como a noção de identidade é importante na construção histórica da vida em sociedade uma vez que é

a partir da localização do eu no mundo que se cria as condições de produzir as realidades objetivas e subjetivas do/u sujeito/e.

Da noção do/u sujeito/e do iluminismo para cá, o/u sujeito/e moderno e ou pós-moderno, muitas e significativas foram as mudanças tanto no que se refere à ideia que temos de nós mesmos quanto da noção de mundo que temos criado enquanto sociedade/humanidade. Isso fica claro quando voltamos nossos olhares para o contexto histórico mais recente para refletirmos sobre quem fomos, o que somos e o que queremos para as gerações futuras – em um breve vislumbre, do que parte significativa das pessoas têm demonstrado, por meio das reivindicações de novas possibilidades de se expressar enquanto gênero e sexualidade. Legando um senso de liberdade e autonomia sobre seus corpos e modos de viver e experienciar as existências que se diferem daquilo que temos observado até então.

Segundo pontua Stuart Hall, o sujeito/e do iluminismo traz consigo a ideia do/u individualismo centrado na pessoa humana dotada de razão, essa noção do/u individualismo acompanha o/u sujeito/e moderno, assim como o/u indivíduo pós-moderno, em certa medida. E essa percepção acerca do/u sujeito/e do iluminismo se deve a processos importantes no pensamento e na cultura ocidentais. Ao falar sobre o/u sujeito/e moderno o/e autor/e perpassa rapidamente por esse contexto de mudanças, ao qual destaca:

[...] a Reforma e o Protestantismo, que libertaram a consciência individual das instituições religiosas da Igreja e a expuseram diretamente aos olhos de Deus; o Humanismo Renascentista, que colocou o homem (sic) no centro do universo; as revoluções científicas, que conferiram ao Homem a faculdade e as capacidades para inquirir, investigar e decifrar os mistérios da Natureza; e o Iluminismo, centrado na imagem do Homem racional, científico, libertado do dogma e da intolerância, e diante do qual se estendia a totalidade da história humana, para ser compreendida e dominada (2005, p. 26).

Esta ideia de sujeito/e e de identidade que fora forjado em um contexto complexo e profundo de mudanças, nos sistemas objetivos (modos de produção da existência) e subjetivos (a representação simbólica de organização moral e de valores), é parte importante na constituição do/u sujeito/e sociológico (BERGER E LUCKMANN, 2014). Este que traz para a história outra noção de sujeito/e, aquele/i que suscita o interesse na organização social enquanto o lugar da relação indivíduo e sociedade nas questões individuais da vida pessoal/privada e social/pública.

Assim o/i sujeito/e sociológico reflete o momento de complexificação da vida em sociedade, mediante aos processos de industrialização; da implementação de políticas de cunho liberal pautadas no direito individual à propriedade; à expansão do poder do Estado e

do controle cada vez maior do mesmo sobre os/es sujeitos/es, seus corpos e direitos; à grande influência do empirismo na ciência ocidental, dentre outros (HALL, 2005; VELHO, 1981).

Berger e Luckmann (2014) trazem a discussão do/u sujeito/e de interesse dos estudos em sociologia na interação com a vida objetiva e subjetiva, ou seja, no significado que os/es mesmos/es constroem da realidade a qual pertencem. Essa construção é estabelecida através do contexto cotidiano de experiência do/e sujeito/e na sua relação com a estrutura social, isto é, com sua adesão mais ou menos forte aos sistemas que ordenam, direcionam e dão significado à vida social ou em sociedade.

Essa noção do/e sujeito/e que é constituído na relação social e que constrói um entendimento de si através do processo de integração à estrutura social é resultado da construção da realidade social subjetiva do sujeito mediante a relação deste com o mundo objetivo. Em outras palavras, é a interiorização “a apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objetivo como dotado de sentido, isto é, como manifestação de processos subjetivos de outrem, que desta maneira torna-se subjetivamente significativa para mim” (BERGER E LUCKMANN, 2014, p.168) como integração do/e indivíduo através da identificação com o meio ao qual o/u mesmo/e pertence.

Berger e Luckmann localizam o processo de integração no nível da socialização primária e secundária, sendo a primeira um processo onde o/i sujeito/e não tem muita ou nenhuma autonomia para agir, por estar o/u mesmo/e no período da infância momento de construção da identidade por meio da relação com aqueles/as/ís que lhe são mais próximos e lhe antecederam, contudo, os/us autores/is salientam que “este processo não é unilateral nem mecanicista. Implica uma dialética entre a identificação pelos outros a autoidentificação, entre a identidade objetivamente atribuída e a identidade subjetivamente apropriada” (Idem, p. 171). Vale salientar ainda que esse processo se cristaliza por meio da interiorização da linguagem, considerada pelos autores como “[...] o mais importante conteúdo e o mais importante instrumento de socialização” (p. 173).

E a segunda, a socialização secundária, que “[...] é a interiorização de ‘submundos’ institucionais ou baseados em instituições. A extensão e caráter destes são, portanto, determinados pela complexidade da divisão do trabalho e a concomitante distribuição social do conhecimento” (p. 178). Nesse processo de socialização o/u indivíduo teria maior abertura para mudanças, uma vez que sua inserção em setores objetivos, diferentes da vida em

sociedade, entra em contradição com o contexto de socialização primária, mais rígido, o que possibilita a contestação ao que está socialmente dado.

Na medida em que os processos de socialização nos níveis primários e secundários não são um contínuo de formação unívoca da identidade, esse é um meio importante para a compreensão da formação da identidade e da possibilidade de reordenação dessa noção a partir das relações que são estabelecidas no momento de inserção do/u indivíduo em outros meios objetivos da vida em sociedade. Isso porque ao estabelecer relações com os “submundos” da vida objetiva, que estão fora da base de socialização dos significativos primários do/u indivíduo, pode criar-se um processo dialético de não conformidade com o que foi internalizado em relação ao que está posto ou é experienciado pelo sujeito/e em sua subjetividade.

Assim a realidade subjetiva do/u indivíduo, ou seja, o modo como o/u mesmo/e dá significado e interpreta o mundo objetivo e simbólico a sua volta é fundamentalmente importante para a formação/manutenção da identidade. Estando esta última em um constante processo de (re)constituição.

E, é nesse lugar de uma identidade em permanente construção na relação com as estruturas sociais e consigo mesmo/e, enquanto indivíduo social, que se encontra o/e sujeito/e contemporâneo ou moderno/pós-moderno. Na modernidade a noção de um eu coerente e fixo abre caminho para uma multiplicidade “cambiante de identidades possíveis”, de forma que

A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente [e ou culturalmente], e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2005, p. 13).

Essa mudança nas noções de um eu centrado e coerente são resultado de transformações amplas e significativas tanto nas estruturas sociais quanto nos contextos simbólicos formados e legitimados por meio dessas estruturas. E as organizações/grupos ou movimentos sociais são os grandes responsáveis por essas mudanças no contexto da modernidade e da pós-modernidade, principalmente, por serem esses grupos a se organizarem a partir das inquietações individuais e das contradições intragrupo, por exemplo, entre uma noção de eu estabelecida socialmente que não corresponde à realidade subjetiva do/i

indivíduo, e que buscam, através de um consenso mínimo, sanar tais necessidades (BRAH, 2006).

Outra visão possível para a associação dos/is indivíduos em grupos ou movimentos sociais que deem conta de responder aos anseios individuais com tamanha significância é apontada por Stuart Hall (2005), que diz:

Ainda era possível, no século XVIII, imaginar os grandes processos da vida moderna como estando centrados no indivíduo ‘sujeito-da-razão’. Mas à medida em que as sociedades modernas se tornavam mais complexas, elas adquiriam uma forma mais coletiva e social. As teorias clássicas liberais de governo, baseadas nos direitos e consentimento individuais, foram obrigadas a dar conta das estruturas do estado nação e das grandes massas que fazem uma democracia moderna. As leis clássicas da economia política, da propriedade, do contrato e da troca tinham de atuar, depois da industrialização, entre as grandes formações de classe do capitalismo moderno. O empreendedor individual da *Riqueza das ‘ações* de Adam Smith ou mesmo *d’O capital* de Marx foi transformado nos conglomerados empresariais da economia moderna. O cidadão individual tornou-se enredado nas maquinarias burocráticas e administrativas do estado moderno (pp. 29-30).

Assim, desde a década de 1960, quando irrompem os novos movimentos sociais desafiando

[...] o *establichment* e suas hierarquias burocráticas, questionando principalmente as políticas ‘revisonistas’ e ‘estalinistas’ do bloco soviético e as limitações da política ocidental. As lealdades políticas tradicionais, baseadas na classe social, foram questionadas por movimentos que atravessam as dimensões de classe e se dirigiam à identidades particulares de seus sustentadores (WOODWARD, 2014, p. 34).

A questão da identidade é conceito chave nesses movimentos, e o/u mesmo/e vem passando por grandes e significativas transformações, na modernidade. O movimento feminista é um dos expoentes dessa mudança, como um dos mais significativos grupos identitários da atualidade, como pontua Stuart Hall (2005) quando diz que o feminismo foi corresponsável pelo “descentramento conceitual do sujeito cartesiano e sociológico”:

- Ele questionou a clássica distinção entre o ‘dentro’ e o ‘fora’, o ‘privado’ e o ‘público’. O *slogan* do feminismo era: ‘o pessoal é político’.
- Ele abriu, portanto, para a contestação política, arenas inteiramente novas de vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças, etc.
- Ele também enfatizou, como uma questão política e social, o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos genericados. Isto é, ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas).
- Aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da *posição* social das mulheres expandiu-se para incluir a *formação* das identidades sexuais e de gênero.

- O feminismo questionou a noção de que os homens e as mulheres eram parte da mesma identidade, a ‘Humanidade’, substituindo-a pela *questão da diferença sexual* (pp. 45-46).

O que demonstra que o movimento de mulheres tem alcance amplo de entendimento das transformações sociais e culturais fazendo leituras assertivas tanto das relacionadas à singularidade cultural e política de suas/seus representantes quanto dos/es demais sujeitos/es demonstrando assim, dentre outras coisas, a preocupação do grupo em fugir dos essencialismos (WOODWARD, 2014).

Dessa forma, Judith Butler (2003) já chamava a atenção para a representação política dos/es entes dos feminismos, que, em princípio, presume a existência de uma identidade definida pela categoria “mulher”. Esta, como muitas das produções e questões levantadas dentro do movimento, principalmente no século XX, momento de grandes e significativas atuações na tessitura entre práticas no movimento feminista e a produção teórica, foi amplamente criticada (ALVAREZ, 2014). Esta crítica vem do entendimento de que, ao se definir política e juridicamente como representante de uma identidade singular, excluem-se outras identidades forjadas cultura e localmente.

Assim, a noção do/e sujeito/e político “mulher” passa a ser questionada, pois “o próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes” (BUTLER, 2003, p.18), uma vez que há uma gama muito grande de diferenças dentro do próprio grupo das mulheres (BRAH, 2006; HALL, 2005) e de essas diferenças estarem relacionadas a questões amplas e interseccionais de classe, raça, gênero, origem, dentre outras (KERGOAT, 2010). De modo que, o movimento feminista, segue grandes e importantes debates acerca da proposição de se designar ou não uma categoria portadora de uma identidade aos sujeitos/es do movimento.

Conformado a essa nova configuração das políticas sociais modernas e fragmentadas, pós anos 1960, outro movimento social que tem ganhado destaque nas questões de expressão da identidade sexual e de gênero é o movimento LGBTQIA+<sup>28</sup> que a partir do ano de 1969, com a marcha de Stonewall, deu maior visibilidade às questões concernentes à homossexualidade no âmbito civil e, a partir das décadas de 1970/1980, expandem essa discussão para o âmbito acadêmico (SEDGWICK, 2007; CARRARA E SIMÕES, 2007).

---

<sup>28</sup> Vale ressaltar que a escolha em usar esta sigla se fez como forma de representar um número maior de identidades e sexualidades que buscam por reconhecimento no movimento gay brasileiro/e.

Pautando, dentre outras questões, aquelas concernentes à visibilidade do/e sujeito/e, ao reconhecimento de sua identidade social desprendida das práticas sexuais, do direito de livre expressão da sexualidade, o movimento LGBTQIA+ têm se destacado na discussão das identidades de gênero por trabalhar, historicamente, na inserção das diferenças no movimento buscando não se enredar numa essencialização identitária. Um exemplo disso é a crítica feita à sigla GLS e HSH:

[...] vemos também que a multiplicação de categorias destinadas a nomear o sujeito político do movimento, manifesta na atual sigla LGBT (“gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais”), é proposta em diálogo crítico com outras, como GLS (“gays, lésbicas e simpatizantes”), do mercado segmentado, que reelaborava a ambiguidade classificatória para ampliar o potencial de inclusão; ou HSH (“homens que fazem sexo com homens”), das políticas de saúde, que, talvez equivocadamente, buscavam contornar o problema da falta de coincidência entre comportamentos e identidades sexuais (CARRARA E SIMÕES, 2007, p. 93-94).

Ainda que, como pontuado pelos/us autores/is, a adesão à uma ou outra sigla, assim como o abandono para se assumir outra, cause conflitos, essa iniciativa tem gerado positivities ao possibilitar a inserção e “celebração” à diversidade sexual e identitária.

Outra questão importante da discussão de um não-essencialismo identitário e da percepção de que outros elementos constituem as experiências sociais e individuais dos/es sujeitos/es, tanto no movimento feminista quanto no movimento LGBTQIA+, diz respeito ao debate acadêmico científico das categorias classificadoras desses/is sujeitos/es. Ou seja, dos elementos que constituem esses/is sujeitos/es em suas vivências e experiências e que possibilitam uma resignificação de sua existência a partir dos lugares da desvalorização, a teoria *queer* é um exemplo disso.

Advinda das contribuições de teóricos como Judith Butler (2002 [1993]; 2003) e Michel Foucault (2019 [1976]) a Teoria *Queer*

além da valorização de uma certa marginalidade heróica, de uma postura antiassimilacionista e fortemente crítica das estratégias políticas voltadas para a conquista de direitos e liberdades civis para gays e lésbicas, a teoria *queer* se caracteriza por um antiessencialismo radical e pela recusa ao fechamento identitário no plano da orientação sexual e do gênero. Daí talvez o caráter estratégico que estados “inter” e/ou “trans” (intersexuais, travestis, transexuais e transgêneros) assumem para essa teoria. “Teoria *queer*” e “política *queer*”, de todo modo, são expressões que remetem a um leque amplo de conotações, às vezes ambíguas e contraditórias (CARRARA E SIMÕES, 2007, p. 77 [nota 11]).

E é pensando nessas contribuições advindas da organização dos/is indivíduos em grupos/movimentos que os/es representem enquanto sujeito/e político e social, além do significado que os/es mesmos/es dão à suas experiências individuais dentro e fora das

instituições, que me interessa pensar as identidades ou vivências não-binárias, de forma a compreender como as noções de identidade perdem e/ou ganham significado a partir das experiências individuais e sociais. Parto da ideia de que, na contemporaneidade, essa noção de identidade, cada vez mais borrada, e ainda necessária, está, cada vez mais, “sob rasura” Hall (2014, p. 104).

A subjetivação é algo fundamental para que seja possível quebrar com essa ideia da fixidez ou binaridade identitária, além de dar condições ao sujeito/e de se localizar dentro do contexto da modernidade/pós-modernidade ou ainda sociedade de alta complexidade (VELHO, 1981). Esse lugar da fragmentação das políticas ideológicas e identitárias; da complexificação das relações sociais e pessoais, íntimas e públicas; do alto consumo e produção de ideais de vida; da tecnicização e acesso dos corpos, identidades e experiências do eu social e todas as pluralidades advindas desse contexto.

## **2.2. Subjetivação: a constituição do eu no social**

Constituída no seio mesmo da modernidade, como já pontuado nesta escrita, a subjetivação é aqui compreendida como o elemento que possibilita o empreendimento da pessoa enquanto ser singular e político, datado e localizado na relação histórica, social e cultural da humanidade. Esse fazer-se, possibilitado por ideais racionais filosóficos que se relacionam com os modos de existência objetiva e que se encontra em constante mutação, está imbricado em profundas estruturas de inteligibilidade simbólica e política que coexiste no tempo e no espaço com outras formas e fronteiras da vivência e experiência de si, da identidade. Esta que “[...] não é fixa nem singular; ela é uma multiplicidade relacional em constante mudança” (BRAH, 2006, p.271).

O tornar-se sujeito/e, a enunciação de um núcleo, de um eu, passa por formas distintas quando os debates cruzam as fronteiras disciplinares e de interesse localizado, ou seja, os modos de constituição do ente social, biológico, psicológico, histórico, filosófico, cultural etc. Contudo, é possível encontrar certa convergência entre tão distintas abordagens, o entendimento de que nos constituímos nas relações e somente a partir delas é que somos capazes de criar o mundo interno e externo de que constitui nossa humanidade. A experiência é um dos elementos abordados e explorado como um modo de demonstrar como nos fazemos dentro e a partir do poder, ou do saber/poder (BUTLER, 2017; FOUCAULT, 1984). Porque, para além do que está posto no social, a tradição ou aquilo que encontramos quando aqui

“chegamos”, há juízos outros sendo pensados e articulados no intuito de romper com os grilhões do legado passado.

Nas ciências sociais essa relação se dá tanto na empiria, nos vemos e nos reconhecemos ou não no outro, como ideologicamente, a forma como nos organizamos em relação a nossas crenças/simbologias e nos significados que damos ao que está no mundo físico ou fora dele (DUMONT, 1985). Ao codificar o que nos cerca e significar a própria existência, o/e indivíduo/sujeito/e não só complexifica sua própria existência como cria meios de leva-lá ao patamar mais singular possível, o que não quer dizer simplificado.

Assim que a realidade do eu/pessoa é desafiadora por se constituir em um espaço tão repleto de pluralidades fragmentadas, reflexo da modernidade, assim como do que já se encontra estabelecido, advindo dos contextos clássicos de entendimento de um eu fixo. Ou seja, como ser, existir e se fazer notado/e em meio a tantas perspectivas disponíveis e possíveis? Como encampar ideais, estabelecer caminhos/rotas a seguir com tantos elementos a nos direcionar ou cooptar utilizando-se ou não do uso de força ou violência física e psicológica? Como significar o mundo que nos cerca mediante aos movimentos de intercâmbio cultural exacerbado e das diferenças que nos une e nos separa ao mesmo tempo? São questões que quiçá não responderemos, e que, por hora, tem demandado muito dos/as/ís pensadores/as/ís que se aventuram na busca por respostas.

Desde a década de 1960 temos acompanhado/visto o quanto vem se acelerando, juntamente com o desenvolvimento/melhoramento das tecnologias de comunicação, de transporte, da medicina dentre outras, a concepção de eu/pessoa como singularidade. Outro campo que tem se destacado é o das micropolíticas resultantes da fragmentação que se seguiu às reivindicações dos grupos identitários que foram às ruas, mundo a fora, em busca do reconhecimento à diferença e às políticas pontuais de viés mais democráticos (BAUMAN, 2001). Isto é, de uma política plural onde a participação social singular e coletiva sejam respeitadas/reconhecidas na mesma medida, rompendo assim com os modelos de macropolítica ou da política totalitária.

As tecnologias, principalmente a internet *on* e *off-line*, vêm nesse cenário para inflar, ainda mais, os ideais de liberdade aclamados e disseminados nesse tipo de política plural onde o/e indivíduo é o/e único responsável por seu sucesso ou fracasso na corrida pelo reconhecimento de pertença social. Isso porque aquele/a/i que não participa ou não se encontra inserido na lógica e no fluxo da modernidade/pós-modernidade está fadado a

acomodar-se nas “trevas” do passado ou, no máximo, ser reconhecido como aquilo que fomos e não queremos mais ser, pois há um mundo inteiro a ser experimentado/experenciado em toda a sua potência, ainda que sequer saibamos o que isso possa significar ou mesmo ao que nos expomos.

Nessa busca de significar nossa existência no cenário que se nos apresenta algumas estratégias são apresentadas e outras forçadas, mas como podemos nos certificar de qual é o caminho a seguir? Há um certo e um errado ao qual aderir ou do qual fugir? Se as certezas que antes nos guiavam, hoje se encontram sob suspeição, o que fazer para tornar nossas existências, minimamente, possíveis?

Algumas das respostas que nos são apresentadas sugerem desde um retorno a um passado de certezas e seguranças ofertadas pela vida em comunidades fechadas e ordeiras, portanto seguras, pela forte adesão a um lugar de pertença e reconhecimento do outro e de si, até uma quebra definitiva com a identidade e tudo o que ela representa em termos de pertença a um determinado grupo social. Neste trabalho, não se privilegia nem um extremo nem outro, porque há questões de intermédio que se apresentam como realizáveis e mesmo desejáveis para uma existência mais empática tanto na relação com a sociedade quanto consigo mesmo/e, ou seja, que a existência pode se fazer de variadas maneiras se a pessoa se reconhece no processo enquanto ser que constrói e se constitui nesse processo.

O reconhecer-se implica numa política do agenciamento onde, como dito por Judith Butler em “A vida psíquica do poder (2017)”, o/e sujeito/e seja capaz de perceber que é resultado ao mesmo tempo em que produz o significado de sua existência. Isso implica em reconhecer-se como artífice de si e do mundo que o cerca na relação com o que está dado histórica, social, política e culturalmente de modo que ao estarmos cientes daquilo de que nos constituímos sejamos capazes de aderir a tal e qual caminho sem que tenhamos que abrir mão de nossa essência e centralidade para assumirmos lugares pré-estabelecidos que, muitas vezes, não nos cabem ou contemplem.

Isso implica, ainda, em perceber que assim como construímos a realidade na qual nos encontramos podemos mudá-la e ampliá-la para que caibam e possa haver igualdade nas diferenças tanto empíricas, nos corpos, quanto filosóficas, ideais e simbólicos, desde que respeitadas a vida e a humanidade do ser. E é nesse lugar do ser que se compreende enquanto parte desse todo social, psíquico, filosófico e histórico, portanto, portador de um ideal político no social, que compreendo a pessoa não-binária. Esta que enquanto busca se constituir,

constrói um lugar na sociedade questionando e colocando em debate algumas certezas que criamos de nós mesmos.

Ao apresentar essa possibilidade real de ser e estar no mundo, que há muito tem sido discutida pelas minorias representativas, a perspectiva não-binária abre um precedente para a quebra com a ideia de que a vida, assim como o pensamento, é limitada a pares binários ou dualidades de certo e errado. Demonstram ainda que há, sim, uma pluralidade de vivências e experiências passíveis de serem assumidas ou rejeitadas àquelas/as/es que se propõem a vivenciá-las.

Portanto, como modo de figurar ou dar significado a algumas dessas existências a partir de uma adesão a identidade ou à “desidentidade”, trago no próximo tópico uma análise de identidades da não-binaridade que conformam existências possíveis a partir da identificação ou não a determinadas classificações. Essas identidades de gênero foram acessadas por intermédio do site Orientando.org, descrito na introdução e metodologia deste trabalho, e que serviu de plataforma para compreender melhor parte desse campo que tem se aberto e se estabelecido cada vez mais no social.

### **2.3. Identidades não-binárias: uma sociedade andrógina, “sem gênero”, ou mais uma automeação?**

As identidades de gênero não-binárias são, na sua maioria, termos novos criados e/ou adotados como forma de tornar viável a experiência de si de forma mais subjetiva sem, contudo, perder a ligação com o social. Em outras palavras, “a supressão parcial do sentido de uma identidade pela asserção de outra não significa, contudo, que diferentes ‘identidades’ não possam ‘co-existir’”(BRAH, 2006, p.372).

A ideia de coexistência das identidades não é nova. Os feminismos têm, desde há muito, assumido as diferenças na igualdade e a diversidade na comunidade. Isso porque as identidades não se limitam ao imaginário ou ideal de mulher como um todo homogêneo, uma vez que multiplicidades são a regra no mundo empírico e não se esgotam num único termo, corpo ou desejo.

Nos contextos até aqui apresentados é possível fazer essa aproximação da ideia de representação identitária feminista com as identidades de gênero não-binárias, no entendimento de que há um radical de inteligibilidade da identidade a ser representada. Nesse sentido, as identidades de gênero não-binárias partem de um lugar que é ao mesmo tempo o

reconhecimento de que há uma matriz que expressa dualidade/binaridade, o espectro da feminilidade e da masculinidade, assim como da percepção de que esse espectro não cobre um vasto campo de experiências das pessoas.

E ainda que a representação não consiga resolver as complexidades relacionadas às diferenças intragrupo, assim como as especificidades das subjetividades, há, sobretudo, uma política das identidades dissidentes em curso e uma coletividade a que representar, as/os/es não-binárias. Porque, para além dos espantos ou das desconfianças que se possam ter em relação ao crescente número de identidades de gênero disponíveis, elas estão circulando, sendo assumidas, divulgadas, demandando espaço e reconhecimento nas políticas e no meio social. E, como dito, por Rosi Braidotti “figurações de subjetividade móveis, complexas e mutantes estão aqui pra ficar” (2002, p.12).

E para que a representação dessas identidades seja possível há que se olhar para além daquilo que está posto, visto que o que conhecemos, também, se encontra sob suspeição, ou dito de outra forma

Na ótica das representações sociais extingue-se a questão entre a precedência do social sobre o individual e vive-versa. O sujeito se faz em uma relação contínua entre o mundo interno e externo, criando o espaço de construção da identidade à qual se atrela, identidade atravessada de lugares e posições, investida de sentidos ou voláteis, trabalhando níveis de assujeitamento, tendo, porém, um horizonte indefinido de opções à sua disposição (SWAIN, 2002, p. 16).

Assim, no intuito de evidenciar a existência de uma parte dessas identidades, algumas já consolidadas e outras em “construção”, apresentarei, nos tópicos abaixo, as noventa e duas identidades<sup>29</sup> de gênero que foram organizadas pelas pessoas que coordenam o site orientando.org. A escolha pelas identidades ali apresentadas se deu pelo fato de o *site* ser, entre os pesquisados – como pontuado na metodologia deste trabalho –, o mais organizado e com maior quantidade de material acerca da temática, além de ser administrado por pessoas não-binárias.

As categorias<sup>30</sup> elencadas para apresentar os quadros de identidades de gênero não foram pensadas como forma de encastelá-las ou colocá-las em caixas – até porque isso vai

---

<sup>29</sup> A lista destas identidades pode ser acessada no endereço: <<https://orientando.org/listas/lista-de-generos/>>. Último acesso em 25 de agosto de 2020.

<sup>30</sup> Há, no Fórum, sob o título: “Quais termos para identidades não listadas vocês acham interessantes?”, uma discussão que passa pela proposição de fazer uma lista de identidades separadas por termos/categorias próximas das que apresento aqui. Contudo, a separação que faço não está diretamente relacionada à proposta apresentada na discussão do tópico supracitado. A discussão encontra-se no link: <<https://forum.orientando.org/thread-82.html>>. Último acesso em 22 de outubro de 2020.

contra a política dessas identidades. É importante dizer que as identidades fluem e escapam das categorias, ou seja, elas não se deixam apreender. Esta tentativa de classificação foi feita para que as/os/es leitores deste trabalho conheçam mais dessas identidades e percebam a importância de seu lugar no campo político e social, e de como as mesmas mexem com as estruturas e certezas do pensamento e do conhecimento.

### 2.3.1. Identidades de gênero guarda-chuvas

As identidades de gênero antes de se dividirem/fragmentarem operam a partir de termos guarda-chuvas como não-binário/a/e e *genderqueer*/gênero *queer* que contém ou englobam inúmeras identidades. Estas que se encontram dentro da perspectiva ocidental de inteligibilidade do gênero, isso porque há outras representações de gênero culturais<sup>31</sup>, a exemplo das hijras ou terceiro gênero indiano, que contemplam outras noções de gênero para a cultura a que representam e que se distancia do modo ocidental de compreender e lidar com gênero. Além da concepção indiana citada existem outras denominações de gênero que não serão apresentadas aqui por suas especificidades e por se distanciarem, de certa forma, da discussão aqui empreendida.

Gênero não-binário/e/a (*nonbinary* em inglês), e gênero *queer* (*genderqueer* em inglês), são termos de origem anglófona forjados nas lutas LGBTQIA+ dos anos 1980 em diante e difundidas nas redes e plataformas da internet ganhando significados e adeptos mundo a fora. Nesse movimento de assunção, interpretação e tradução do global para o local chega-se num processo de representação que para Rosi Braidotti, na ideia do nômade, expressa “[...] figurações de uma compreensão situada, culturalmente diferenciada do sujeito” (2002, p. 10), ou ainda o/a/e nômade como aquele/e/a que

[...] se posiciona pela renúncia e desconstrução de qualquer senso de identidade fixa. O nômade é semelhante ao que Foucault chamou de contra-memória, é uma forma de resistir à assimilação ou homologação dentro de formas dominantes de representar a si próprio. [...] O estilo nômade tem a ver com transições e passagens, sem destinos pré-determinados ou terras natais perdidas (idem, p. 10).

Essa ideia de deslocamento nômade, de uma não fixidez, correlaciona-se com as noções de tradução das identidades não-binárias que, ao estarem permanentemente em trânsito, fluindo, levam e trazem resíduos de um lado a outro, mesclando ou estabelecendo torções de inteligibilidade de expressões tradicionais de masculinidades e feminilidades.

<sup>31</sup> O site orientando tem uma lista ampla dessas identidades que podem ser acessadas em <<https://orientando.org/identidades-exclusivas/>>.Último acesso em 13 de agosto de 2020.

Como figuração desse lugar da interpretação e da significação da identidade moderna, trago na tabela abaixo, de forma resumida, as identidades de gênero não-binária/a/o e gênero queer/*genderqueer* e suas respectivas bandeiras.

**Quadro 2 – Identidades de gênero “guarda-chuvas” e bandeiras**

<b>Identidades de gênero:</b>	<b>Descrição:</b>	<b>Bandeira:</b>
<b>Não-binária</b>	Identidade de gênero para pessoas cujo gênero não é 100% homem e nem 100% mulher <sup>32</sup> .	 Bandeira não-binária.
<b><i>Genderqueer</i> / Gênero queer</b>	Identidade para pessoas que não são nem 100% homem nem 100% mulher. Pessoas cujo gênero e orientação estão interligados e pessoas que agem radicalmente contra as normas de gênero pela maneira de se vestir, por exemplo.	 Bandeira <i>genderqueer</i> / gênero queer.

Com diferenças tênues, mas significativas, as identidades de gênero supracitadas trazem em sua gênese diferenças temporais e interpretativas. O gênero *queer* é um termo advindo da resignificação de um insulto de modo político e radical no reconhecimento às diferenças, nos Estados Unidos, a partir dos anos 1980 tanto no meio social quanto no acadêmico. E, ainda que a tradução do termo para nossa realidade tenha suas problemáticas, como pontuado por Larissa Pelúcio (2014, p. 4):

em português ‘queer’ nada quer dizer ao senso comum. Quando pronunciado em ambiente acadêmico não fere o ouvido de ninguém, ao contrário, soa suave (cuier), quase um afago, nunca uma ofensa. Não há rubores nas faces nem vozes embargadas quando em um congresso científico lemos, escrevemos ou pronunciamos queer. Assim, o desconforto que o termo causa em países de língua inglesa se dissolve aqui na maciez das vogais que nós brasileiros insistimos em colocar por toda parte. De

<sup>32</sup> Na aba de apresentação das identidades não é feita a dissociação das diferenciações entre a representação do que é sexo, homem e mulher, com o que é gênero, masculino e feminino, e que é feita na Teoria de Gênero.

maneira que a intenção inaugural dessa vertente teórica norte-americana, de se apropriar de um termo desqualificador para politizá-lo, perdeu-se no Brasil.

Há, no site do Orientando, adesão a denominação assim como o reconhecimento da radicalidade política no uso do mesmo, ou seja, é pontuado seu caráter radical como “contracultura à políticas assimilacionistas” em suas qualificações.

Já o/e gênero não-binário/e, opera enquanto termo que representa a identidade de pessoas que não se consideram plenamente representadas no espectro de gênero. Isto é, suas qualificações se relacionam às identidades assumidas, como no exemplo: “pessoas que não possuem gênero, que se sentem a parte do conceito de gênero ou que sentem que transcendem o gênero”<sup>33</sup>. Além de ser um termo mais recente, da década de 2010 pra cá, e que não carrega em si estigmas como os que deram origem ao gênero *queer*.

Ambas identidades representam grupos de pessoas que não se sentem confortáveis com o espectro binário dos gêneros ou que estão questionando as identidades que lhes foram atribuídas ao nascimento. Os/es transgêneros<sup>34</sup>, como são comumente conhecidos/es os/es que não se reconhecem no binário, encontram nas identidades guarda-chuvas uma forma de expressarem suas inquietações com as normas de gênero e sexualidade.

É importante registrar que apesar destes serem termos novos para essas inquietações com a identidade de gênero, a expressão de uma não conformidade ao gênero é bem anterior. Isso porque, na história cultural da humanidade, há relatos de vivências ou tentativas de existência a parte da binaridade, a exemplo de Herculine Bardin, pessoa intersexo, “hermafrodita”, descrita por Foucault na obra “Ética, sexualidade e política” (2006). Herculine, ao ser confrontada com a obrigatoriedade de assumir uma identidade que não condizia com o que sentia ser, suicidou-se.

Por questionarem constantemente as regras e a fixidez do gênero, às representações não-binárias e gênero queer (este que pode estar contido na identidade não-binária como um dos termos de sua representação) são permitidas e incentivadas expressões que burlem as identificações binárias de um masculino e feminino exacerbados. Assim, há, dentro dessas

---

<sup>33</sup> Esta é uma das qualificações para a definição do que é o gênero não-binário disponível no site Orientando e que se encontra em: < <https://orientando.org/listas/lista-de-generos/nao-binarie/> >, último acesso em 08 de outubro de 2020.

<sup>34</sup> Algumas pessoas não-binárias ou gênero *queer* não assumem o termo transgênero por este remeter a escolha de um lugar no binário e preferem, muitas vezes, assumir a não-binaridade ou o gênero *queer* enquanto identidade transitória, no caso de a pessoa estar buscando um lugar entre os gêneros não-binários.

identidades, gêneros que representam masculinidades e feminilidades fracas, neutralidade, fluidez, multiplicidade, especificidades/exclusividade, independente, parcialidades dentre outras que se movimentam dentro, fora ou a partir do espectro binário dos gêneros.

As bandeiras são outra singularidade das identidades por se tratarem de símbolos visuais que, para além de identificarem a comunidade, trazem significados pontuais em suas cores e formatos. Elas são, ainda, uma forma de dar visibilidade aos grupos que representam tanto de forma individual, decorando espaços comunitários, quanto nos grandes eventos como as paradas do orgulho LGBTQIA+. As trago nas tabelas como forma de fazê-las conhecidas neste espaço da dissertação, sem, contudo, me aprofundar em suas proposições de design e escolhas das cores, algo que deixo aberto, por sua alta complexidade, para trabalhos/escritas futuras.

A abertura em se movimentar dentro ou a partir do binário, masculino e feminino, é, sem dúvida, uma das características mais interessantes da discussão sobre o/e gênero/e não-binário. Admito que ela pode ser percebida enquanto transgressão e seus/sus representantes podem ser, ao menos provisoriamente, rotulados/as de dissidentes/rebeldes, uma vez que agem ou (re)constroem o significado do gênero a partir de suas bases, o binário.

Separadas em categorias para uma análise mais situada de algumas dessas identidades, apresento e descrevo mais sobre as mesmas nos subtópicos a seguir.

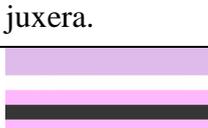
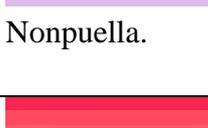
### **2.3.2. Identidades ligadas à feminilidade**

Esta categoria foi pensada para contemplar identidades de gênero não-binárias que contenham expressões de gênero mais acentuadas ou ligadas àquilo que se entende por feminino. Assim, nas descrições de tais identidades é possível observar, de forma mais pontual, essa relação mais direta com a feminilidade.

Vale dizer que há outras identidades que transitam ou flertam com o feminino, mas que não foram postas aqui por estarem mais próximas a outras características. É importante pontuar isso porque a linha que separa as identidades e o modo como elas se deslocam dentro, fora ou a partir do binário é muito tênue, o que permite um mix variado e interconectado das identidades.

### **Quadro 3 – Identidades ligadas à feminilidade e bandeiras**

<b>Identidades de gênero:</b>	<b>Descrição:</b>	<b>Bandeiras:</b>
-------------------------------	-------------------	-------------------

<b>Identidades de gênero:</b>	<b>Descrição:</b>	<b>Bandeiras:</b>
<b>Mulher não-binária/e</b>	Pessoa não-binária que acha os conceitos de ser mulher e/ou de feminilidade úteis para descrever sua identidade.	 Bandeira mulher não-binária/e.
<b>Transfeminine</b>	Pessoas que foram designadas como homens ao nascimento, mas cujas identidades possuem alguma relação com ser mulher, ou com feminilidade.	 Bandeira transfeminine.
<b>Femigênero /Femgênero /Femmeigênero</b>	Pessoa que possui um gênero feminino, no sentido de feminilidade. Não se trata do gênero mulher e não é, necessariamente, ligado a ele.	 Bandeira femigênero.
<b>Zenina</b>	Pessoa que se encaixa em alguma das descrições de mulher não-binária, mas que quer um “nome” ou rótulo mais casual e/ou simples para si.	 Bandeira zenina.
<b>Juxera</b>	Pessoa cujo gênero é relacionado ao gênero mulher, mas que é completamente separado deste, ou seja, que contém, mas não é.	 Bandeira juxera.
<b>Nonpuella ou Nonera</b>	Pessoa cujo gênero é fortemente ligado com feminilidade, mas que é inteiramente separado do gênero mulher. Gênero que só pode ser descrito como ligado à feminilidade.	 Bandeira Nonpuella.
<b>Venufluide / Femfluide</b>	Pessoa cujo gênero muda de tempos em tempos, mas sempre ou quase sempre para gêneros considerados femininos.	 Bandeira Venufluide / Femfluide.
<b>Ciclogênero</b>	Pessoa cujo gênero muda de acordo com o ciclo menstrual.	 Bandeira ciclogênero.

A questão da feminilidade é muito importante para os gêneros descritos na tabela, isso por se tratar de identidades que performam, em alguma instância, o que é lido como feminino de modo mais fraco ou forte. Isso implica, mas não necessariamente, em relacionar sua

identificação com a expressão ou apresentação de feminilidade, o que pode configurar no uso de acessórios, roupas e cores tidas como pertencentes ao universo feminino.

Contudo, nada impede à pessoa que adota uma destas identidades a assumir outras dentro ou fora deste quadro o que configuraria apenas uma fluidez de gênero ou mesmo que a pessoa possui mais de um ou variados/múltiplos gêneros. Essa variação pode ocorrer com identidades dentro do quadro apresentado de forma a configurar intensidades de gênero, ou seja, que a pessoa que se sente pertencente a mais de uma dessas identidades pode senti-la mais fraca ou forte em determinado momento ou intervalo.

Para além das características/definições que aproximam essas identidades, de forma a ser possível classificá-las neste tópico, cada uma delas tem suas especificidades, o que, possivelmente, faz com que as pessoas escolham por uma, por outra ou mesmo que sejam complementares a alguma outra identidade de gênero. Dito de outra forma, as identidades apresentadas neste tópico denotam desde representações a partir da figura da mulher, a exemplo da mulher não-binária que tende a estar mais próxima ao binário e ao ideal de mulher, à uma representação de feminilidade por estar interagindo com o universo feminino, como a Juxera que tem elementos de feminilidade sem, contudo, estar diretamente relacionada a ideia de mulher, ou seja, é uma identidade mais próxima à expressão do gênero feminino, mas que não se encontra atado a ele/i.

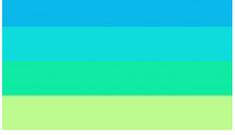
### **2.3.3. Identidades de gênero ligadas à masculinidade**

Este grupo de identidades é muito semelhante, em termos de lógica de identificação, com o grupo anterior das identidades de gênero ligadas à feminilidade. Assim, nesta classificação são trazidas as identidades que se aproximam ou que transitam no binário de representação da masculinidade, ser homem.

As identidades constantes neste grupo vão representar desde um sentimento forte de pertença ao que se entende por ser homem a uma fraca expressão de elementos que compõem a masculinidade. O que significa, em alguns casos, a adoção de linguagem, de vestuário tido como do universo masculino, performar gestos, fazer cirurgia de redesignação ou o uso de hormônios para adequação etc.

#### **Quadro 4 – identidades de gênero ligadas à masculinidade e bandeiras**

<b>Identidades de gênero:</b>	<b>Descrição:</b>	<b>Bandeiras:</b>
-------------------------------	-------------------	-------------------

Identidades de gênero:	Descrição:	Bandeiras:
<b>Homem não-binário/e</b>	Pessoa não-binária que acha os conceitos de ser homem e/ou de masculinidade úteis para descrever sua identidade.	 Bandeira homem não-binário/e.
<b>Transmasculine</b>	Pessoas que foram designadas como mulheres ao nascimento, mas que suas identidades possuem alguma relação com ser homem ou com masculinidade.	 Bandeira Transmasculine.
<b>Mascugênero / Mascgênero</b>	Pessoa cujo gênero está relacionado ao gênero masculino, no sentido de masculinidade, mas que não, necessariamente, o gênero masculino binário ou relacionado a ele.	 Bandeira mascugênero.
<b>Zenino</b>	Pessoa que se encaixa em alguma das descrições de homem não-binário, mas que quer um “nome” ou rótulo mais casual e/ou simples para si.	 Bandeira zenino.
<b>Proxvir</b>	Pessoa cujo gênero é relacionado a homem, mas que é completamente separado deste, ou seja, que contém, mas não é.	 Bandeira proxvir.
<b>Nonpuer / Nonvir</b>	Pessoa cujo gênero é fortemente ligado com masculinidade, mas que é inteiramente separado do gênero homem. Gênero que só pode ser descrito como ligado à masculinidade.	 Bandeira nonpuer.

Identidades de gênero:	Descrição:	Bandeiras:
<b>Marfluide / Mascfluide</b>	Pessoa cujo gênero muda de tempos em tempos, mas sempre ou quase sempre para gêneros considerados masculinos.	 <p data-bbox="1273 398 1394 472">Bandeira marfluide / mascfluide.</p>

Ainda que essas identidades representem algum sentido de masculinidade, há gradações no sentido de ser masculino que estão ligadas à representação ou expressão dessa masculinidade, a exemplo da identidade de gênero mascugênero que está relacionada à masculinidade lésbica na figura *butch*, ou seja, uma masculinidade da subversão performada por pessoas que estão nesse lado do binário, mas que mantém algo do gênero que lhe fora designado, femigênero é o equivalente a esta identidade para o espectro da feminilidade.

Transitar no espectro masculino ou fixar-se no mesmo não significa estar conforme a esta identidade porque aqueles/as/is que estão questionando sua identidade podem assumir uma ou mais destas e de outras identidades. Assim que é possível ser um mascandrógine, demizenino, homem agênero, magigênero etc. o que quer dizer que essas identidades podem se ligar a outras que representem algo de outros gêneros como elementos de feminilidade, de neutralidade, parcialidade entre outros.

Assim que para aqueles/as/es que buscam identidades que contenham sentidos fortes ou fracos de ser homem ou de masculinidade, as aqui apresentadas dão uma boa noção de como essas identidades podem operar. Podem, ainda, levar a outras formas de ver e experienciar os gêneros.

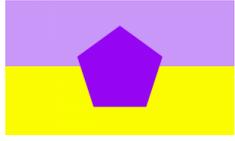
#### 2.3.4. Identidades de gênero neutro

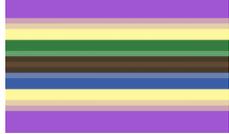
As identidades agrupadas nesta classificação tratam dos gêneros que, em se tratando do espectro binário, se encontram numa zona de neutralidade em relação à ideia do que corresponde ser homem e ser mulher. As pessoas que assumem identidades de gênero neutras, geralmente, não se sentem confortáveis em assumir um lugar no binário, mas querem ter representatividade entre os gêneros.

A neutralidade de gênero traz para o cenário das identidades a possibilidade do extrapolamento das representações da binaridade em instâncias variadas da vida social. A

linguagem é um desses espaços que tem sido conquistados e amplamente divulgados através de pessoas não-binárias. Estas que, muitas vezes, veem a neutralidade como um espaço a ser valorizado e incentivado para que haja uma quebra mais efetiva do poder constituído entre os gêneros masculino e feminino.

**Quadro 5 – Identidades de gênero neutro e bandeiras**

<b>Identidades de gênero:</b>	<b>Descrição:</b>	<b>Bandeira:</b>
<b>Agênero</b>	Identidade que pode denotar ausência de gênero e gênero neutro.	 Bandeira agênero.
<b>Neutrois</b>	Identidade de gênero caracterizada por neutralidade. A formação da palavra neutre + trois (três em Frances) faz referência ao termo “terceiro gênero”.	 Bandeira neutrois.
<b>Transneutre</b>	Pessoas cujas identidades possuem alguma relação com gênero neutro ou com neutralidade.	 Bandeira transneutre.
<b>Gênero neutro / neutre</b>	Identidade de gênero neutro entre todos os gêneros ou neutro entre os gêneros binários.	 Bandeira gênero neutro / neutre.
<b>Gênero-nulo</b>	Identidade que pode ser caracterizada por dar tangibilidade à intangibilidade de sua identidade de gênero.	 Bandeira gênero-nulo.
<b>Quoigênero</b>	Identidade para pessoas que acreditam que, o conceito de gênero ou as palavras existentes para descreverem seu gênero, não são acessíveis, aplicáveis ou não possui sentido para si.	 Bandeira quoigênero.

Identities de gênero:	Descrição:	Bandeira:
<b>Eafluide</b>	Pessoa cujo gênero muda de tempo em tempo, mas nunca para gêneros binários.	 <p data-bbox="1289 409 1406 434">Bandeira eafluída.</p>

Assim como os demais gêneros, a neutralidade possui tons ou níveis de correspondência ao que a pessoa quer demonstrar de sua experiência, ou seja, a neutralidade pode ser mais consistente ou não, a depender de como a pessoa quer performar. Contudo, ela está associada ou tende mais a uma vontade ou necessidade de um afastamento daquilo que caracteriza os gêneros binários ou de qualquer outro gênero que indique ligação com estereótipos de gênero.

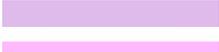
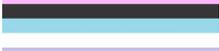
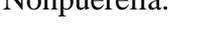
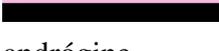
Para este grupo de identidades há a possibilidade de um trânsito na neutralidade, o que significa dizer que uma pessoa feminina ou masculina pode conter neutralidade em sua identidade. Ser neutro, neste caso, implica em ter parcialidade de gênero ou uma forma de borrar as fronteiras dos gêneros através de composições variadas entre um gênero e outro, a exemplo do/a/i transneutre que traz em si sinais de gênero ao mesmo tempo em que quebra com as certezas da pertença a um ou outro lugar.

A ideia da neutralidade de gênero é instigante no tocante à possibilidade de estar em um entre-lugar, assim como o de escapar do mesmo. O entre-lugar diz respeito ao espaço da indefinição, aquela que nos leva à reflexão e que nos faz interrogar sobre nossas “verdades”. Ao ponto de nos deslocar para outras realidades/paisagens, isto é, de chamar nossa atenção para o fato de que há modos diferentes e possíveis de existir enquanto corpo, linguagem/modos de expressão e desejo.

### 2.3.5. Identidades de gênero relacionadas à feminilidade e à masculinidade

Os gêneros desta lista contemplam as aproximações das identidades que contém em suas definições aproximações com aquilo que identificamos como feminino e masculino. Trata-se, portanto, de identidades que fluem ou se movem de um lado a outro do binário trazendo consigo elementos correspondentes a esses gêneros.

**Quadro 6 – identidades de gênero relacionadas à feminilidade e à masculinidade e bandeiras**

Identidades de gênero:	Descrição:	Bandeira:
<b>Nonpuerella / Norvirmina / Inavir</b>	Pessoa cujo gênero possui qualidades femininas (no sentido de feminilidade) e masculinas (no sentido de masculinidade), mas que é separado dos gêneros mulher e homem. Ou seja, um gênero que pode ter dois gêneros separados ou relacionados aos gêneros binários por ser uma mistura deles.	    Bandeira Nonpuerella.
<b>Ambonec</b>	Pessoa que se identifica com ambos os gêneros homem e mulher, mas que não se identifica com nenhum dos dois, ao mesmo tempo, como num paradoxo.	 Bandeira Ambonec.
<b>Andrógine</b>	Pessoas cujo gênero está entre homem e mulher ou é uma mescla entre estes.	    Bandeira andrógine

Estas identidades podem ser descritas como aquelas que mesclam no corpo a noção de feminino e masculino. Por sua capacidade de aparentar ser e não ser, ao mesmo tempo, a apresentação corporal de algumas pessoas que assumem um ou mais dos gêneros desta lista trazem a dubiedade em suas leituras corporais “de fora”. Ou seja, o modo como são percebidos/as/lidos/as a partir do esquema binário tradicional que ordena a norma social, por serem figuras que têm em si um misto de feminilidade e masculinidade tanto em relação ao formato e na expressão corporal quanto na utilização de acessórios e vestuários tidos como femininos/masculinos.

Pessoas que tem essa capacidade de “mutação” ou adequação de gênero de modo a ser confundido com o gênero oposto ou mesmo de causar dúvida nas pessoas, ao misturarem essas características de uma só vez, circulam com certa frequência em espaços como da moda e das artes no geral. O que quero dizer com isso é que são figuras que há algum tempo fazem

parte do cotidiano social e que, no entanto, não deixam de causar estranhamento quando sua “condição andrógina” vem a público.

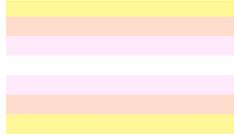
Além das identidades que “brincam” com a ideia de masculino e feminino, há muitas outras identidades de gênero, dentro da não-binaridade, que trazem nuances, mais ou menos acentuadas, dos binários e de suas expressões. Um olhar mais atento às definições dos gêneros mostra que a maioria das identidades traz algo do binário para sua constituição ora de forma mais aproximada, ora mais distanciada. Essa conexão com os gêneros mais conhecidos socialmente permite às pessoas vivenciar os gêneros com maior liberdade, sem que para adotar uma identidade a pessoa tenha que deixar de se identificar com outra que, de alguma forma, a represente ou contemple.

### 2.3.6. Identidades de gênero múltiplas e fluidas dentro e fora do binário

Se não existe uma face estável (SAWIN, 2010) por que continuar afirmando que pertencemos a um determinado gênero e aderindo a um ou outro lado? As identidades desta lista nos mostram que sim, é possível assumir mais de uma posição no espectro. Os gêneros que denotam multiplicidade trazem para a discussão um contraponto à ideia de que quem tem muitos gêneros é uma pessoa indecisa, isso porque se trata de um grupo que necessita que haja um mínimo de compreensão, acerca da identidade a ser assumida, para entender o que significa adotar tal designação para si.

A multiplicidade expressa em um único termo demonstra que existe uma coerência de entendimento e sentimento da pessoa acerca de sua identidade. Ou melhor, que mesmo havendo uma porção significativa de diferentes gêneros na composição daquele/i que representa a identidade da pessoa, a mesma é capaz de diferencia-los em sua intensidade e mesmo resumi-las em um só termo.

#### Quadro 7 - Identidades de gênero múltiplas e fluidas dentro e fora do binário e bandeiras

Identidades de gênero:	Descrição:	Bandeira:
<b>Pangênero</b>	Identidade de gênero para pessoa que possui muitos gêneros conhecidos e desconhecidos, ou seja, todos os gêneros possíveis dentro de sua cultura/experiência de	 Bandeira pangênero.

Identidades de gênero:	Descrição:	Bandeira:
	vida.	
<b>Mosaigênero / Portiogênero</b>	Pessoa que possui identidade de gênero composta por vários fragmentos de gêneros.	 <p>Bandeira mosaigênero.</p>
<b>Gênero-borrão</b>	Pessoa que possui múltiplos gêneros. Porém, pelos menos uma parte destes gêneros está “borrada” ou “misturada”, de forma que é difícil de entender onde um gênero termina e o outro começa.	 <p>Bandeira gênero-borrão.</p>
<b>Colecionadore de gêneros</b>	Pessoa cujo gênero é fluido que não consegue achar poucas palavras para descrever seus gêneros e que então acaba “coleccionando” um monte de termos que encaixam.	 <p>Bandeira colecionadore de gêneros.</p>
<b>Escorpifluides / Scorpifluides</b>	Alguém que é gênero-fluido, mas que só muda entre gêneros desconhecidos.	 <p>Bandeira Escorpifluides / Scorpifluides.</p>
<b>Gênero-poção</b>	Pessoa que possui um gênero que é a mistura de vários gêneros.	Sem Bandeira.
<b>Cristaline / Cristagênero</b>	Pessoa cujo gênero muda aleatoriamente a ponto de sentirem que seus gêneros são fraturados ou quebrados.	 <p>Bandeira cristaline.</p>
<b>Duragênero</b>	É o gênero mais estável entre os gêneros de uma pessoa que possui múltiplos gêneros.	 <p>Bandeira duragênero.</p>

A ideia de poder se identificar com múltiplos gêneros passa pela assunção dos gêneros que lhe são culturalmente possíveis de serem acessados. Isso porque há os gêneros específicos para determinadas culturas ou exclusivas para pessoas que têm algum tipo de divergência relacionada a condições neurológicas ou disfóricas. Nesse sentido, por mais que pareça amplo demais para se adotar múltiplos gêneros, fica claro que não se trata de uma abertura completa e sem regras, há que se respeitar os limites culturais.

Por se tratar de um número grande de identidades os gêneros múltiplos têm por característica a fluidez, isto é, a pessoa pode ir mudando de um gênero a outro conforme sua necessidade. Esse fluir pode se dar dentro, fora ou a partir do espectro de gênero borrando as linhas que separam um gênero do outro, se aproximando ou se distanciando dos binários, sendo mais ou menos neutro e assim por diante. Assim que para identificar-se com um gênero múltiplo é preciso compreender o que significa essa adesão, ou seja, quais são as identidades que se pode assumir sem que haja prejuízo/assimilacionismo de outras identidades.

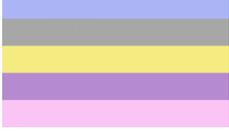
### 2.3.7. Identidades de gênero diversas que fluem dentro e/ou fora do binário

Diferente da tabela anterior, as identidades aqui listadas contém certo número de gêneros em si, isto é, têm um número limite em sua composição. Como elas vão se complementar é uma questão de identificação da pessoa que a adota.

Mesmo que a quantidade de gênero seja estabelecida, o modo como a pessoa sente-se ligada a cada um ou a todos/es vai de como a pessoa se sente em relação aos gêneros. Essa identificação pode fazer com que os/es gêneros fluam em intensidade e períodos variados, ou ainda, que não haja fluidez ou mudança de intensidade de forma que a pessoa possa ter/sentir que tem um gênero mais fixo e/ou um de cada vez.

#### Quadro 8 – Identidades de gênero diversas que fluem dentro e/ou fora do binário e bandeiras

Identidades de gênero:	Descrição:	Bandeira:
<b>Ceterogênero</b>	Gênero não-binário relacionado à masculinidade, neutralidade ou feminilidade. Caso estes gêneros mudem de intensidade entre si de tempos em tempos a pessoa pode se identificar como ceterofluida.	 Bandeira ceterogênero.

Identidades de gênero:	Descrição:	Bandeira:
<b>Bigênero</b>	Identidade para quem possui dois gêneros. Tais gêneros não são, necessariamente, os binários. Estes gêneros podem ou não fluir ou mudar de intensidade.	 <p>Bandeira bigênero.</p>
<b>Trigênero</b>	Identidade para quem possui três gêneros, dentro ou fora do binário que podem ou não fluir, permanecer ou mudar de intensidade.	 <p>Bandeira trigênero.</p>
<b>Oligênero</b>	Pessoa que possui alguns gêneros, mas não muitos. Os mesmos podem ou não fluir, permanecer ou mudar de intensidade.	Sem Bandeira.
<b>Poligênero</b>	Pessoa que possui quatro gêneros ou mais. Estes gêneros podem fluir ou não, mudar ou não a intensidade entre si.	 <p>Bandeira poligênero.</p>
<b>Poligênero-fluxo</b>	Pessoas com mais de um gênero cujos gêneros mudam de intensidade, mas continuam a coexistir.	 <p>Bandeira poligênero-fluxo.</p>
<b>Fisgênero</b>	Gênero para a experiência de possuir mais de um gênero e de sentir uma divisão entre esses gêneros de certa forma.	 <p>Bandeira fisgênero.</p>
<b>Schrodigênero / Schrodingênero</b>	Gênero que simultaneamente existe e não existe ou um gênero que são vários gêneros ao mesmo tempo.	 <p>Bandeira schrodigênero.</p>

Identities de gênero:	Descrição:	Bandeira:
<b>Cancegênero ou agênero-fluido</b>	Pessoa que considera agênero como sua identidade base, mas seu gênero flui entre diversos gêneros também.	 Bandeira cancegênero.
<b>Scorigênero</b>	Identidade que possui três gêneros que mudam entre si, mas que considera tais gêneros similares.	 Bandeira scorigênero.

Para que alguém possa se identificar com as identidades deste grupo é preciso que se saiba que há um limite de gêneros que estas identidades comportam, isto é, que a pessoa perceba quais são os gêneros que estarão presentes na composição da identidade adotada. Nessa composição os gêneros podem estar fora ou dentro do binário e podem ser sentidas de formas variadas em intensidade, período, fixidez ou fluidez.

Apesar de possuírem características muito aproximadas estas identidades têm suas singularidades, a exemplo das identidades Trigênero e Scorigênero. A primeira está reservada para pessoas que têm três gêneros, sejam eles binários ou não, e que geralmente são diferentes uns dos outros já o Scorigênero, apesar de se caracterizar por apresentar três gêneros em sua composição, “pede” para que os/es mesmos/es sejam similares.

Portanto, para aqulis/es/as que vão assumir determinada identidade, é necessário observar as particularidades de cada identidade para saber se ela corresponde ao sentimento de quem que a adota, porque apesar dos indicativos demonstrarem ser possível assumir certo quantitativo de gêneros é preciso saber de quais se tratam. Ter essa compreensão ajuda a evitar mal entendido na comunidade e confusão para quem assume a identidade. Outro exemplo significativo é o da identidade Bigênero que pode ser entendida como aquela que é composta somente pelos gêneros binários, contudo, a composição de Bigênero pode se dar entre dois gêneros que estão fora do binário, com um dos gêneros pertencentes ao binário, com um neutro e outro gênero qualquer, e assim sucessivamente.

Questões como a fixidez, transição e fluidez dos gêneros é algo a se atentar, também. Porque são sentimentos que pertencem exclusivamente à pessoa que os adota, as ocorrências

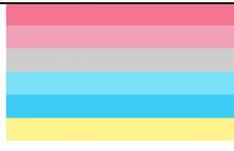
de assunção dos gêneros podem acontecer ou não em períodos variados o que não invalida a pessoa de sentir que os têm e de se identificar com a identidade que os compõe.

### 2.3.8. Identidades de gênero que denotam mudanças frequentes

A fluidez e a mudança na intensidade é uma das características centrais destas identidades de gênero. A pessoa que assume uma destas identidades sente que seu gênero flui com uma constância maior, com ou sem transição de um gênero a outro.

As mudanças de uma gênero para outro podem se dar entre uma infinidade de gêneros similares e diferentes entre si, definidos ou indefinidos e em quantidades diferentes também. O que diferencia uma identidade da outra são as especificidades em sua intensidade e modos de sentir, caso haja condicionalidades, a exemplo da pessoa Verangênero e/ou Locugênero.

#### Quadro 9 – Identidades de gênero que denotam mudanças frequentes e bandeiras

<b>Identidades de gênero:</b>	<b>Descrição:</b>	<b>Bandeira:</b>
<b>Gênero-fluxo</b>	Pessoa que, às vezes, possui certo gênero ou gêneros, que possui uma versão fraca de tal gênero ou gêneros, que não possui gênero e que sente mudanças na intensidade de seu gênero(s).	 Bandeira gênero-fluxo.
<b>Gênero-fluido</b>	Gênero para pessoa que muda de gênero de tempos em tempos entre gêneros definidos e indefinidos.	 Bandeira gênero-fluido.
<b>Fluxofluide</b>	Pessoa que muda de gênero tanto em intensidade quanto em caráter.	 Bandeira fluxofluide.
<b>Kintegênero</b>	Pessoa cujo gênero sempre está mudando.	Sem Bandeira.
<b>Gênero-fogo</b>	Para pessoa cujo gênero muda constantemente, sem nunca se extinguir. Ligado ao fogo como metáfora visual ou	 Bandeira

<b>Identidades de gênero:</b>	<b>Descrição:</b>	<b>Bandeira:</b>
	simbólica.	gênero-fogo.
<b>Verangênero</b>	Para pessoa cuja identidade de gênero passa por mudanças sempre que é identificada. É subtipo de gênero-fluido.	 Bandeira verangênero.
<b>Locugênero</b>	Gênero facilmente influenciado pelos arredores. Muda frequentemente com as pessoas e situações, em volta, mudando.	 Bandeira locugênero.
<b>Aquarigênero</b>	Pessoa cujo gênero muda constantemente e lentamente.	 Bandeira aquarigênero.

Apesar da grande probabilidade de fluidez destas identidades, elas permitem que haja fixidez ou sentimento forte de intensidade acerca de um ou de outros gêneros que compõem a identidade, o que quer dizer que, apesar de os gêneros fluírem dentro e fora do espectro, um ou mais deles pode permanecer estável. Outra possibilidade é a existência/sentimento de constância de gênero de forma que a pessoa nunca deixe de assumir uma posição ou expressão de gênero seja este sentimento forte ou fraco, a exemplo do Gênero-fogo.

As mudanças que ocorrem para pessoas que se identificam com essas identidades vão desde um sentimento forte de identificação com um gênero até o desaparecimento deste sentimento. Nesse sentido a pessoa pode passar um determinado tempo se identificando com um gênero e mudar completamente de gênero numa sequência de mudança constante ou num ciclo.

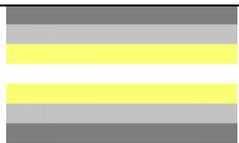
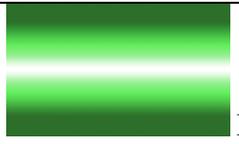
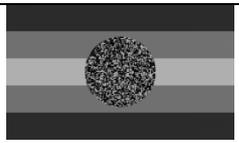
Ter uma identidade de gênero fluida não significa estar em dúvida sobre qual gênero assumir, é sobre ter a possibilidade de expressar-se e identificar-se de forma mais confortável com aquilo que se sente.

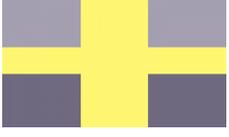
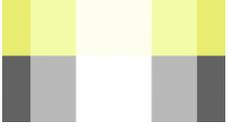
### 2.3.9. Identidades de gênero parciais

Nesta classificação estão as identidades de gênero que se “ligam” a outras identidades formando assim os gêneros parciais, isto é, que contém em si determinadas características de um e/ou outro gênero.

Os gêneros parciais indicam que a pessoa que o possui sente que seu gênero tem elementos de um gênero, mas que não é completamente contemplado pelo mesmo. Um/e demimenino, por exemplo, sente que seu gênero tem ligação com o masculino, ser homem, mas não totalmente. Este tipo de sentimento pode se dar com as expressões ou elementos dos gêneros binários, dos gêneros neutros ou para os gêneros que estão fora destas categorias.

**Quadro 10 – Identidades de gênero parciais e bandeiras**

<b>Identidades de gênero:</b>	<b>Descrição:</b>	<b>Bandeira:</b>
<b>Demigênero</b>	Gênero para pessoa que se identifica parcialmente como de certo gênero, exemplo, demimenina, demimenino, deminãobinário etc. Mas, não é necessário se identificar parcialmente para adotar este gênero.	 Bandeira demimenne.
<b>Egogênero</b>	Gênero para pessoa que possui um gênero que considera único para si. Essa identidade permite combinações totais ou parciais, fixas ou fluidas de gêneros.	 Bandeira egogênero.
<b>Giaragênero</b>	Identidade para quem possui vários gêneros, mas não entende ou não consegue rotular nenhum ou a maioria deles.	 Bandeira giaragênero.
<b>Gênero-estática</b>	Pessoa que possui um gênero flocoso e incompreensível. Pessoas gênero-estática que sentem que seu gênero é relacionado ou próximo a certo gênero podem dizer, por	 Bandeira gênero-estática.

Identidades de gênero:	Descrição:	Bandeira:
	exemplo, que são andrógine gênero-estática etc.	
<b>Quivergênero</b>	Pessoa cujo gênero possui pequenas flutuações, mas não a ponto de escolherem um rótulo diferente para certos momentos.	 Bandeira quivermenina.
<b>Demifluido / Demifluida</b>	Identidade que pode ser descrita como um gênero que é parcialmente fluido e parcialmente estável.	 Bandeira demifluida.
<b>Horogênero</b>	Identidade que é subtipo de gênero-fluido onde existe uma parte do gênero – como um núcleo – que permanece sempre a mesma.	 Bandeira horomenine.
<b>Magigênero</b>	Gênero que é a maior parte de um gênero. Magigênero é subtipo de demigênero.	 Bandeira magimenino.
<b>Hemigênero</b>	Identidade que denota parcialidade de gênero, ou seja, é metade de um gênero ou aproximadamente metade de um gênero.	 Bandeira hemigênero.
<b>Nanogênero</b>	Identidade que denota parcialidade de gênero, ou seja, nanogênero é uma pequena parte de um gênero.	 Bandeira nanonãobinária.
<b>Libragênero</b>	Identidade para pessoa agênero ou ao menos quase agênero, que sente uma forte conexão com algum gênero ou com alguma qualidade de gênero.	 Bandeira libra-andrógina / andrógine-agênero.

As combinações dos gêneros parciais são inúmeras podendo ser fluidas ou fixas, múltiplas ou não, total ou parcial etc. a depender da especificidade da identidade assumida. A característica em comum, destas identidades, é que há uma relação em se sentir que existe uma ligação com partes de um gênero com outro, seja essa parte a metade ou mesmo uma parte ínfima de um gênero, a exemplo do Nanogênero.

Gêneros parciais como o Giaragênero cobrem as incertezas acerca do entendimento do gênero adotado. Dito de outra forma, se a pessoa não conhece bem a origem do gênero assumido, mas sabe que o/e mesmo/e é relacionado/e a certo gênero ou expressões deste, é possível combinar os gêneros e formar uma identidade que expresse isso, a exemplo de giaraneutre, giarandrógine etc.

### 2.3.10. Identidades de gênero exclusivas

As identidades deste grupo são classificadas como exclusivas porque trazem questões muito específicas em relação às condições necessárias para que uma pessoa possa adotá-las. A maioria dessas identidades cobrem questões de neurodivergência como pessoas que portam dislexia, autismo, transtornos variados, disforias entre outros. Há, ainda, as identidades que cobrem questões relacionadas a traumas sofridos por violência ou abusos.

Ainda que essas identidades tragam especificidades ligadas a configurações atípicas, as pessoas que as assumem podem combiná-las com outros gêneros de forma a contemplarem um maior número de expressões que a pessoa possa ter. Um exemplo disso é uma pessoa Gênero-vago que ao identificar-se com outro gênero pode compor esse sentimento na identidade de mulher-vague, trigênero-vague etc.

**Quadro 11 – Identidades de gênero exclusivas e bandeiras**

Identidades de gênero:	Descrição:	Bandeira:
Neurogênero	Pessoas cujo gênero está, fortemente, relacionado com neurodivergência.	 <p data-bbox="1262 1845 1385 1921">Bandeira neurogênero.</p>

Identidades de gênero:	Descrição:	Bandeira:
<b>Intergênero</b>	Identidade de gênero definida por ser intersexo.	 <p>Bandeira intergênero.</p>
<b>Gênero-vago / vagogênero</b>	Pessoas cujo gênero é parcialmente ou totalmente indefinível por causa de neurodivergência.	 <p>Bandeira gênero-vago / vagogênero.</p>
<b>Altegênero</b>	Identidade de gênero definida por parecer estar em outra dimensão, em um plano diferente, em um universo espelhado ou em uma existência alternativa. Esta identidade esta ligada a neurodivergência.	 <p>Bandeira altergênero.</p>
<b>Gênero-neblina</b>	Identidade de gênero com proximidade a certo gênero, mas que não pode ser completamente identificado por causa de nebulosidade da consciência.	 <p>Bandeira gênero-neblina.</p>
<b>Pendogênero</b>	Identidade para pessoa que nunca está satisfeito com seu gênero não importa o quanto “encaixe” por causa de falta de confiança em si mesmo, o que sempre lhe faz tentar procurar algo mais adequado.	 <p>Bandeira pendogênero.</p>
<b>Xungênero / Xumgênero</b>	Pessoa que não consegue definir seu gênero. Alguém que tenta achar termos para ele, mas nenhum parece correto devido a problemas de identidade ou autoconfiança.	 <p>Bandeira xungênero / xumgênero.</p>

Identities de gênero:	Descrição:	Bandeira:
<b>Ilusogênero</b>	Pessoa que sabe qual é seu gênero, mas que ainda sente que ele é falso, por causa de neurodivergência ou pressões externas.	 Bandeira ilusogênero.
<b>Obligênero</b>	Identidade para pessoas não-binárias que se identificam parcialmente com seu gênero designado por causa de abuso ou coerção, além de incerteza sobre o próprio gênero.	 Bandeira obrigênero.

Ser neurodivergente não obriga a pessoa a assumir estas identidades, assim como não é preciso ter uma dessas condições para adotar alguma destas identidades. Contudo, elas expressam esse universo, algumas tendo sido, inclusive, criadas por pessoas portadoras de neurodivergência, a exemplo da identidade Altegênero.

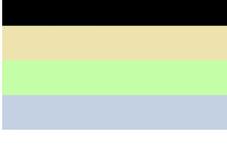
Assim como outras identidades, as aqui apresentadas podem fluir ou não, terem maior ou menor intensidade e serem parciais ou múltiplas, além de cobrirem as identidades que estão dentro ou fora do espectro dos gêneros binário e neutro. Portar alguma neurodivergência, disforia ou sofrer de algum trauma não invalida a pessoa de questionar seu gênero e querer se expressar por meio do gênero adotado ou de elementos do mesmo.

### 2.3.11. Identidades de gênero imprecisas ou difíceis de apreender

Grande parte das identidades de gênero não-binária, a primeira vista, são estranhas e complexas, tanto na grafia como na composição. Algumas dessas identidades ganham tamanha complexidade que fica difícil ligá-las a algo mais palpável em termos de inteligibilidade de significado, o que faz com que escapem às classificações.

A sutileza com que operam dão às mesmas certo ar enigmático. Isto porque são identidades que estão no limiar mais fraco de expressão, ou seja, são gêneros que denotam dúvida acerca dos sentimentos e certezas em relação ao gênero adotado, caso de Dubgênero. Podem, ainda, representar gênero como irrelevante para sua expressão de forma a assumi-lo apenas em momentos determinados, a exemplo de Condigênero.

**Quadro 12 – Identidades de gênero imprecisas ou difíceis de apreender e bandeiras**

Identidades de gênero:	Descrição:	Bandeira:
<b>Gênero-cinza</b>	Gênero para pessoa que se identifica ao menos parcialmente com um gênero não-binário ou com ausência de gênero e possui uma ambivalência natural em relação ao seu gênero e/ou à sua expressão de gênero.	 <p>Bandeira gênero-cinza.</p>
<b>Casgênero</b>	Identidade para pessoa que é indiferente em relação à ideia de gênero ou que sente que seu gênero não é importante.	 <p>Bandeira casgênero.</p>
<b>Gênero-pulso</b>	Gênero para pessoa que não possui gênero ou que possui um gênero indefinido, mas que experiencia “pulsos” de gênero(s) definido(s) de vez em quando.	 <p>Bandeira gênero-pulso.</p>
<b>Condigênero</b>	Gênero que só ocorre em determinadas condições.	 <p>Bandeira condigênero.</p>
<b>Paragênero</b>	Gênero que é parecido com outro, mas que não é exatamente aquele gênero.	 <p>Bandeira paragênero.</p>
<b>Dubgênero</b>	Gênero para quem não consegue confiar que seu gênero está certo.	Sem Bandeira.
<b>Turbogênero</b>	Gênero para pessoa que tentou entender seu gênero, mas tal gênero é muito confuso e embaraçado para isso.	 <p>Bandeira turbogênero.</p>

<b>Identidades de gênero:</b>	<b>Descrição:</b>	<b>Bandeira:</b>
<b>Pomogênero</b>	Gênero para pessoa que não quer ou não consegue descrever seu gênero.	Sem Bandeira.
<b>Liberique</b>	Gênero que traz consigo a convicção e/ou a habilidade de expressá-lo mesmo com a pressão externa para não fazer isso.	 Bandeira liberique.

A dificuldade em apreender as identidades de gênero não-binárias, de modo geral, está na proposição destas identidades que trazem em si a rebeldia. Contudo, há identidades que mesclam em sua composição a indeterminação, a confusão, a falta de interesse em classificar-se ou encaixar-se em categorias. Dessa forma apresentam-se como que em constante transito temporal onde surgem ou desaparecem conforme são sentidos ou não, a exemplo de Gênero-pulso. Há ainda aquelas que se apresentam mesmo nos casos em que não haja condições favoráveis para que se expressem, caso do gênero Liberique.

Ainda que configurem incerteza e indeterminação, estas identidades são válidas por representarem aqueles/es/as que não querem ter que definir-se em alguma categoria ou lugar do espectro de gênero. Ao englobar esse sentimento fraco de que há algo a ser mostrado, mesmo que de forma sutil, estas identidades chamam a atenção para os contextos em que o gênero existente não é significativo a ponto de ser performado total ou parcialmente.

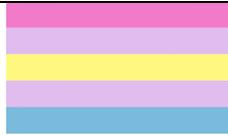
### **2.3.12. Identidades independentes de feminilidade, masculinidade e neutralidade**

As identidades de gênero desta tabela representam a ideia de extrapolação do espectro binário do gênero, isto é, que independem de expressão ou sentimento de ligação com masculinidade, feminilidade e neutralidade. São identidades que estão além das categorizações do que se entende por gênero.

Ao não se ligarem às noções de gêneros já estabelecidas, estas identidades se tornam inteligíveis por si só. Isto é, são significadas por não admitirem influências externas ligadas às performances que denotem pertença no espectro de gênero. Compreender quais elementos compõem estas identidades requer um esforço reflexivo que permita perceber que há

existências possíveis sem que seja preciso uma definição encasteladora de corpos, expressões e desejos.

**Quadro 13 – Identidades independentes de feminilidade, masculinidade e neutralidade e bandeiras**

<b>Identidades de gênero:</b>	<b>Descrição:</b>	<b>Bandeira:</b>
<b>Maverique</b>	Gênero completamente independente de gêneros binários e neutros.	 Bandeira maverique.
<b>Aporagênero</b>	Identidade para pessoa cujo gênero não é neutro, homem, mulher, alguma mistura e/ou variação entre estes ou inexistente. Ou seja, é um gênero distanciado dos gêneros.	 Bandeira aporagênero.
<b>Gênero-estrela / gênero-estrelado</b>	Gênero que não parece ser humano ou terrestre, por estar além da compreensão. Um gênero que não é binário, andrógino ou neutro.	 Bandeira gênero-estrela.
<b>Caelgênero</b>	Pessoa cujo gênero associado a uma estética espacial como estrelas, nebulosas, alienígenas, buracos negros ou mesmo o próprio espaço.	 Bandeira caelgênero.
<b>Apogênero</b>	Pessoa que se sente inteiramente removida do conceito de gênero.	 Bandeira apogênero.
<b>Sem gênero</b>	Pessoa que não possui gênero.	 Bandeira sem gênero.

<b>Identidades de gênero:</b>	<b>Descrição:</b>	<b>Bandeira:</b>
<b>Gênero-vácuo</b>	Pessoa sem gênero ou que tem vácuo no lugar do gênero.	 Bandeira gênero-vácuo.

No contexto de uma existência possível que não pautar os gêneros binários ou o espectro dos gêneros, estas identidades podem nos dar a ideia mais aproximada do que significa esse lugar. Por pautarem um distanciamento das noções de gênero, elas borram as fronteiras onde operam as diferenças que dão inteligibilidade às identidades de gênero. Considerar que não há um gênero com que se identificar pode ser assustador para uns e libertador para outros/es.

Este lugar da “desidentidade” – esta, que aqui não implica negação da identidade, mas tão somente a problematização da identidade num contexto contemporâneo de (re)conhecimento de si, assim como o expresso por Fernandes; Borges e Lôbo (2017) e Butler (1998) ao se referirem ao termo desconstrução – não desqualifica o pertencimento social, uma vez que é preciso compreender como são organizadas e classificadas as pessoas dentro ou a partir do espectro de gênero para que seja possível o rompimento com essa lógica e a assunção de um lugar distanciado do/e mesmo/e. Compreendendo ainda que a existência pode ser nomeada sem perda de sentido para que outras pessoas que se sintam contempladas possam encontrar um lugar que as recepcione juntamente com suas inquietações.

### **2.3.13. Identidades ligadas à figuração**

Após apresentar grupos de identidades que transitam no binário e extrapolam esse lugar, fecho esta análise com as identidades de gênero que representam as pessoas através de identificação substantivada em cores, objetos, animais e comportamentos estéticos. As identidades deste quadro dizem respeito às pessoas que se veem representadas em coisas, materiais ou não, e em figuras animais.

#### **Quadro 14 – Identidades ligadas à figuração e bandeiras**

<b>Identidades de gênero:</b>	<b>Descrição:</b>	<b>Bandeira:</b>

Identities de gênero:	Descrição:	Bandeira:
<b>Kingênero</b>	Termo que descreve identidades de gênero relacionadas à otherkin. Este que é uma subcultura de pessoas que se identificam como não-humanas, parcial ou totalmente.	 <p>Bandeira kingênero.</p>
<b>Gênero-cor / Cor-gênero</b>	Gênero para pessoa que só consegue explicar seu gênero relacionando-o com cor. Um gênero-cor também é associado com sentimentos, objetos e outras coisas relacionadas com aquela cor.	 <p>Bandeira gênero-cor.</p>
<b>Gênero-fofo</b>	Para pessoa cujo gênero é baseado em fofura ou cujo gênero é caracterizado por algo fofo.	 <p>Bandeira gênero-fofo.</p>

Esta categoria encontra ressonância em performances variadas que vão desde a pessoa que se identifica com uma cor e faz dela sua identidade visual às pessoas que passam por intervenções cirúrgicas para se parecerem com determinada figura animal ou extra-humana. Não é difícil encontrar no cotidiano ou na memória pessoas que se apresentem e fixem sua identidade visual a partir de uma cor, por exemplo. E dar nome a essa identificação só valida essa existência.

Ter uma identidade visual pode ser muito importante para pessoas que se sentem desconfortáveis com as representações estéticas disponíveis. O Gênero-fofo é um destes gêneros que traz na representação uma figuração mais leve para as pessoas que não se identificam com as formalidades ou extravagâncias estéticas, ligando-se a imagens ou coisas que remetem a fofura por meio de roupas, acessórios etc. O Kingênero está ligado à representação com animais, seres (gnomos/es, elfos/es, fadas/es etc.) ou coisas (robôs, androides etc.).

Validar sentimentos e expressões da existência e experiência das pessoas é algo muito importante para que aquelas/as/es que assumem alguma(s) destas identidades que foram aqui discutidas ou mesmo outras que não aparecem nesta escrita. Isso porque, se é por meio da linguagem que nos fazemos compreender e que damos significado ao mundo é, também, através dela que mudamos as regras que nos infligem sofrimento.

Para algumas pessoas que se encontram conformes com a ordenação do mundo como o conhecemos, em relação à como o gênero opera, as identidades de gênero trazidas neste trabalho podem soar como caprichos, absurdos ou complicadores para a discussão de políticas sociais e coletivas. Mas um olhar mais acurado nos permite ver que essa fragmentação busca incluir subjetividades que sentem desconforto e se invisibilizam nas representações de gênero tradicionais.

Se existir sob a noção de gênero estabelecida já é opressivo, por não conseguirmos performar ou representar aquilo que o imaginário social nos cobra como figuração do binário, ser válido/o fora desse espectro ou mesmo transitar dentro dele/i é um ato de rebeldia. Esta que não desqualifica o que está dado, mas questiona o sistema e tira das margens milhares ou milhões de pessoas e existências possíveis ampliando o campo de atuação política, social e cultural.

Por fim, vale salientar que a descrição, sistematização e análise apresentadas neste tópico do trabalho não esgota o entendimento acerca da temática das identidades, por se tratar de um exercício reflexivo desta pesquisadora acerca do que é gênero e de como ele opera neste contexto. Dito de outra forma, o recorte feito é situado e passível de reinterpretções. Contudo, busco colaborar para uma política da alteridade, do reconhecimento e respeito às existências dissidentes.

### **3. A BUSCA POR RECONHECIMENTO, UM PROCESSO HISTÓRICO E CONTÍNUO**

A história de luta por reconhecimento das minorias não é somente antiga, é um movimento histórico e contínuo como bem demonstra a história dos feminismos e do movimento LGBTQIA+. Estes que têm, ao longo de décadas, se reinventado para manter suas reivindicações em pauta.

Os feminismos contam com um amplo registro de suas lutas e conquistas que são conhecidos pelas já consagradas ondas feministas que de tempos em tempos dão novo fôlego e visibilidade para o movimento. O movimento LGBTQIA+ vem, desde seu grande marco – Stonewall, 1969 – se reinventando e ganhando cada vez mais espaço e se legitimando nas políticas sociais e culturais.

Portanto, esses movimentos são grandes referências no que diz respeito à associação em coletividades. São pioneiros na busca por direitos e de representação da diversidade, na elaboração de epistemologias críticas e de mecanismos e estratégias de luta, bem como de serem exemplos em como proceder nessa construção de memória e modos de atuação social eficazes no reconhecimento de suas demandas.

As feministas, ao tomarem os espaços da construção legitimada do conhecimento, as ciências, (re)construíram a história das mulheres criando espaços de conscientização e compartilhamento (SHIENBINGER, 2001). Ao registrarem, das mais variadas formas, essa participação/contribuição, legaram-nos memórias que não permitem equívocos ou retrocessos quanto a sua existência, consistência e atuação na história da humanidade.

Os movimentos LGBTQIA+, seguindo nessa direção, começaram a construir suas memórias, (re)contar sua história e dar visibilidade às suas causas por meio de registros documentados em jornais, revistas etc. Esse foi um modo de se organizar e contar a história do movimento a partir de seus colaboradores, uma vez que as produções acadêmico-científicas, em relação à comunidade homossexual, se deram, inicialmente, sobretudo no âmbito da medicina. Assim, nos anos 1970, aqui no Brasil, já havia produções de jornais como O Snob (1963-1969), Lâmpião da Esquina (1978- 1981) sendo este o mais importante meio de comunicação da comunidade à época, a revista Versus entre outros (FACCHINI, 2005).

Com a produção de informações acerca da comunidade e a divulgação de suas atividades, em âmbito nacional e internacional, os grupos se organizam, se fortalecem e mantêm sua atuação. Dessa forma, expandem seu campo de visibilidade social, de forma mais horizontal e aproximada da realidade da comunidade.

Nesse sentido, a comunidade<sup>35</sup> não-binária/e tem se apropriado, não apenas das plataformas virtuais, importante instrumento, na atualidade, de disseminação de conteúdo e de informações no geral, como de outras mídias, a exemplo da TV, do jornal e da revista. Portanto, os tópicos que se seguirão trazem essa perspectiva de continuidade na ideia de construção da memória histórica, que visibiliza pessoas não-binárias, a partir de ferramentas de registro, divulgação e visibilização do grupo. Assim, apresentarei a neolinguagem ou linguagem neutra como uma das demandas da comunidade não binária; o espaço documental impresso na revista *Elx*, produzida por Aster, administrador/e do site orientando.org; e as reportagens/matérias jornalísticas e campanhas comerciais direcionados ao público não-binário/e que mantém a comunidade, suas ações, problemas, reivindicações e demandas em pauta.

### **3.1. “Neolinguagem”<sup>36</sup> ou linguagem neutra, a “escrita de si”, um processo subjetivo no social**

Nos processos de construção social da identidade há estruturas como as noções de corpo, enquanto marcação biológica, gênero e uso da linguagem que fixam e determinam como se configurará esse processo. Contudo, por mais que essas estruturas estejam atreladas à ideia de concretude e certezas, há no cotidiano sujeitos/es e práticas que demonstram não só que essas estruturas são construídas e significadas no social como são passíveis de reconstruções.

As discussões de gênero e suas inúmeras formas de compreender como essas noções são construídas, assim como a prática da linguagem neutra ou “neolinguagem” (termo utilizado na comunidade não-binária/e no site orientando.org), são exemplos de como essas estruturas que formam a identidade e tudo que dá significado a ela escapam/vacilam ou operam sob rasura (SILVA, 2014; HALL, 2005).

---

<sup>35</sup> Termo utilizado por pessoas não-binárias para falar do grupo que os representa no site orientando.org.

<sup>36</sup> O uso do termo é feito no site orientando no tópico em que apresenta a temática da linguagem neutra.

A linguagem neutra, forjada por feministas, ainda na década de 1960, que buscavam formas de neutralizar o sujeito universal do fazer acadêmico científico, nos dá uma noção dessa construção por meio da linguagem, aparato que opera como estrutura excludente e opressora. Através de um conjunto de estudos analíticos empreendidos por feministas da linguagem onde,

[...] começou a ser constatado que a linguagem nas sociedades ocidentais, por ser um sistema simbólico profundamente arraigado em estruturas sociais patriarcais, não só refletia, mas também enfatizava a supremacia masculina (CALDAS-COULTHARD, 2007, p. 233).

Dessa forma foi possível não só pontuar onde se encontra historicamente a exclusão das mulheres e de outras pessoas do campo da linguagem como propor mudanças mais pontuais no uso da mesma em meios acadêmicos e sociais, isso se deu concretamente no mundo anglo-saxão, com a retomada do uso de termos neutros em contextos científicos e sociais. No Brasil esse é um tema ainda em curso e muito polêmico tanto no âmbito acadêmico quanto no social e um bom exemplo disso esteve presente na discussão acerca do uso do substantivo feminino presidenta, quando da posse de Dilma Rousseff em 2011. Ao reclamar pra si o uso desse substantivo em sua flexão de gênero, Dilma foi criticada e acusada de deturpar a língua portuguesa, reduto do conservadorismo masculinista burguês. O mesmo aconteceu com Carmen Rosa Caldas-Coulthard que teve recusada a publicação de seu livro, pelo fato de a autora tê-lo escrito utilizando o feminino universal nos substantivos e adjetivos (BORBA e LOPES, 2018; CALDAS-COULTHARD, 2007).

Esses episódios, assim como outras questões que estão sendo postas em discussão na atualidade por meio das políticas de inclusão das diferenças (BORBA e LOPES, 2018), ilustram o quão excludente é o sistema linguístico. Perceber esse processo nos mostra, ainda, a importância das políticas empreendidas nos movimentos sociais das “minorias” representativas em pleitear uma reapropriação dos termos estigmatizantes, a exemplo dos termos *queer*, que poderia ser o equivalente a “bicha” ou “viado” em português (MISKOLCI, 2015; LOURO; 2018).

Com ênfase maior na questão da importância da abertura gramatical e nominal para atender às suas especificidades, os grupos de pessoas transgênero e não-binários/es, são os/es que mais têm falado e utilizado termos específicos para referirem-se a si mesmos/es. De forma que criaram um termo próprio -“neolinguagem” -, um grupo de signos para expressarem suas identidades de gênero.

Essas pessoas ao se identificarem como não-binários/es, estando dentro, fora ou fluindo entre os gêneros binários e os múltiplos gêneros, pedem que sejam identificados/es pelas desinências nominais<sup>37</sup> com as quais se sentem mais confortáveis, como pode ser verificado no esquema a seguir<sup>38</sup>:

### Quadro 15 – Artigos

<b>A</b>	<b>E</b>	<b>I</b>	<b>O</b>	<b>U</b>	<b>W</b>	<b>Y</b>	<b>X</b>
<b>a</b> artista	<b>e</b> artista	<b>i</b> artista	<b>o</b> artista	<b>u</b> artista	<b>w</b> artista	<b>y</b> artista	<b>x</b> artista
<b>AM</b>	<b>Ê</b>	<b>Ed</b>	<b>Le</b>	<b>Ne</b>	<b>Ni</b>	<b>Ol</b>	<b>Xi</b>
<b>am</b> artista	<b>ê</b> artista	<b>ed</b> artista	<b>le</b> artista	<b>ne</b> artista	<b>ni</b> artista	<b>ol</b> artista	<b>xi</b> artista
<b>CE</b>	<b>He</b>	<b>Si</b>	<b>Lu</b>	<b>Ua</b>	<b>NY</b>	<b>Ou</b>	<b>Xe</b>
<b>ce</b> artista	<b>he</b> artista	<b>si</b> artista	<b>lu</b> artista	<b>ua</b> artista	<b>ny</b> artista	<b>oy</b> artista	<b>xe</b> artista

### Quadro 16 – Pronomes

<b>Ela</b>	Aquela	Dela	Nela
<b>Ele</b>	Aquele	Dele	Nele
<b>Elu</b>	Aquelu	Delu	Nelu
<b>Êlu</b>	Aquêlu	Dêlu	Nêlu
<b>Élu</b>	Aquêlu	Dêlu	Nêlu
<b>Eli</b>	Aquéli	Déli	Néli
<b>Eli</b>	Aqueli	Deli	Neli
<b>Elx</b>	Aquelx	Delx	Nelx

<sup>37</sup> Desinências nominais são morfemas adicionados aos nomes, substantivos e adjetivos, que indicam sua flexão em gênero, masculino e feminino, e número, singular e plural.

<sup>38</sup> Tabelas retiradas do endereço <<https://orientando.org/listas/tipos-de-linguagem/>>. Último acesso em 03/01/2020.

<b>Els</b>	<b>Aquels</b>	<b>Dels</b>	<b>Nels</b>
<b>el'</b>	<b>aquel'</b>	<b>del'</b>	<b>nel'</b>
<b>Eld</b>	<b>Aqueld</b>	<b>Deld</b>	<b>Neld</b>
<b>Íli</b>	<b>Aquíli</b>	<b>Díli</b>	<b>Níli</b>
<b>Ílu</b>	<b>Aquílu</b>	<b>Dílu</b>	<b>Nílu</b>
<b>Ilê</b>	<b>Aquile</b>	<b>Dile</b>	<b>Nile</b>
<b>Ilo</b>	<b>Aquilo</b>	<b>Dilo</b>	<b>Nilo</b>
<b>Ely</b>	<b>Aquély</b>	<b>Dély</b>	<b>Nely</b>
<b>Ely</b>	<b>Aquely</b>	<b>Dely</b>	<b>Nely</b>
<b>Élw</b>	<b>Aquélw</b>	<b>Délw</b>	<b>Nélw</b>
<b>Yn</b>	<b>Aquyn</b>	<b>Dyn</b>	<b>Nyn</b>

### Quadro 17 – Finais de Palavras

<b>A</b>	<b>E</b>	<b>I</b>	<b>O</b>	<b>S</b>	<b>U</b>	<b>X</b>	<b>Y</b>	<b>‘</b>
Linda	Linde	Lindi	Lindo	Linds	Lindu	lindx	Lindy	lind‘
Aluna	Alune	Aluni	Aluno	aluns	Alunu	alunx	Aluny	alun‘
Médica	Médique	Médiqui	Médico	Médics	Médicu	médicx	Médiqy	médic‘
não- binária	não- binárie	não- binári(i)	não- binário	não- bináris	não- bináriu	não- binárix	não- bináriy	não- binári‘

Essas são algumas das formas que pessoas não-binárias e/ou transgêneras e de gênero neutro sugerem e, muitas vezes, assumem para se nominarem e se sentirem inclusos/es e conformes ao gênero que assumem ou com o qual se identificam em determinado momento/período.

Seguindo as mudanças de desinência nominal há variações nas palavras que se seguem aos adjetivos e substantivos e não há uma regra a ser seguida no uso das mesmas, ou seja, os conjuntos ou sistemas não seguem uma ordem e podem ser utilizados na escrita e na fala de diferentes formas e com diferentes combinações. Por exemplo, se o conjunto de uma pessoa é elx, essa pessoa pode utilizar outros conjuntos para final de palavra: bonit’, ou u, bináriu e assim sucessivamente. Esta demanda já tem encontrado ressonância em locais e eventos públicos, a exemplo de seminários em universidades e shows, que tem utilizado em sua abertura cumprimentos que incluem a expressão “todes”, pronome indefinido neutro, para referir-se às pessoas que não se reconhecem nos pronomes indefinidos tradicionais e binários, todos e todas.

Por meio do uso de terminologia como a descrita acima, as pessoas podem escrever ou mesmo reescrever sua identidade de forma mais próxima à sua subjetividade, sentimento de pertença de gênero, num processo de (re)escrita de si, tal como explicam Borba e Lopes acerca da noção “letramento de intervenção”:

No latim, a palavra *intervenio* significa “estar entre; sobrevir e entremeter-se” – signos que parecem indicar a centralidade das dimensões coletiva e agentiva nesse tipo de ação. Letramentos de intervenção “sobrevêm”, ou seja, vêm depois de algo, reescrevem e (res)significam uma escrita anterior hegemônica, concebida tradicionalmente como neutra ou como um simples reflexo da realidade. Além disso, trata-se de uma escrita que “está entre” as pessoas; ela não é tecida em isolamento, como tradicionalmente se concebe a escrita escolarizada, mas é um processo que se constrói no coletivo e para além dos lugares de controle que lhe foram destinados. [...] Esse tipo de letramento recria e ressignifica realidades, fazendo assim a diferença – ou seja, essas intervenções reescrevem e re-imaginam uma escrita heteronormativa e fonofalocêntrica, produzindo dobras em lugares de poderes institucionalizados (escola, mídia corporativa, etc.) (BORBA e LOPES, 2018, pp. 278-279).

Essa reescrita se torna uma forma de minimizar os incômodos que alguns termos carregam em sua forma mais usual, isso porque mesmo que alguém se considere parcialmente feminina ou masculina, esse alguém pode recusar o artigo que define o final da palavra que usualmente se utiliza para designar tal gênero. E insistir na norma da coerência de gênero – homem/masculino e mulher/feminina – é desconhecer as infinitas possibilidades e arranjos disponíveis na vivência das pessoas, tal como reivindicam os/es sujeitos/es desta escrita em suas manifestações políticas no site [orientando.org](http://orientando.org)

Portanto, é possível ver que para além das questões relacionadas ao estudo sistemático da construção da língua enquanto sistema opressor e excludente, há, no meio social contemporâneo, uma prática em curso que visa quebrar paradigmas e dar visibilidades a modos de vivências e experiências que extrapolam e muito as normas de uma pretensa

verdade linguística e gramatical. Está em curso a reconstrução de muitas das estruturas que julgávamos sólidas e a linguagem é uma delas. E ainda que não se trate de uma novidade - porque a linguagem muda e a gramática acompanha sempre essa mudança tirando e colocando signos e significados em destaque -, essa mudança que se anuncia parece mais profunda e está pautada na enunciação da diferença (SILVA, 2014).

E ainda que não tenhamos passado pela experiência de incorporar em nossa escrita e prática linguística esse modo de inclusão, nem sequer do gênero feminino mais pontualmente (CALDAS-COULTHARD, 2007), esse diálogo foi lançado e segue, cada dia mais, avançando e demonstrando que não só há interesse, como um movimento de aderência ao uso dos termos. E nesse mesmo sentido, de evidenciar o movimento e de consolidação das pautas reivindicatórias, trarei em tópicos posteriores algumas conquistas e desafios da comunidade não-binária/e que foram publicizadas em sites e portais de revistas e jornais eletrônicos.

### **3.2. Estratégia de visibilização, a revista Elx #1**

Inserir-se ou permanecer visível no cenário social enquanto agente político requer uma estrutura comunicacional que seja capaz de alcançar não apenas a comunidade que se representa como a um público geral distinto. A internet tem sido uma plataforma ampla e plural de divulgação de diferentes pautas e visibilização, contudo, há outros meios como a TV, os jornais, as revistas, os panfletos etc. que cumprem este papel em outros níveis.

Comunicação é o processo de compartilhar significado pela troca de informações. Para a sociedade em geral, a principal fonte da produção social de significado é o processo da comunicação socializada. Esta existe no domínio público, para além da comunicação interpessoal. A contínua transformação da tecnologia da comunicação na era digital amplia o alcance dos meios de comunicação para todos os domínios da vida social, numa rede que é simultaneamente global e local, genérica e personalizada, num padrão em constante mudança. O processo de construção de significado caracteriza-se por um grande volume de diversidade. Existe, contudo, uma característica comum a todos os processos de construção simbólica: eles dependem amplamente das mensagens e estruturas criadas, formadas e difundidas nas redes de comunicação multimídia (CASTELLS, 2013, p.15).

A revista Elx, de pronuncia él, é mais uma das muitas ferramentas de informação e divulgação da comunidade não-binária/e, e encontra-se disponível no site orientando.org. Elx foi produzida por Aster, pessoa não-binária e administrador/e do orientando.org, antes mesmo de éli<sup>39</sup> ter criado o site<sup>40</sup>, que segundo o/e mesmo/e tem por finalidade a visibilidade das

<sup>39</sup> Este é um dos finais com que Aster prefere ser chamadi, como disponibilizado no site: “artigo ed/eld/e -/éli/e, pronome -/eld/-/elx/x e final de palavra ze/elz/e-ze/eld/e”.

questões relacionadas a comunidade não-binária. Assim a revista está no site para que as pessoas possam ler, imprimi-la e passá-la adiante.

A importância de dito material está em que o/e mesmo/e traz informações sobre a existência de algumas identidades de gênero e orientações, sexuais e românticas, não-binárias. Isto é, a revista é mais uma forma de ter um alcance maior das questões não-binárias por via da materialidade impressa em formato de revista. Essas informações estão direcionadas tanto para pessoas que se identificam com a comunidade quanto para aquelas/ís que ainda não conhecem as existências não-binárias/es.

Composta de 23 páginas, com 13 tópicos informativos, a revista traz em sua capa as cores da bandeira não-binária e o verde da bandeira gênero *queer*, com as chamadas:

- “quando gay ou hétero não basta. Descubra orientações mais compatíveis com gêneros não-binários!”.
- “Linguagem inclusiva: Não é só jogar @ ou x em tudo! Entenda como escrever de forma neutra, como evitar o cissexismo nosso de cada dia, e as diferentes formas de adaptar nossa língua para que ela seja inclusiva a todes”.
- “bi, pan, poli, omni? Nenhum destes rótulos é inválido ou transfóbico. Conheça as semelhanças e diferenças entre essas orientações!”.
- “Venha participar da revista! Envie textos, comentários e sugestões para o e-mail [safespacing@gmail.com](mailto:safespacing@gmail.com)”;
- “Calendário queer. Conheça algumas das datas importantes para a comunidade”.

A revista conta ainda com editorial, índice, glossários, referências e uma contracapa com corações coloridos/es nas cores de bandeiras não-binárias e fecha com a frase “Você é validx.”

Levando-se em conta as dificuldades e os custos de produção de uma revista (CARVALHO; FONTES; ARAÚJO, 2012; MANZINI, 2003), ter este material disponível na internet para a impressão e distribuição é interessante, uma vez que pode se tornar uma

---

<sup>40</sup> O site orientando.org criado em maio de 2016.

informação acessível para muitas pessoas que não têm acesso à internet e a este tipo de conteúdo.

Propondo informar sobre orientações, gêneros, preconceitos e recursos a revista apresenta textos curtos e didáticos. A maior parte dos textos traz questões relacionadas a identidades de gênero e orientações sexuais apresentando as diferenças e semelhanças que existem entre algumas. Conta, ainda, com quadros informativos ou glossários para reforçar/positivar as diferenças; traz a ideia de que a existência de uma identidade ou sexualidade não invalida as outras; e reafirma a importância em compreender o que as pessoas sentem em relação à sua identidade de gênero, orientação sexual e romântica etc.

Os textos apresentados na revista têm em comum o viés informativo, isto é, trazem termos e suas definições num contexto explicativo e exemplificado. Contudo, há textos que deixam questões em aberto para serem discutidos em outros momentos ou edições futuras, caso do texto “quando gay e hétero não basta”.

Há ainda os textos que trazem certas tensões em relação às identidades de gênero, as orientações na comunidade trans. Isso porque existem “disputas” em pauta quando entra em discussão a visibilidade das especificidades do grupo, ou seja, o que seria mais relevante para a comunidade. Assim os pontos de tensão se encontram nas dificuldades de compreensão acerca das múltiplas identidades e orientações não-binárias e do que significa tê-las, como exposto nos textos: “Pensamento da edição: Inexistência é relativa” e “bi, pan, poli, omni?”, mais especificamente.

Outra questão é a equivalência em trazer textos que falam sobre identidades de gênero e orientações, sexuais e românticas. Ao trazer as orientações para a discussão, a “edição” nos mostra que as orientações, assim como identidades de gênero, são múltiplas e complexas, expandindo o debate para outros campos.

Assim, ainda que a revista tenha sido produzida a partir da visão e escrita de uma única pessoa, há neste material uma colaboração importante em relação a trazer pra o social o debate, a informação e as existências não-binárias. Conjuntamente com a internet, as identidades não-binárias e suas pautas têm se tornado, cada vez mais, presentes no cotidiano social seja em campanhas publicitárias, em eventos de entretenimento (shows, peças teatrais etc.) ou em locais/reuniões mais formais como seminários universitários e conferências

políticas. O tópico a seguir traz essa visibilidade nas mídias, em espaços e em questões distintas.

### **3.3 Da sub-representatividade à notoriedade, quando a “minoria” se torna evidente**

As mídias, como já pontuado, são importante campo para os movimentos sociais terem visibilidade e se legitimarem no cotidiano social, político e cultural, seja esta realizada de forma direta, face a face, ou mediada, por computadores, online e off-line. Isso porque a comunicação, através dos processos de socialização, cria e dá significado às nossas relações interpessoais, ou seja, materializam e formam nossas redes (CASTELLS, 2013; TAVARES e PAULA, 2015).

As crescentes e contínuas melhorias dos meios tecnológicos de comunicação ampliam o alcance e troca de informações de forma mais abrangente e ao mesmo tempo personalizada demonstrando a versatilidade e a influência que os recursos multimídia podem ter sobre a construção de normas e as relações de poder sociais. Isso tem ficado mais evidente com o crescente uso da internet e das plataformas de comunicação mediadas por aparelhos de mídia, cada vez mais sofisticados, como os smartphones, os tablets, os relógios digitais, os televisores que se conectam à internet etc.

O uso dessas tecnologias, chamado de autocomunicação por Castells (2013), é considerado pelo mesmo como comunicação de massa:

[...] porque processa mensagens de muitos para muitos, com potencial de alcançar uma multiplicidade de receptores e de se conectar a um número infundável de redes que transmitem informações digitalizadas pela vizinhança ou pelo mundo. É [ainda] autocomunicação porque a produção de mensagem é decidida de modo autônomo pelo remetente, a designação do receptor é autodirecionada e a recuperação de mensagens das redes de comunicação é autosselecionada (pp. 15-16).

Contudo, não se deve ignorar que apesar de haver uma certa autonomia na mediação comunicativa por meio do uso das mídias conectadas por internet, há nessa interação processos de poder envolvidos. Porque, assim como existem discursos de poder que estruturam as relações sociais fora do campo “internético” - a exemplo das mídias tradicionais de televisão, radiodifusão e de conteúdo impresso em jornais e revistas -, no meio virtual permanecem os controles tanto no que se refere ao domínio de quem detém o poder político - o Estado - e/ou financeiro - os grandes oligopólios midiáticos/empresariais -, numa lógica que atenda à manutenção da dominação.

Em posse dos domínios midiáticos de comunicação e informação, o Estado -, muitas vezes comandado por donos dos meios de comunicação ou a serviço dos mesmos -, tende a controlar e coordenar as regras e normas sociais atendendo basicamente aos seus interesses e valores, por portar o monopólio da violência para se impor (WEBER, 2016; AGUIÃO, 2014). E isso foi demonstrado em vários lugares e de diferentes formas nos levantes que ocorreram em todo o mundo entre os anos de 2010 a 2013, onde o uso exagerado da força policial estatal foi utilizado para reprimir as manifestações com muita truculência (REUDIGER et. al., 2014). A ação das autoridades policiais divulgada nas redes sociais facebook e twitter, mais especificamente, levou a uma reviravolta em relação ao apoio social às manifestações levando milhões de pessoas às ruas e praças em apoio aos manifestantes e suas causas.

Os levantes que se iniciaram em 2010, em protesto contra as políticas de austeridade implementadas por governantes em todo o mundo, como forma de cobrar da população os prejuízos da crise financeira de 2008, iniciada nos EUA, derrubaram ditaduras, transformaram as instituições de governança e colocaram em pauta, mais uma vez, a grande desigualdade nas políticas econômicas e sociais locais e globais (CASTELLS, 2013). Conhecidos como Primavera Árabe, Indignados da Espanha, Occupy Wall Street, Jornadas de julho etc., - cada um em seus contextos e singularidades – trouxeram ao campo social questões que não estavam em pauta até então e demonstraram a importância e força do uso das mídias no e para os protestos, ao denunciarem como as mesmas podem e são controladas ou usadas para atender aos interesses políticos do Estado e daqueles que tradicionalmente o controlam.

Esse movimento de insurgência aos poderes e controles tradicionais do Estado e dos oligopólios nacionais e transnacionais da comunicação e informação, trouxe um novo modo de ação aos movimentos populares<sup>41</sup> e sociais (GOHN, 2013 a; GOHN, 2013 b; ALONSO, 2009). De posse de um dos instrumentos mais horizontais de comunicação na atualidade, a internet, os/es insurgentes se fizeram ouvir tanto em suas demandas convergentes quanto nas mais divergentes.

Aqui, no Brasil, acompanhamos essa movimentação dos levantes com uma perspectiva de entusiasmo nos movimentos sociais e com um discurso político que exaltava o fato de a

---

<sup>41</sup> Característica desses levantes, uma vez que seus participantes optaram por se descolarem de ligações com instituições ou outras formas de organização social. É importante salientar que as ações realizadas nos levantes que aconteceram mundo a fora se devem à ação de indivíduos organizados em redes de indignação, ou seja, indivíduos que se levantaram contra seus regimes políticos e sociais através de chamados e compartilhamento, via internet e redes sociais, de vídeos e textos sobre a realidade social a qual estavam sendo expostos e com a qual não concordavam (CALIL, 2013; PLEYERS, 2013; REUDIGER et. al., 2014).

crise financeira, supostamente, não ter nos atingido até então (CALIL, 2013; GOHN, 2013). Contudo, não demorou muito para que os ideais de mudança que motivaram as insurgências pelo mundo chegassem por aqui.

As jornadas de julho de 2013 foram um levante iniciado pelo Movimento Passe Livre em São Paulo que chamou a população para protestar contra o reajuste em vinte centavos, a época, no transporte público. Essa manifestação, assim como aquelas que aconteceram no Oriente Médio, na Europa, na Espanha e nos EUA, se destacou pelo uso descomunal da força policial, com apoio massivo da grande mídia, e dos governos. E assim como nos levantes supracitados houve divulgação nas mídias alternativas via redes sociais, facebook, twitter e Youtube, noticiando o que estava acontecendo na realidade – repressão policial e criminalização das manifestações por parte da grande mídia e dos governos – o que mobilizou a população em favor dos manifestantes e das causas pleiteadas levando milhares e depois milhões de pessoas às ruas por meio de mobilização online (CALIL, 2013; COSTA-MOURA, 2014).

As manifestações que tomaram conta do Brasil durante o mês de julho tiveram não só grande adesão popular como uma quantidade extraordinária de demandas advindas de pessoas que se manifestavam individualmente ou em pequenos grupos, com uma maioria se declarando apartidária, ou seja, desvinculadas de partidos e/ou organizações de qualquer tipo. Com comunicação e organização dos atos articulados nas redes sociais os/es manifestantes conseguiram desmascarar a grande mídia e seu discurso anti democrático abrindo novo campo de ação no meio cibernético (BERNARDES e BARBOSA, 2017; VIEIRA, 2015).

Esse modo de ação via redes sociais, inaugurado pelos/es insurgentes, se mostrou produtivo e eficaz para os grupos minoritários que buscam por reconhecimento de suas especificidades. Utilizando-se da internet e suas plataformas comunicacionais, a exemplo das redes sociais facebook, twitter, dos blogs, das comunidades virtuais, dos *sites* de movimentos sociais tradicionais, os grupos dissidentes foram ganhando notoriedade nas mídias informacionais, jornais e revistas, tanto impressas como eletrônicas. Assim, a internet, espaço de interação entre pessoas, passou a ser, também, um lugar importante de luta política e por visibilidade de comunidades e práticas marginalizadas. E a comunidade não-binária tem se utilizado amplamente desse espaço seja para comemorar sua singularidade ou denunciar violências (SOMAVIRA; TOMAZETTI e ROSÁRIO, 2018).

Apesar da ideia de uma representação não-binária estar presente há muito no meio social (CARRARA e SIMÕES, 2007), principalmente no campo da moda e das artes, a existência de uma comunidade não-binária é algo muito recente. A discussão mais pontual sobre a emergência de gêneros não-binários vem ganhando os noticiários e notoriedade social desde a abertura que tivemos na discussão das especificidades que se fizeram notar com os levantes populares de 2010, acima mencionados, e que se espalhou por todo o mundo.

Em consonância com o que foi apresentado até aqui e mediante pesquisa com as palavras-chave: notícias sobre não-binários; #nãobinário; campanha C&A não binário, apresento, a seguir, algumas notícias publicadas em *sites* e portais jornalísticos, revistas e blogs online que falam sobre gênero e sexualidade não-binários/es. Algumas dessas informações chegaram a mim por sugestões algorítmicas, ou seja, como resultado das buscas feitas acerca do assunto em ferramentas de pesquisa, a exemplo da plataforma Google, em buscas por artigos e informações acerca da não binaridade.

Para a construção do subtópicos abaixo foram consideradas a proximidade dos assuntos com as questões elencadas. Isto é, as notícias selecionadas, no total de 31 (trinta e uma), foram agrupadas em grandes grupos como economia, sociedade e ciência, e, logo em seguida, foram subdivididas em tendência mercadológica, político-social e notícias jornalísticas científicas.

### **3.3.1 Matérias que remetem à tendência mercadológica**

Nesta categoria as reportagens apresentadas trazem a não binaridade na relação com o mercado, seja ele de consumo ou de trabalho/emprego. Uma das primeiras matérias veiculadas a esse respeito fala da campanha feita pela cadeia internacional de lojas C&A, rede de lojas de departamento de vestuário, que em 2016 veiculou propagandas em TV e em mídias sociais da campanha “sem gênero”. Com proposta semelhante e, no mesmo período, a loja de vestuário internacional Zara lançou a coleção “gênero neutro”.

Apesar de terem apresentado um novo conceito em tendência e de terem mostrado que há outras formas possíveis de se vestir, as marcas foram criticadas pela forma como lidaram com o tema. As críticas partem tanto na forma como as mesmas apresentaram seus produtos, sem a preocupação de apresentarem modelos que contemplem o público não-binário/e, como no modo com que operam os espaços físicos das lojas, sem provadores unissex, sem representatividade na contratação de pessoas trans e não-binárias, sem um local para expor

produtos desenvolvidos para não binários/es. Demonstrando que as campanhas não foram pensadas nas especificidades e na visibilidade não-binária, mas sim na ideia de que as marcas são inclusivas, o que não corresponde a realidade que demonstrou que as marcas os/es veem, apenas, como possíveis consumidores.

Essa forma de veicular as campanhas se assemelham muito ao já conhecido *pink money* que é o “poder de consumo” do público LGBTQIA+ (Dias, 2019). O *pink money* pode ser definido, ainda, como um modo de as empresas ou artistas individuais se associarem à imagem da comunidade LGBTQIA+ para vender seus produtos e serviços, sem que de fato se envolvam com as causas políticas em defesa da comunidade<sup>42</sup>, algo que é rechaçado pela comunidade. Essa prática se dá pelo interesse das empresas e artistas em lucrar com o público LGBTQIA+ que é exigente e têm, cada vez mais, se associado a marcas com interesses políticos-sociais em defesa das minorias representativas.

Contudo, outras matérias mostram que a questão de relação do mercado da moda para com o gênero não está circunscrito ao consumo, há marcas que demonstram maior preocupação na inclusão para a visibilidade da causa, caso das matérias “Moda sem gênero ganha cada vez mais simpatizantes e aponta mercado em crescimento” (AYER, 2017, online); “Céline Dion lança coleção sem gênero de roupas infantis” (Claudia, 2018, online); “Marca cria linha de bonecos sem gênero definido” (Claudia, 2019, online). Essas reportagens falam de pesquisa, escuta e de experiências pessoais cotidianas que levaram algumas marcas globais e empreendedores locais a valorizarem e respeitarem as vivências de gênero não-binárias em suas coleções e campanhas.

Outro lócus importante do mercado para com as causas LGBTQIA+ é o de Trabalho/emprego. Nesse sentido há, nas reportagens, notícias de que existe uma preocupação real de grandes corporações em reconhecer, respeitar e valorizar as diferenças, além de se abrirem para a discussão das questões de gênero e sexualidade. As matérias “Empregadores se preparam para um mundo de gênero não binário” (MCGREGOR, 2019, online) e “A questão de gênero ainda inquieta as empresas. Mas é possível mudar isso” (MEIR, 2019, online) que falam desse cenário a partir de pequenas medidas adotadas por algumas empresas, a exemplo da adoção da linguagem neutra em e-mails corporativos, que tem dado maior

---

<sup>42</sup> A HORNET, Rede Social Gay, publicou matéria “Afinal, o que é Pink Money? Uma rápida explicação sobre a polêmica da semana” em 2018 explicando o que significa o termo. A matéria está disponível em <<https://hornet.com/stories/pt-pt/pink-money/>>, último acesso em 23 de outubro de 2020.

ênfase na importância da inclusão no local de trabalho, além de melhorias na estrutura do local de trabalho, treinamento de pessoal para atender melhor as pessoas trans e não-binárias e propostas de contratação dessas pessoas.

Por fim, há o mercado do entretenimento que se fez presente na reportagem “Ele ou ela? A série “Todxs nós” da HBO é um convite para repensar o gênero” (PINHEIRO, 2020, online). A matéria fala do lançamento da série e conversa com os/es personagens principais do programa acerca do universo não-binário. Destaca, ainda, a participação de pessoas trans e não-binárias na composição do elenco da série. Tendo assistido aos episódios da primeira temporada, muitas são as pontuações a se fazer, uma vez que a pessoa que representa a personagem não-binária segue padrões estéticos de uma brancura e magreza exaltadas pela mídia tradicional e pertence à classe média o que, muitas vezes, não condiz com a realidade de grande parte das pessoas transgênero em nossa sociedade – isso é mostrado na série. Assim que este é um rico material para análises futuras acerca dos produtos que a mídia produz .

#### Quadro 18 – Matérias de tendência mercadológica <sup>43</sup>

Reportagens	Plataformas	Ano
Com campanha “sem gênero”, C&A busca liberdade e “mente aberta”	Infomoney (portal de informações e sistemas, relacionado ao mercado financeiro em geral).	2016.
C&A lança linha de roupas sem distinção de gênero	Gauchazh (site de informações/notícias de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul).	2016.
Moda sem gênero ganha cada vez mais simpatizantes e aponta mercado em crescimento	Estado de Minas (site de notícias do jornal Estado de Minas).	2017.
Céline Dion lança coleção sem gênero de roupas infantis	Claudia (revista do grupo Globo de comunicação).	2018.
Marca cria linha de bonecos sem	Claudia (revista do grupo Globo de	2019.

<sup>43</sup> Segue links das reportagens que foram apresentadas neste tópico e na ordem que se encontram no quadro: <<https://www.infomoney.com.br/mercados/com-campanha-sem-genero-ca-busca-liberdade-e-mente-aberta/>>, último acesso em 13 de setembro de 2020; <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/moda/noticia/2016/03/c-a-lanca-linha-de-roupas-sem-distincao-de-genero-cjpl6f41t005bwscn2b00lww8.html>>, último acesso em 13 de setembro de 2020; <[https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2017/07/16/internas\\_economia,884217/moda-agora-e-sem-genero.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2017/07/16/internas_economia,884217/moda-agora-e-sem-genero.shtml)>, último acesso em 09 de setembro de 2020; <<https://claudia.abril.com.br/famosos/celine-dion-lanca-colecao-sem-genero-de-roupas-infantis/>>, último acesso em 09 de setembro de 2020; <<https://claudia.abril.com.br/noticias/bonecos-sem-genero/>>, último acesso em 09 de setembro de 2020; <<https://www.consumidormoderno.com.br/2019/03/12/questao-de-genero-ainda-inquieta-as-empresas-mas-e-possivel-mudar-isso/>>, último acesso em 13 de setembro de 2020; <<https://economia.estadao.com.br/blogs/radar-do-emprego/empregadores-se-preparam-para-um-mundo-de-genero-nao-binario/>>, último acesso em 13 de setembro de 2020; <<https://claudia.abril.com.br/cultura/ele-ou-ela-a-serie-todxs-nos-da-hbo-e-um-convite-para-repensar-o-genero/>>, último acesso em 09 de setembro de 2020.

gênero definido	comunicação).	
Empregadores se preparam para um mundo de gênero não binário <sup>44</sup>	Portal de notícias Estadão.	2019.
A questão de gênero ainda inquieta as empresas. Mas é possível mudar isso	Consumidor Moderno (plataforma de interação e discussão de ideias, conceitos e tendências...).	2019.
Ele ou ela? A série “Todxs nós” da HBO é um convite para repensar o gênero	Claudia (revista do grupo Globo de comunicação).	2020.

### 3.3.2 Matérias de contexto político-social sobre identidades não-binárias

E este tópico concentra o maior número de notícias encontradas acerca dos/es não-binários/es (19 no total), mostrando ser, este, um campo amplo, uma vez que traz para o debate o reconhecimento de direitos, a violência, o preconceito, as propostas de políticas de existência – esta que diz respeito à busca por visibilidade das especificidades não-binárias e que faz compreender o que diz Butler acerca da abjeção dos corpos e que se assemelham as vivências destas pessoas:

Então, não é que o impensável, que aquilo que não pode ser vivido ou compreendido não tenha uma vida discursiva; ele certamente a tem. Mas ele vive dentro do discurso como a figura absolutamente não questionada, a figura distinta e sem conteúdo de algo que ainda não se tornou real (PRINS e MEIJER, p.162, 2002).

Isto é, uma política do possível para existir fora das margens. Dessa forma, essas informações dizem respeito a acontecimentos locais e globais pautadas nas identidades de gênero não-binárias.

As primeiras informações que tive sobre as existências não binárias vieram das reportagens “Fotógrafa registra acampamento para crianças que questionam as normas da identidade de gênero” (CARVALHO, 2014, online) e “Fotógrafa retrata jovens que não se identificam com nenhum gênero” (CARVALHO, 2014, online), ambas veiculadas na página do Hyphen e de contexto internacional. Estas matérias jornalísticas falam de pessoas jovens que não se enquadram na norma de gênero e sofrem preconceitos/violências por não serem

<sup>44</sup> Esta notícia foi replicada pelo DCM online, Diário do Centro do Mundo, página jornalística com o título “Empresas se preparam para contratação de pessoas de gênero não-binário”. Foi através desta notícia que soube que o site do Jornal Estadão havia publicado esta matéria.

compreendidas socialmente. A primeira fala sobre um acampamento para que crianças de 5 a 12 anos possam se expressar sem serem julgadas, e a segunda conta a história de jovens que sofreram algum tipo de violência por suas expressões de gênero. São histórias que relatam pouco sobre o universo não-binário, mas que pautam as existências.

Ainda em 2014 foram veiculadas as reportagens: “Gênero neutro é reconhecido pela Suprema Corte da Austrália”, (*GI notícias*, 2014, online) e “Não-binários publicam *selfies* nas redes para mostrar o que significa essa identidade de gênero”, (*O Globo*, 2014, online). Esses portais pertencem à grande mídia brasileira e ter essas reportagens em suas plataformas é muito importante para um alcance maior das questões não-binárias. A primeira reportagem conta a história de Norrie, pessoa gênero neutro, que há anos vinha pleiteando o direito ao reconhecimento social da identidade de gênero neutra para si e para outras pessoas, e este direito só foi reconhecido após muitas idas e vindas de luta política e social por sua existência. A segunda matéria informa sobre uma campanha feita na *web* que objetivava dar notoriedade as identidades de gênero não-binárias, chamando as pessoas para publicarem fotos suas com a hashtag *#WhatGenderqueerLooksLike*, “com o que o gênero queer se parece”.

Na mesma direção do reconhecimento das existências não-binárias por meio de demandas e discussões públicas, outras matérias informam sobre propostas ou da adoção do terceiro gênero em outros lugares do mundo e no Brasil com as reportagens: “Bebê canadense é registrado sem identificação de sexo”, (*Claudia*, 2017, online); “Estado da Califórnia passa a adotar terceiro gênero: o não-binário”, (QUERINO, 2017, online); “Nova York passa a reconhecer ‘terceiro gênero’ em registro oficial”, (QUERINO, 2018, online); “Parlamento alemão aprova lei que permite a inclusão do terceiro gênero nos documentos oficiais”, (QUERINO, 2018, online); “Lei de identidade de gênero entra em vigor no Chile”, (*Uol notícias*, 2019, online); “Alemanha aprova registro do terceiro gênero na certidão de nascimento e identidade”, (SOUZA 2019, online); “Holanda diz que vai excluir identificação de gênero em documentos”, (*Uol internacional*, 2020, online); “Proposta no senado propõe inclusão de gênero neutro em RG e CPF”, (YAMASAKI, 2020, online); “Inclusão do gênero neutro nos documentos oficiais de identificação”, (HELIODORO, 2020, online).

As matérias que falam da aprovação do terceiro gênero são curtas e não aprofundam a discussão sobre o que significa ser não-binário, um lugar comum é definir a não-binaridade com não ser nem homem nem mulher. Apenas o texto da reportagem que fala sobre o Estado da Califórnia expande a ideia acrescentando que a pessoa não-binária pode se

identificar/assumir ambas identidades. Na primeira matéria sobre a aprovação do terceiro gênero pela Alemanha não fica claro se há restrições para a liberação, o que fica mais especificado na segunda matéria onde é dito que o terceiro gênero está destinado a pessoas intersexo, o que implica dizer que as pessoas não-binárias não estão completamente contempladas com a nova lei.

Para muitos dos países onde a lei do terceiro gênero foi aprovada ela começou a vigorar no momento da aprovação, para a Holanda, no entanto, essa é uma lei que só entrará em vigor a partir de 2024 ou 2025, o que não deixou de ser visto como algo positivo, pelo menos para quem concedeu entrevista para a reportagem.

O texto que fala da proposta de inclusão do gênero neutro nos documentos de identificação, aqui no Brasil, tem espaço de fala de não-binária e de especialistas, mas, também, não aprofunda na discussão. Assim como a “ideia legislativa” que se encontra no site do Senado para angariar apoio e que traz o seguinte texto: “Com a inclusão do gênero neutro nos documentos oficiais de identificação, pessoas transgênero e transexuais não binárias e intersexuais (antigas hermafroditas) poderão retificar seus dados de forma representativa para cada uma”, afirmando que essa iniciativa pode ajudar na redução do número de suicídio entre essas pessoas. A proposta atingiu o número de apoio suficiente, que era de 20.000, para ser transformada em sugestão para discussão e consulta pública, ou seja, temos muito que caminhar, ainda, com essa questão aqui no Brasil – não podemos esquecer que há um debate sobre gênero intenso e em curso no país com uma bancada fundamentalista no poder.

As mídias, principalmente, as sociais e a internet como um todo, têm sido um importante lugar para dar continuidade com o debate e com a visibilidade das causas LGBTQIA+, isso fica evidente quando há possibilidade de expressão das ideias ou a resposta como no texto “C&A lança nova coleção agênero e porque isso não é tão fantástico assim”, publicado por Paddy Ribeiro, pessoa agender, no Midium. No texto Paddy faz uma crítica á forma como a campanha da loja de vestuário foi veiculada, assim como à falta de cuidados para com as especificidades de pessoas não-binárias como conhecer mais sobre o assunto, dar visibilidade à existência trans na figura de modelos estampando a marca, adequar os espaços físicos das lojas para atender melhor ao público trans e não-binário/e etc.

Outra questão que vem sendo discutida e que tem ganhado atenção é do uso do pronome neutro, ainda que sua aprovação não seja unanime. A reportagem “Pronomes neutros ganham espaço nas ruas, redes sociais e até em empresas”, (MOURA, 2019, online), fala

desse ganho como algo que precisa ser ampliado, pois não se encontra assegurado e que precisar ser batalhado, uma vez que nossa sociedade, assim como nosso idioma, é binarista. Reafirmando que as lutas pelo reconhecimento das identidades de gênero dissidentes e de suas especificidades estão apenas começando.

O lugar de violência que as pautas sobre identidade denunciavam chamou atenção dos jornais, em 2018, com a morte de Matheusa, pessoa não binária, no Rio de Janeiro. Com a chamada “Crime no Rio de Janeiro tem como alvo pessoa não-binária”, (*GI, Fantástico*, 2018, online) o caso de Matheusa ganhou as manchetes de um dos maiores diários semanais da TV aberta, o programa dominical Fantástico, da rede Globo. Com matéria sobre o caso, o programa discutiu o que é ser não-binário, em 4mim40seg de vídeo, para falar sobre o caso de Matheusa. Esta que teve seu caso veiculado em outras matérias como “Comunidade LGBT de luto por assassinato de estudante ‘não-binário’ no Rio” (*Uol universa*, 2018, online), pelo portal de notícias UOL, e “Polícia conclui que estudante foi morta por traficantes no Rio”, (*Agência Brasil*, 2019, online). A violência sofrida por pessoas LGBTQIA+ segue alta no Brasil e no mundo. Ainda que o caso Matheusa tenha comovido muitas pessoas, muitas outras seguem sendo mortas cotidianamente por desejarem serem vistas e respeitadas como são.

Contudo, há um movimento de identificação que segue em curso e que tem encontrado adesão em grandes figuras públicas, principalmente no meio artístico, como o apresentado na reportagem “Sam Smith se define como não-binário e adota pronome neutro” (MENEZES, 2019, online), o cantor britânico mundialmente conhecido, se reconhece como não-binário assim como outras pessoas famosas já o fizeram, a exemplo da cantora estadunidense Miley Cyrus. No Brasil muitas pessoas que assumiram essa identidade são artistas LGBTQIA+ que performam suas identidades através de sua arte. Há, ainda, os/es comunicadores/is/influenciadores/is, youtuber’s<sup>45</sup>, - conhecidos por seus vídeos publicados na plataforma Youtube – que, além de se identificarem publicizam, com suas falas e expressões, as identidades não-binárias.

Publicizar as identidades não binárias através de suas falas e expressões é válido e importante, também, como se encontra na reportagem “Ele se veste como cachorro e diz não ser humano; o que é um transespécie?” (EIRAS, 2018, online). A reportagem conta, de forma

---

<sup>45</sup> Pessoas como Xisto e Hugo/Bryanna Nasck, jovens que têm páginas na plataforma de compartilhamento de vídeos Youtube, onde falam de suas experiências pessoais cotidianas em relação a gênero, sexualidade e questões outras como moda, maquiagem etc.

resumida, a história de duas pessoas que se identificam com expressões de gênero não humanas, o que representa a identidade não-binária Kingênero. O texto trata, ainda, da existência longeva dessa identidade trazendo as figuras de Ney Matogrosso, cantor e compositor brasileiro, e Boy George, cantor e compositor britânico, como modo de legitimar as existências das pessoas entrevistadas; fala da violência/preconceito, do estranhamento e da curiosidade acerca das expressões e vivências; e pontua que para adequação estética dos corpos não há necessidade de intervenções cirúrgicas, uma vez, que o uso de acessórios cumpre, para os/es entrevistados/os, os requisitos para que os/es mesmos/os se sintam confortáveis com sua aparência.

### **Quadro 19 – Matérias de contexto político-social sobre identidades não-binárias<sup>46</sup>**

<sup>46</sup> Links das reportagens que foram apresentadas neste tópico e na ordem que se encontram no quadro:

<<https://www.hypeness.com.br/2014/05/fotografo-registra-acampamento-somente-para-meninos-com-identidade-de-genero-diferente-dos-que-nasceram/>>, último acesso em 14 de setembro de 2020;

<<https://www.hypeness.com.br/2014/05/auto-retratos-de-jovens-que-se-identificam-como-sem-generos/#>>, último acesso em 14 de setembro 2020;

<<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/04/genero-neutro-e-reconhecido-pela-suprema-corte-da-australia.html>>, último acesso em 14 de setembro de 2020;

<<https://oglobo.globo.com/economia/nao-binarios-publicam-selfies-nas-redes-para-mostrar-que-significa-essa-identidade-de-genero-14383736>>, último acesso em 14 de setembro de 2020;

<<https://medium.com/@paddyribeiro/c-a-lan%C3%A7a-nova-cole%C3%A7%C3%A3o-ag%C3%AAnero-e-porque-isso-n%C3%A3o-%C3%A9-t%C3%A3o-fant%C3%A1stico-assim-f8e609caf58d>>, último acesso em 12 de setembro de 2020;

<<https://claudia.abril.com.br/noticias/bebe-canadense-sexo-genero/>>, último acesso em 10 de setembro de 2020;

<<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/estado-da-california-passa-a-adotar-terceiro-genero-o-nao-binario>>, último acesso em 10 de setembro de 2020;

<<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/nova-york-passa-a-reconhecer-terceiro-genero-em-registro-oficial>>, último acesso em 10 de setembro de 2020;

<<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/parlamento-alemao-aprova-lei-que-permite-a-inclusao-do-terceiro-genero-nos-documentos-oficiais>>, último acesso em 06 de novembro de 2020.

<<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2018/05/crime-no-rio-de-janeiro-tem-como-alvo-pessoa-nao-binaria.html>>; último acesso em 14 de setembro de 2020;

<<https://www.uol.com.br/universa/noticias/afp/2018/05/07/comunidade-lgbt-de-luto-por-assassinato-de-estudante-nao-binario-no-rio.htm>>, último acesso em 10 de setembro de 2020;

<<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/11/30/ele-se-veste-como-cachorro-e-diz-nao-ser-uma-pessoa-o-que-e-transespecie.htm>>, último acesso em 10 de setembro de 2020;

<<https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/policia-conclui-que-estudante-foi-morta-por-trafficantes-no-rio-07012019>>, último acesso em 10 de setembro de 2020;

<<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/alemanha-aprova-registro-do-terceiro-genero-na-certidao-de-nascimento-e-identidade>>, último acesso em 10 de setembro de 2020;

<<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2019/12/28/lei-de-identidade-de-genero-entra-em-vigor-no-chile.htm>>, último acesso em 10 de setembro de 2020;

<b>Reportagens</b>	<b>Plataformas</b>	<b>Ano</b>
Fotógrafa registra acampamento para crianças que questionam as normas da identidade de gênero	Site de notícias Hypesess.	2014.
Fotógrafa retrata jovens que não se identificam com nenhum gênero	Site de notícias Hypesess.	2014.
Gênero neutro é reconhecido pela Suprema Corte da Austrália	Portal de notícias G1 (pertencente ao Grupo Globo).	2014.
Não-binários publicam selfies nas redes para mostrar o que significa essa identidade de gênero	Portal de notícias do jornal O Globo (pertencente ao Grupo Globo).	2014.
C&A lança nova coleção agênero e porque isso não é tão fantástico assim	Midium (blog)	2016.
Bebê canadense é registrado sem identificação de sexo	Claudia (revista do grupo Globo de comunicação).	2017.
Estado da Califórnia passa a adotar terceiro gênero: o não-binário	UOL (portal de notícias)	2017.
Nova York passa a reconhecer “terceiro gênero” em registro oficial	UOL (portal de notícias)	2018.
Parlamento alemão aprova lei que permite a inclusão do terceiro gênero nos documentos oficiais	UOL (portal de notícias)	2018.
Crime no Rio de Janeiro tem como alvo pessoa não-binária	Portal de notícias G1 (pertencente ao grupo Globo)	2018.
Comunidade LGBT de luto por assassinato de estudante “não-binário” no Rio	UOL (portal de notícias)	2018.
Ele se veste como cachorro e diz não ser humano; o que é um transespécie?	UOL (portal de notícias)	2018.
Polícia conclui que estudante foi morta por traficantes no Rio	R7 (portal de notícias do Grupo Record de televisão)	2019.
Alemanha aprova registro de terceiro gênero na certidão de nascimento e identidade	UOL (portal de notícias)	2019.
Lei de identidade de gênero entra em vigor	UOL (portal de notícias)	2019.

<<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral/pronomes-neutros-ganham-espaco-nas-ruas-redes-sociais-e-ate-em-empresas,70003012260>>, último acesso em 13 de setembro de 2020;

<<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/sam-smith-se-define-como-nao-binario-e-adota-pronome-neutro>>, último acesso em 10 de setembro de 2020;

<<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/07/04/holanda-anuncia-que-vai-excluir-sexo-de-documentos-de-identidade.htm#:~:text=O%20governo%20da%20Holanda%20anunciou,partir%20de%202024%20ou%202025>>, último acesso em 10 de setembro de 2020;

<<https://dlnews.com.br/noticias?id=19018/proposta-no-senado-propoe-inclusao-de-genero-neutro-em-rg-e-cpf>>, último acesso em 14 de setembro de 2020;

<<https://www12.senado.leg.br/ecidania/visualizacaoideia?id=130530&voto=favor>>, último acesso em 14 de setembro de 2020.

<b>Reportagens</b>	<b>Plataformas</b>	<b>Ano</b>
no Chile		
Pronomes neutros ganham espaço nas ruas, redes sociais e até em empresas	Portal de notícias Estadão.	2019.
Sam Smith se define como não-binário e adota pronome neutro	UOL (portal de notícias)	2019.
Holanda diz que vai excluir identificação de gênero em documentos	UOL (portal de notícias)	2020.
Proposta no Senado propõe inclusão de gênero neutro em RG e CPF	Dlnews (portal de notícias de Rio Preto e região)	2020.
Inclusão do gênero neutro nos documentos oficiais de identificação	Portal do Senado (cidadania para consulta pública)	2020.

### 3.3.3 Matérias de jornalismo científico

Apresentadas em textos maiores e mais detalhados, essas reportagens dão maior ênfase na explicação do que seria a identidade não-binária trazendo para a discussão a fala de pessoas não-binárias, de pesquisadores e de vários especialistas. Para este tópico foram selecionadas 03 (três) matérias sendo uma jornalística e duas “informativas”, de escrita mais científica. Com certa diferenciação na profundidade de discussão do conteúdo as matérias se diferenciam em relação à assertividade na descrição de termos e na definição de conceitos. Dessa forma, os textos publicados pelas revistas estão mais completos e ordenados.

A intenção em trazer este tópico está em mostrar a importância que as notícias, as mídias e a informação têm na construção, na mudança ou na manutenção do discurso. Pensando que, por mais bem intencionada que seja a notícia, a falta de cuidado para com a forma como ela é passada pode confundir ou prejudicar mais que beneficiar.

A matéria publicada pela plataforma de notícias g1 “Os brasileiros não-binários que lutam pelo reconhecimento do gênero neutro: ‘não me considero homem, nem mulher’”, apesar de demonstrar a intenção de visibilizar identidades não-binárias comete alguns equívocos perceptíveis a começar pelo título que coloca no masculino universal todas as pessoas não-binárias que são entrevistadas. E seguem os equívocos por toda a discussão com alguns momentos de assertividade. O texto aborda, no geral, os temas da identidade de gênero, sexualidade, linguagem, violência/preconceito, a necessidade de políticas públicas e de educação para eliminar o preconceito, a medicalização ou não para a adequação estética dos corpos, assim como o uso de acessórios e roupas tidas como masculinas e femininas, do apoio como papel da família, da visibilidade para a identificação.

Mesmo pautando questões importantes para a comunidade não-binária e para o conhecimento das pessoas que não têm contato direto com esse universo, o texto da reportagem não é cuidadoso quando confunde identidade de gênero com orientação sexual, reduzem a não-binaridade a não ser homem, nem mulher, falam de pronome neutro e, logo em seguida, o ignora. São questões importantes na construção da ideia do que representa essas pessoas e de como é importante respeitar e fazer uso das distinções. Não fazer uso da linguagem neutra, por exemplo, traz sofrimento para a pessoa não-binária que elege para si tal linguagem. Reduzir as identidades não-binárias ao binário é desconsiderar as múltiplas expressões que estão para além do espectro. Confundir identidade de gênero com orientação sexual é desconsiderar todo um contexto de construção histórica e opressora de aprisionamento de corpos, sexualidades e desejos.

Com textos mais completos e assertivos as matérias “Qual é o futuro do gênero”, (TEIXEIRA e LIMA, 2020, online), da revista Claudia, e “Tudo o que você sabe sobre gênero está errado” (LOUREIRO e VIEIRA, 2016, online), da revista Galileu, trazem para a discussão um contexto mais extenso e completo do que significa a não-binaridade. As reportagens discutem contextos históricos do gênero enquanto categoria analítica, a construção da identidade no social, a diferenciação de conceitos importantes para compreender a pluralidade de identidades, orientações sexuais, corpos e desejos, preconceito/violência com apresentação de dados estatísticos, a falta de políticas sociais para atender a população LGBTQIA+, a negligência estatal para com essa população, a falta de educação e a intromissão das religiões em assuntos científicos e culturais, trazem, também, entrevistas com pessoas trans, não-binárias, especialistas e pesquisadoris/es, e finalizam com dicas de comportamento como forma de ser mais repetoso/e com pessoas trans. Esse modo de apresentar as matérias contribui com mais elementos para a composição do entendimento do que é ser não-binário/e.

Portanto, penso que o cuidado com as informações e o modo como são produzidas e circulam merece atenção, afinal fará parte do discurso social. Sabemos que qualquer notícia ou informação gera interpretações diversas e que em certos casos, ao invés de ajudar, podem contribuir, ainda mais, para o aumento da violência para com pessoas já marginalizadas. Ao trazer para o debate as existências não-binárias é necessário romper as muitas barreiras impostas socialmente de modo a valorizar e respeitar as existências dissidentes por si mesmas.

**Quadro 20 – Matérias de jornalismo científico**<sup>47</sup>

<b>Reportagens</b>	<b>Plataformas</b>	<b>Ano</b>
Tudo o que você sabe sobre gênero está errado	Galileu (revista do Grupo Globo).	2016.
Os brasileiros não-binários que lutam pelo reconhecimento do gênero neutro: “não me considero homem, nem mulher”	G1 (plataforma de notícias do Grupo Globo).	2019.
Qual é o futuro do gênero	Claudia (revista do Grupo Globo).	2020.

Pautar a comunicação, a linguagem e a materialidade da informação é muito importante para a visibilização de questões sociais, políticas e culturais. Assim como para a composição de registros que pontuem os avanços, retrocessos e os resultados do debate empreendido. Ainda que as existências de dissidentes de gênero sejam anteriores às aqui apontadas, os registros sobre suas lutas são de difícil acesso e pouco compartilhados. Mediante aos avanços nas tecnologias de comunicação e com a participação, cada vez maior, de ativistas em rede ou de pessoas que compartilham suas histórias pessoais de vida em blogs, sites, plataformas de vídeo etc. é possível que as dissidências ocupem um espaço maior no cotidiano social quebrando com a invisibilização e o preconceito às múltiplas expressões e identidades de gênero.

Portanto, vale lembrar que essa construção é contínua e demanda participação, colaboração, negociação, comprometimento e muito diálogo. Porque, como nos legou os inúmeros exemplos de lutas feministas, há que se receptionar as novidades, criticar os descompassos e abandonar concepções que já não cabem mais.

<sup>47</sup> Links das reportagens que foram apresentadas neste tópico e na ordem que se encontram no quadro: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2016/05/tudo-o-que-voce-sabe-sobre-genero-esta-errado.html>>, último acesso em 13 de setembro de 2020;

<<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/03/26/os-brasileiros-nao-binarios-que-lutam-pelo-reconhecimento-do-genero-neutro-nao-me-considero-homem-nem-mulher.ghtml>>, último acesso em 09 de setembro de 2020;

<<https://claudia.abril.com.br/sua-vida/identidade-de-genero/>>, último acesso em 09 de setembro de 2020.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a complexidade e atualidade da temática apresentada, as identidades de gênero não-binárias na contemporaneidade, entendo que o que aqui foi explicitado é parte ínfima do campo a ser estudado. Isso porque há muito material sendo produzido, contudo, há, ainda, carência de análise sociológica, acerca deste tema – o que pude constatar em pesquisas empreendidas para esta escrita.

Deste modo, trilhar os caminhos da identidade, na contemporaneidade, mostrou-se um campo aberto de possibilidades de grande relevância sociológica, no que diz respeito ao entendimento da produção da subjetividade na atualidade. Isso porque nos encontramos em um cenário cada vez mais fragmentado e, ao mesmo tempo, interconectado que proporcionam mudanças contínuas de alta complexidade tanto no âmbito social quanto no subjetivo. E, a constituição da subjetividade ou o (re)conhecimento de si no social, é parte fundamental para a proposição de uma sociedade “sem gênero”.

Na construção desta dissertação, a discussão do gênero, enquanto categoria analítica, possibilitou a compreensão de que propor uma sociedade “sem gênero” ou uma “desidentificação” não significa abandonar o conceito, muito menos que seja possível operar sem suas contribuições. As definições e proposições das novas formas de identificação não-binárias vão na direção de uma reconfiguração do entendimento do que é o gênero.

Ao propor a desconstrução da noção de identidade de gênero, masculino/feminino, a não-binaridade mostra que é possível tirar a carga de positividade/negatividade ou de complementaridade representado na ideia de pares binários conceituais, a exemplo do sexo. Dito de outra maneira, na fronteira das identidades – onde são forjadas as novas identidades e borradas as tradicionais – as movimentações de um território a outro (no espectro de gênero) é livre e não existem limites demarcados para as expressões. Contudo, não se nega a importância das identidades já estabelecidas, uma vez que, são referencia para as novas tanto para a identificação (no que se refere às expressões e inteligibilidade do gênero) quanto para a desidentificação (no que diz respeito a criar ou confundir as formas/modos de expressão).

Assim, as lutas travadas para o reconhecimento das existências não-binárias seguem os passos de grupos identitários já estabelecidos no social, os feminismos e o movimento LGBTQIA+. Com repertórios extensos, esses movimentos abriram espaços para a emergência e visibilidade das identidades marginalizadas – ainda que os conflitos e embates sejam uma

constante. As tensões existentes entre as comunidades ou grupos que demandam por representação de suas causas nos movimentos identitários são históricos e lidam com questões variadas que vão desde a demanda pelo reconhecimento das fragilidades de certos segmentos até a representatividade em falas públicas, ou mesmo ter sua sigla ou bandeira representadas em documentos e eventos oficiais. Contudo, esses embates fortalecem e trazem para o debate questões antes impensadas.

Outro espaço que tem sido ocupado por pessoas que se identificam como não-binárias é o da internet, importante instrumento político na atualidade. Visto como um lugar de maior abertura para a expressão da individualidade, a internet tem se mostrado uma ferramenta eficiente para a organização e divulgação das identidades, expressões e orientações não-binárias. Por meio de plataformas variadas as pessoas não-binárias têm se visibilizado e colocado em debate suas existências.

Ser notado traz ganhos por possibilitar a compreensão e a validação das questões pautadas pela comunidade, contudo, não detêm as violências que, muitas vezes, passam a ser ainda maiores por ser possível direcioná-las. Isto é, mesmo diante de tantos modos de acessar a informação e de conhecer realidades distintas, as violências contra pessoas não-binárias e trans, segue o discurso de que a pessoa discriminada/oprimida é um ser ininteligível e que, portanto, precisa se adequar.

Vale dizer que as violências sofridas por pessoas não-binárias perpassam muitos campos de suas vidas, desde as de cunho psicológicas/subjetivas, a exemplo da negação de suas identidades e desejos, às físicas, de interrupção da vida pela não compreensão social de suas existências. Contudo, não foi possível explorar com maior profundidade, neste trabalho, qual é a relação das violências sofridas mediante a adoção de identidades não-binárias.

No campo das políticas sociais não houve ganhos significativos sob a sigla da não-binaridade, ainda que se encontre em vias de discussão, expressa em uma ideia legislativa, a intenção de pautar a retirada da identificação do gênero dos documentos oficiais. No, entanto, há a política do nome social que contempla pessoas não-binárias e um movimento em curso de adoção da linguagem neutra em reuniões e eventos públicos. Ainda que se trate de medidas tímidas a temática segue em debate e tem ganhado, cada vez mais, notoriedade.

A violência pela qual passam as pessoas não-binárias é umas das propostas que deixo como intenção de trabalho para produções futuras por haver, aqui, o entendimento de que é

necessário levar em consideração fatores que se interconectam para gerar um ou outro tipo de discriminação/violência, dentre eles/is podemos destacar a classe, etnia, orientação, gênero biológico, nacionalidade, questões culturais como a religião etc.

Outra proposta de trabalho futuro é sobre o significado e motivação para a criação das bandeiras das identidades de gênero não-binárias, que foram trazidas no trabalho como forma de dar notoriedade as mesmas. No entanto, a escolha por não fazer essa análise se deu pelo fato de as motivações para a confecção das mesmas ser algo muito complexo assim como o significado das cores escolhidas para representar as identidades, no sentido de, por exemplo, uma mesma cor ter significados diferentes nas bandeiras. Assim esta análise extrapolaria os objetivos deste trabalho.

Portanto, as existências não-binárias representadas neste trabalho, nas identidades de gênero, nas discussões dos/us usuáries/os do site orientando.org e nos textos jornalísticos e científicos analisados no capítulo 3, possibilitaram compreender a atualidade e a necessidade em se discutir gênero; a importância da construção de um conhecimento que valide as dissidências apartando-as das hierarquizações e da patologização das orientações sexuais e da desconstrução ou problematização de categorias como a identidade; a constituição da subjetividade na contemporaneidade para a ação político-social; o papel da tecnologia na visibilização das minoria representativas; e as tensões que permeiam o campo de busca por direitos e reconhecimento das vivências e experiências dissidentes.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AGUIÃO, Silvia. *Fazer-se no “Estado”*: uma etnografia sobre o processo de constituição dos “LGBT” como sujeitos de direitos no Brasil contemporâneo. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP: [s.n.], 2014.

\_\_\_\_\_. “Não somos um simples conjunto de letrinhas”: disputas internas e (re)arranjos da política “LGBT”. *Cadernos pagu* (46), pp.279-310, 2016.

ALONSO, Angela. *As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate*. Lua Nova, São Paulo, n.76, pp.49-86, 2009.

ALVAREZ, Sonia E. *Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista*. *Cadernos pagu* (43), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2014, p. 13-56.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução, Plínio Dentzien. – Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 36 ed.; tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 2014.

BERNARDES, Franciani e BARBOSA, Célia. *A Internet nos Movimentos Sociais e nas Manifestações Massivas no Brasil*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba – PR, 2017.

BONASSI, Brune Camillo. *Cisnorma: acordos societários sobre o sexo binário e cisgênero*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/182706>>. Último acesso em: 21 de abril de 2019.

BORBA, Rodrigo e LOPES, Adriana C. *Escrituras de gênero e políticas de différence: imundície verbal e letramentos de intervenção no cotidiano escolar*. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.21, n.esp., pp.241-285, 2018.

BRAIDOTTI, Rosi. *Diferença, Desigualdade e Subjetividade Nômada*. Tradução: Roberta Barbosa. *Labrys, estudos feministas*, n.1-2, 2002.

BRAH, Avtar. *Diferença, diversidade, diferenciação*. *Cadernos pagu* (26), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, pp. 329-376, 2006.

BRANDÃO, Ana Maria. *Queer, mas não muito: gênero, sexualidade e identidade nas narrativas de vida de mulheres*. *Ex aequo* [online]. N.20, pp.81-96, 2009.

BUTLER, Judith P. *Fundamentos Contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”*. *Cadernos pagu* (11), pp.11-42, 1998.

\_\_\_\_\_. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renata Aguiar. Rio de Janeiro – Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"*. 1ª ed. – Buenos Aires: Paidós, 2002.

\_\_\_\_\_. *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Tradução Rogério Bettoni. 1 ed. – Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2017.

CALDAS-COUTHARD, Carmen R. *Caro Colega: Exclusão linguística e invisibilidade*. Discurso & Sociedade, Vol. 1(2), pp.230-246, 2007.

CALIL, Gilberto. *Embates e disputas em torno das jornadas de junho*. Projeto História, São Paulo, n.47, pp.377-403, 2013.

CARRARA, Sérgio e SIMÕES, Júlio. *Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira*. In: Quereres. Cadernos pagu (28), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, pp. 65-99, 2007.

CARTILHA Nome social. *Garantia da utilização do nome social para as pessoas travestis e transexuais*. Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário.

CARVALHO, Angelita A. de; FONTES, Márcia B.; ARAÚJO, Elisson A. T. *Análise de conteúdo e bibliométrica dos artigos publicados na Revista Oikos nos últimos 10 anos*. Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica, Viçosa, v.23, n.2, pp.3-29, 2012.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. 1. ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COSTA, Claudia de L. *O sujeito no feminismo: revisitando debates*. Cadernos pagu (19), pp. 59-90, 2002.

\_\_\_\_\_. *O tráfico do gênero*. Cadernos pagu (11), pp.127-140, 1998.

COSTA-MOURA, Fernanda. *Proliferação das #hashtags: lógica da ciência, discurso e movimentos sociais contemporâneos*. Agora, Rio de Janeiro, v.XVII (número especial), pp.141-18, 2014.

DELPHY, Christine. *Rethinking sex and gender*. In: LEONARD, Diana; ADKINS, Lisa (Eds). **Sex in question: french materialist feminism**. Oxford: Taylor&Francis, pp.30-41, 1996.

DE MELO, Érica. *O feminismo não morreu – as Riot Grrrls em São Paulo*. Revista Ártemis, Vol.XV nº1, pp. 161-178, 2013.

DIAS, Marcio M. *Pink Money e Comunicação: análise de narrativas publicitárias e das interações em pontos de vendas no consumo LGBTI na cidade de Belém*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

DUQUE, Tiago. *Gêneros incríveis: identificação, diferenciação e reconhecimento no ato de passar por*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Campinas, SP: [s.n.], 2013.

\_\_\_\_\_. *Sexualidade, gênero e abjeção: Uma reflexão sobre direitos humanos e LGBT no Brasil contemporâneo*. Sociologia & Política – I Seminário Nacional Sociologia & Política, UFPR, 2009.

DUMONT, Louis. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Michael Shröter (org.); tradução, Vera Ribeiro – Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FACIOLI, Lara e PADILHA, Felipe. *Ética e pesquisa em Ciências Sociais: reflexões sobre um campo conectado*. Londrina – Mediações, v.24, n.1, pp.228-258, 2019.

FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro, Garamond, 2005.

FACCINI, Regina e França, Isadora L. *De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no movimento LGBT brasileiro*. Sexualidade, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana, n.3, pp.54-81, 2009.

FERNANDES, Felipe B. M. *Assassinatos de travestis e “pais de santo” no Brasil: homofobia, transfobia e intolerância religiosa*. Saúde em Debate – Rio de Janeiro, v.37, n.98, pp.485-492, 2013.

FERNANDES, Luis B.; BORGES, Águeda A. da C.; LÔBO, Rodolfo P. B. *Travestilidade às avessas – a desconstrução de uma “paródia” identitária*. Estudos Feministas, Florianópolis, 25(2): 562, pp.473-494, 2017.

FERREIRA, José Augusto Gerônimo. *Narrativas sobre gêneros e corpos fora da cis-heteronormatividade: uma pesquisa/viagem cartográfica (sobre)vivências trans\* não-binárias na universidade*. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Faculdade de Ciências e Letras. Assis, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/191436>>. Último acesso em: 01 de outubro de 2020.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 9ª ed. – Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2019 [1976].

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade 2: O uso dos prazeres*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. *Ética, sexualidade, política*. Manoel Barros Mota (org.). Tradução: Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. [Ditos e escritos; V] – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FREITAS, Lidia dos S. F. *Repertórios discursivos de gênero nas eleições presidenciais brasileiras de 2018*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Goiânia, 2019.

GOHN, Maria da Glória. *Novas teorias dos movimentos sociais*. 2. ed., São Paulo – LOYOLA, 2009.

\_\_\_\_\_. *A revolução será tuitada*. Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, 2013. Disponível em: <<http://www.fndc.org.br/clipping/a-revolucao-sera-tuitada-875783/>>. Último acesso em 15 de outubro de 2020.

\_\_\_\_\_. Os jovens e as praças dos indignados: Territórios de cidadania. *Revista Brasileira de Sociologia*, V.01, N.02, Jul-Dez, 2013.

GOLDMAN, Marcio. *Uma Categoria do Pensamento Antropológico: A Noção de Pessoa*. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v.39 n°1, pp. 83-109, 1996.

GOMES, José C e ZENAIDE, Maria de Nazaré T. *A trajetória do movimento social pelo reconhecimento da cidadania LGBT*. #Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia. V.8, n.1, Canoas, 2019.

GOULARTH, Neilton dos Reis. “*Eu sinto que eu sempre me encaixei nessa coisa de não ser homem e não ser mulher*”: *Tecendo saberes e experiências da não binaridade de gênero*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora. Programa de Pós-graduação em Educação, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/6682>>. Último acesso em 21 de abril de 2019.

HALL, Stuart. *A identidade cultura na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

\_\_\_\_\_. *Quem precisa da identidade?*. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (org.). 15. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HARAWAY, Donna. “*Gênero*” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos pagu* (22), pp.201-246, 2004.

HERNÁNDEZ, Carlos F. e SOTO, María Luisa Q. *La Teoría Queer: la des-construcción de las sexualidades periféricas*. *Sociológica*, año 24, n.69, pp.43-60, 2009.

KERGOAT, Daniele. *Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais*. *Revista Novos Estudos – CEBRAP* (86), 2010, p.93-103.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: Corpo e gênero dos gregos a Freud*. Tradução: Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LOURO, Guacira L. *GÊNERO, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO: Construção e desconstrução*. *Educação & Realidade* 20(2), pp.101-132, 1995.

LOURO, Guacira L. *Um corpo estranho*. 3. rev. amp. Belo Horizonte – Autêntica Editora, 2018.

MANSANO, Sonia R. V. *Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade*. *Revista de Psicologia da UNESP*, 8(2), pp.110-117, 2009.

MANZINI, Eduardo J. *Análise de artigos da Revista Brasileira de Educação Especial (1992-2002)*. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, jan-jun, v.9, n.1, pp.13-24, 2003.

MARTINS SOUZA, Heloisa H. T. de. *Metodologia qualitativa de pesquisa*. Educação e Pesquisa: São Paulo, v.30, n.2, pp.287-298, 2004.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Tradução Luiz Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU: EDUSP, 1974.

MELLO, Luiz; BRITO, Walderes; MAROJA, Daniela. *Políticas públicas para a população LGBT no Brasil: notas sobre alcances e possibilidades*. Cadernos pagu (39), pp.403-429, 2012.

MELLO, Luiz; BRAZ, Camilo; FREITAS, Fátima R. A. de; AVELAR, Rezende B. de. *Questões LGBT em debate: sobre desafios e conquistas*. Sociedade e Cultura, Goiânia, v.15, n.1, pp.151-161, 2012.

MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Um Objetivo para os Movimentos Sociais?*. Lua Nova (17): São Paulo, junho, pp. 49-66, 1989.

MISKOLCI, Richard. *Comentário*. Cadernos Pagu (28), pp.55-63, 2007.

\_\_\_\_\_. *A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização*. Sociologias, Porto Alegre, (21), pp. 150-182, 2009.

\_\_\_\_\_. *Estranhando as Ciências Sociais: Notas introdutórias sobre Teoria Queer*. Revista Florestan, Ano.1., n.2, 2014.

\_\_\_\_\_. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2. ed. rev. e ampl. – Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2015.

MISKOLCI, Richard e PELÚCIO, Larissa. *Fora do sujeito e fora do lugar: Reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis*. Niterói, v.7, n.2, pp.257-269, 2007.

MIRANDA, Olinson C. e GARCIA, Paulo César. *A Teoria Queer como representação da cultura de uma minoria*. III Encontro Baiano de Estudos em Cultura, 2012.

MOLINA, Luana Pagano P. *A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual*. Antíteses, v.4, n.8, pp.949-962, 2011.

NEIVA, Giórgia de A. *“Já Experimentou para Saber se Gosta?” – Assexualidades na Sociedade Sexualizada*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Goiânia, 2019.

PISCITELLI, Adriana. *Re-criando a (categoria) mulher?* In: ALGRANTI, L. (Org.). *A prática feminista e o conceito de gênero*. Textos Didáticos, n. 48. Campinas: IFCH/Unicamp, p. 7-42, 2002.

PISCITELLI, Adriana. *Reflexões em torno do gênero e feminismo. In: Poéticas e políticas feministas*. Claudia Lima Costa e Simone Pereira Schmidt (orgs.) – Ed. Mulheres, Florianópolis, 2004.

PISA, Lícia Frezza. *Androginia como identidade contemporânea: a construção do ethos em revistas nacionais*. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Escola de Comunicação, Educação e Humanidades da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo de Campo, 2017. Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1722>>. Último acesso em 21 de abril de 2019.

PLEYERS, Geoffrey. *Ativismo das ruas e on line dos movimentos pós-2011*. Lutas Sociais, São Paulo, v.17, n.31, pp.87-96, 2013.

PODESTÀ, Lucas L. de. *Os usos do conceito de transfobia e as abordagens das formas específicas de violência contra pessoas trans por organização do movimento trans no Brasil*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Goiânia, 2018.

PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrassexual*. Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro. 1. ed. – São Paulo, 2014.

\_\_\_\_\_. *Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”*. Estudos Feministas, Florianópolis, 19(1):312, 2011.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene C. *Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler*. Estudos Feministas, pp.155-167, 2002.

REUDIGER, Marco A.; MARTINS, Rafael; LUZ, Margareth da; GRASSI, Amaro. *Ação coletiva e polarização na sociedade em rede para uma teoria do conflito no Brasil contemporâneo*. Revista Brasileira de Sociologia – SBS, Vol. 2, No.04, pp.203-234, 2014.

ROSE, Nikolas. *Como se deve fazer a história do eu?* Educação & Realidade, 26(1), pp.33-57, jan/jul., 2001.

RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo*. Tradução: Christine Rufino Dabat, Edileuza Oliveira da Rocha e Sonia Corrêa. Edição S.O.S Corpo – Recife, 1993.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Tradução e nota Guacira Lopes Louro. 1. ed., Belo Horizonte – Editora Autêntica, 2013.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade 20 (2), pp.71-99, 1995.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *A epistemologia do armário*. In: Quereres. Cadernos pagu (28), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, pp. 19-54, 2007.

SHIENBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?*. EDUSC: Bauru, SP, 2001.

SILVA, Andressa H. e FOSSÁ, Maria Ivete T. *Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos*. Qualit@as Revista Eletrônica. Vol.17, n.1, 2015.

SILVA, Augusto S. e MADUREIRA, José (orgs.). *Metodologia das Ciências Sociais*. 8ª edição, Lisboa: Afrontamento, 1986.

SILVA, Sofia Vilela de Moraes e. *Discriminação por identidade de gênero no direito do trabalho: a desconstrução do dispositivo binário centrado na polaridade homem/mulher para ampliar os cânones da proteção*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-graduação em Direito. Recife, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/18312>>. Último acesso em: 01 de outubro de 2020.

SILVA, Tomaz T. da. *A produção social da identidade e da diferença*. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (org.). 15. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SIMÕES, Julio A. e FACCINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: Do movimento homossexual ao LGBT*. Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SIQUEIRA, Tatiana L. *Joan Scott e o papel da história na construção das relações de gênero*. Revista *Ártemis*, v.8, pp.110-117, 2008.

SOMAVIRA, Mariana; TOMAZETTI, Tainan P. e ROSÁRIO, Nísia M. do. *Mídias sociais e produção de subjetividades: subversões de pessoas não-binárias através do Twitter*. ChasquiChasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación, Ecuador: CIESPAL, n.138, pp.333-352, 2018.

SPINK, MJP. Pessoa, indivíduo e sujeito: notas sobre efeitos discursivos de opções conceituais. In: SPINK, MJP., FIGUEIREDO, P., and BRASILINO, J., orgs. *Psicologia social e personalidade* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais; ABRAPSO, pp. 1-22, 2011.

SWAIN, Tania N. “*As teorias da carne*”: *corpos sexados, identidades nômades*. Revista *Labrys*, Estudos Feministas, web, v.1-2, n.jan/dez, 2002.

\_\_\_\_\_. *Que corpo é este que me escapa, esta identidade que me persegue?* Caderno Espaço Feminino, v.23, n.1-2, pp.19-41, 2010.

TAVARES, Wellington; PAULA, Ana Paula P. de. *Movimentos Sociais em Redes Sociais Virtuais: Possibilidades de organização de ações coletivas no ciberespaço*. RIGS – revista interdisciplinar de gestão social, v.4, n.1, jan./mar., 2015.

TILIO, Rafael De. *Teorias de gênero: Principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas*. Gênero, Niterói, v.14, n.2, pp.125-148, 2014.

TORRÃO FILHO, Almícar. *Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam*. Cadernos pagu (24), pp.127-152, 2005.

VIEIRA, Marcelo. “*Quero poder existir*”: *contornos da violência simbólica contra orientações sexuais não binárias entre universitários LGBT na Universidade Federal de Santa Catarina*. Dissertação de mestrado. Florianópolis, SC, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/160738>>. Último acesso em: 21 de abril de 2019.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 7ª impressão – Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VIEIRA, Andressa B. *Movimentos sociais e mídia: uma complexa relação no progresso da formulação da agenda*. Tempo da Ciência, v.22, n.43, pp.29-41, 2015.

WEBER, Max. *Metodologia das ciências sociais*. Tradução de Augustin Wernet. 5ª. ed. – São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

WISNIEWSKI, Ana Patrícia Racki. *A legitimidade das identidades de gênero não binárias e o reconhecimento de suas demandas como reivindicações de direitos humanos*. Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-graduação em Direito, 2015. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6011>>. Último acesso em: 21 de abril de 2019.

WITTMANN, Isabel. *Corpo, gênero e identidade: experiências transgênero na cidade de Manaus*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Manaus, 2016. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5422>>. Último acesso em: 01 de outubro de 2020.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org.). 15. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

#### **Matérias e sites:**

AYER, Flávia. *Moda sem gênero ganha cada vez mais simpatizantes e aponta mercado em crescimento*. Estado de Minas – Economia, 17 de set. de 2017. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2017/07/16/internas\\_economia,884217/moda-agora-e-sem-genero.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2017/07/16/internas_economia,884217/moda-agora-e-sem-genero.shtml)>, último acesso em 09 de setembro de 2020.

*Céline Dion lança coleção sem gênero de roupas infantis*. Claudia, 16 de nov. de 2018. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/famosos/celine-dion-lanca-colecao-sem-genero-de-roupas-infantis/>>, último acesso em 09 de set. de 2020.

PINHEIRO, Ana Carolina. *Ele ou ela? A série “Todxs nós” da HBO é um convite para repensar o gênero*. Claudia, - 29 mar. 2020. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/cultura/ele-ou-ela-a-serie-todxs-nos-da-hbo-e-um-convite-para-repensar-o-genero/>>, último acesso em 09 de setembro de 2020.

*Marca cria linha de bonecos sem gênero definido*. Claudia, 25 de set. 2019. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/noticias/bonecos-sem-genero/>>, último acesso em 09 de setembro de 2020.

*Os brasileiros não-binários que lutam pelo reconhecimento do gênero neutro: 'Não me considero homem, nem mulher'*. G1 [online], 26 de mar. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/03/26/os-brasileiros-nao-binarios-que-lutam-pelo-reconhecimento-do-genero-neutro-nao-me-considero-homem-nem-mulher.ghtml>>, último acesso em 09 de setembro de 2020.

TEIXEIRA, Gabriela e LIMA, Bárbara dos Anjos. *Qual é o futuro do gênero?* Claudia, 06 de mar. 2020. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/sua-vida/identidade-de-genero/>>, último acesso em 09 de setembro de 2020.

*Bebê canadense é registrado sem identificação de sexo.* Claudia, 05 de jul. 2017. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/noticias/bebe-canadense-sexo-genero/>>, último acesso em 10 de setembro de 2020.

QUERINO, Rangel. *Estado da Califórnia passa a adotar terceiro gênero: o não-binário.* Observatório Uol, 18 de out, 2017. Disponível em: <<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/estado-da-california-passa-a-adotar-terceiro-genero-o-nao-binario>>, último acesso em 10 de setembro de 2020.

QUERINO, Rangel. *Nova York passa a reconhecer “terceiro gênero” em registro oficial.* Observatório Bol, 6 de jun. de 2018. Disponível em: <<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/nova-york-passa-a-reconhecer-terceiro-genero-em-registro-oficial>>, último acesso em 10 de setembro de 2020.

*Comunidade LGBT de luto por assassinato de estudante “não-binário” no Rio.* Uol, universa, 07 de maio de 2018. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/afp/2018/05/07/comunidade-lgbt-de-luto-por-assassinato-de-estudante-nao-binario-no-rio.htm>>, último acesso em 10 de setembro de 2020.

EIRAS, Natália. *Ele se veste como cachorro e diz não ser humano; o que é um transespécie?* Uol, Universa, 30 de nov. 2018. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/11/30/ele-se-veste-como-cachorro-e-diz-nao-ser-uma-pessoa-o-que-e-transespecie.htm>>, último acesso em 10 de setembro de 2020.

*Polícia conclui que estudante foi morta por traficantes no Rio.* Agência Brasil, Brasil, Rio de Janeiro, 01 de set. 2019. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/policia-conclui-que-estudante-foi-morta-por-trafficantes-no-rio-07012019>>, último acesso em 10 de setembro de 2020.

SOUZA, Samilla de. *Alemanha aprova registro do terceiro gênero na certidão de nascimento e identidade.* Uol, observatório, 3 de jan. 2019. Disponível em: <<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/alemanha-aprova-registro-do-terceiro-genero-na-certidao-de-nascimento-e-identidade>>, último acesso em 10 de setembro de 2020.

*Lei de identidade de gênero entra em vigor no Chile.* Uol, notícias, 28 de dez. 2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2019/12/28/lei-de-identidade-de-genero-entra-em-vigor-no-chile.htm>>, último acesso em 10 de setembro de 2020.

MENEZES, Matheus Henrique. *Sam Smith se define como não-binário e adota pronome neutro.* Uol, observatório, 14 de set. 2019. Disponível em: <<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/sam-smith-se-define-como-nao-binario-e-adota-pronome-neutro>>, último acesso em 10 de setembro de 2020.

*Holanda diz que vai excluir identificação de gênero em documentos.* Uol, internacional, São Paulo, 04 de set. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/07/04/holanda-anuncia-que-vai-excluir-sexo-de-documentos-de->

[identidade.htm#:~:text=O%20governo%20da%20Holanda%20anunciou,partir%20de%202024%20ou%202025>](#), último acesso em 10 de setembro de 2020.

RIBEIRO, Paddy. *C&A lança nova coleção agênero e porque isso não é tão fantástico assim*. Blog, 17 de mar. 2016. Disponível em: <<https://medium.com/@paddyribeiro/c-a-lan%C3%A7a-nova-cole%C3%A7%C3%A3o-ag%C3%AAnero-e-porque-isso-n%C3%A3o-%C3%A9-t%C3%A3o-fant%C3%A1stico-assim-f8e609caf58d>>, último acesso em 12 de setembro de 2020.

MEIR, Jacques. *A questão de gênero ainda inquieta as empresas. Mas é possível mudar isso*. Consumidor Moderno, 12 de mar. 2019. Disponível em: <<https://www.consumidormoderno.com.br/2019/03/12/questao-de-genero-ainda-inquieta-as-empresas-mas-e-possivel-mudar-isso/>>, último acesso em 13 de setembro de 2020.

MCGREGOR, Jena. *Empregadores se preparam para um mundo de gênero não binário*. Estadão, economia, 28 de dez. 2019. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/blogs/radar-do-emprego/empregadores-se-preparam-para-um-mundo-de-genero-nao-binario/>>, último acesso em 13 de setembro de 2020.

ZOGBI, Paula. *Com campanha “sem gênero”, C&A busca liberdade e “mente aberta”*. Infomoney, São Paulo, 18 de mar. 2016. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/mercados/com-campanha-sem-genero-ca-busca-liberdade-e-mente-aberta/>>, último acesso em 13 de setembro de 2020.

RITTER, Dimitriu. *C&A lança linha de roupas sem distinção de gênero*. GZH, moda, 16 de mar. 2016. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/moda/noticia/2016/03/c-a-lanca-linha-de-roupas-sem-distincao-de-genero-cjpl6f41t005bwscn2b001wv8.html>>, último acesso em 13 de setembro de 2020.

LOUREIRO, Gabriela e VIEIRA, Helena. *Tudo o que você sabe sobre gênero está errado*. Revista Galileu, 17 de maio 2016. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2016/05/tudo-o-que-voce-sabe-sobre-genero-esta-errado.html>>, último acesso em 13 de setembro de 2020.

MOURA, Rafael M. *Pronomes neutros ganham espaço nas ruas, redes sociais e até em empresas*. Estadão, notícias, 16 de set. 2019. Disponível em: <<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,pronomes-neutros-ganham-espaco-nas-ruas-redes-sociais-e-ate-em-empresas,70003012260>>, último acesso em 13 de setembro de 2020.

CARVALHO, Vicente. *Fotógrafa registra acampamento para crianças que questionam as normas da identidade de gênero*. Hypeness, maio de 2014. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2014/05/fotografo-registra-acampamento-somente-para-meninos-com-identidade-de-genero-diferente-dos-que-nasceram/>>, último acesso em 14 de setembro de 2020.

CARVALHO, Vicente. *Fotógrafa retrata jovens que não se identificam com nenhum gênero*. Hypeness, maio de 2014. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2014/05/auto-retratos-de-jovens-que-se-identificam-como-sem-generos/#>>, último acesso em 14 de setembro 2020.

*Gênero neutro é reconhecido pela Suprema Corte da Austrália.* G1, notícia, 01 de abril 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/04/genero-neutro-e-reconhecido-pela-suprema-corte-da-australia.html>>, último acesso em 14 de setembro de 2020.

*Não-binários publicam selfies nas redes para mostrar o que significa essa identidade de gênero.* O Globo, economia, Rio de Janeiro, 28 de out. 2014. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/nao-binarios-publicam-selfies-nas-redes-para-mostrar-que-significa-essa-identidade-de-genero-14383736>>, último acesso em 14 de setembro de 2020.

*Crime no Rio de Janeiro tem como alvo pessoa não binária.* G1, Fantástico, 13 de maio de 2018. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2018/05/crime-no-rio-de-janeiro-tem-como-alvo-pessoa-nao-binaria.html>>; último acesso em 14 de setembro de 2020.

YAMASAKI, Bruna. *Proposta no Senado propõe inclusão de gênero neutro em RG e CPF.* DL News, notícias, 18 de fev. 2020. Disponível em: <<https://dlnews.com.br/noticias?id=19018/proposta-no-senado-propoe-inclusao-de-genero-neutro-em-rg-e-cpf>>, último acesso em 14 de setembro de 2020;

HELIODORO, Lazare. *Inclusão do gênero neutro nos documentos oficiais de identificação.* Senado, cidadania, ano 2020. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/cidadania/visualizacaoideia?id=130530&voto=favor>>, último acesso em 14 de setembro de 2020.

QUERINO, Rangel. *Parlamento alemão aprova lei que permite a inclusão do terceiro gênero nos documentos oficiais.* Observatório Bol, UOL, 17 de dez. de 2018. Disponível em: <<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/parlamento-alemao-aprova-lei-que-permite-a-inclusao-do-terceiro-genero-nos-documentos-oficiais>>, último acesso em 11 de novembro de 2020.